

AMÁLIA
A revelação de capítulos clandestinos na história da fadista dá-nos uma dimensão mais complexa da sua vida e da sua personalidade



A HISTÓRIA SÉCRETA DE AMÁLIA

FOI CITADA NUM RELATÓRIO DA PIDE, FINANCIOU A RESISTÊNCIA A SALAZAR E AJUDOU PRESOS POLÍTICOS. COMO A VOZ DO POVO LIDOU COM A DITADURA E MANTEVE RELAÇÕES CLANDESTINAS COM A OPOSIÇÃO. UMA INVESTIGAÇÃO FINANCIADA PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

POR MIGUEL CARVALHO

PARTE 1 – PÁG. 22

**POBREZA, SALAZAR
E OS COMUNISTAS DO FADO**

PARTE 2 – PÁG. 36

**AMÁLIA E A RESISTÊNCIA:
A RELAÇÃO SECRETA**

PARTE 3 – PÁG. 48

**AS AMEAÇAS DO REGIME
E A “PRINCESA DA PIDE”**

PARTE 4 – PÁG. 60

**OULMAN, OS HOMENS DO PCP
E A REVOLUÇÃO MUSICAL**

BIOGRAFIA

Os anos de Amália em Alcântara foram marcados pela pobreza. Mas o bairro escondia outras realidades

O DESPERTAR DA VERDADE

P A R T E I

NO ANO DA MORTE DE AMÁLIA RODRIGUES, SARAMAGO ABRIU O LIVRO DOS SEGREDOS DA FADISTA. SIM, ELA AJUDOU A RESISTÊNCIA A SALAZAR. E ATÉ HAVIA O RELATÓRIO DE UM INFORMADOR DA PVDE (ANTECESSORA DA PIDE) SOBRE AS SUAS LIGAÇÕES À ORGANIZAÇÃO COMUNISTA NO FADO. AFINAL, QUE AMÁLIA ESTAVA AINDA POR DESCOBRIR?

POR MIGUEL CARVALHO

Naquele fim de tarde de outono, quase noite, José Saramago mal disfarçara a irritação. Fato azul, camisa branca e gravata cinzenta listada, chegara, pontual, ao edifício do século XIX no Quai d'Orsay, em Paris. Na sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na margem esquerda do Sena, o governo francês iria agraciá-lo com a Legião de Honra, mas o atraso do ministro Pierre Moscovici fê-lo remoer as circunstâncias.

Era quarta-feira, 6 de outubro de 1999, e ele estava cansado. A descortesia lembrava-lhe a urgência de travar o saturante carrossel de conferências e homenagens iniciado com a atribuição do Nobel da Literatura no ano anterior.

A chegada de Moscovici pouco disfarçou o seu enfado, notado à légua pelos mais próximos, entre eles, a mulher, Pilar del Río, e Claude Cherki, da editora francesa da sua obra. Findos os discursos, pairava uma atmosfera fatalista: uma frase da sua avó Josefa fora citada para ilustrar a dificuldade do neto em encarar o poente da vida: “O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer”, dissera ela, na memória do escritor.

Na verdade, o tema estava na ordem do dia, mas o Nobel não era para ali chamado.

De Lisboa, tinham chegado os ecos da morte de Amália Rodrigues, aos 79 anos. O corpo da cantora fora encontrado às primeiras horas da manhã na casa de banho do palacete da Rua de São Bento, 193, nas imediações do Parlamento, pela amiga Ilda Aleixo, que ali morava e

lhe costurava os vestidos. Povo, família e personalidades precipitaram-se em direção à moradia da “diva”, entre choros e pesares. O Estado declarou três dias de luto nacional.

A mais de 1 700 quilómetros, a Imprensa francesa resgatou arquivos. O planeta rendeu-se. Naquele século, Amália arrepiara o mundo sem olhar a regimes, classes ou geografias, chamando a si esse canto melancólico e sofrido, outrora cultivado entre marginais e subversivos dos bairros operários da capital portuguesa, o fado.

Correspondente do jornal *Público* em Paris, Ana Navarro Pedro adiantara a escrita do artigo do dia com reações locais à morte da mulher que conquistara França e também recebera a Legião de Honra. Esperava obter uma reação do escritor. Por momentos, refletira na ironia de, naquela ocasião, se cruzarem e se celebrarem dois destinos tão diferentes: o adeus de Amália, promovida e usada pela ditadura de Salazar, e a consagração de Saramago, anónimo e clandestino militante comunista no passado. Finalmente, “encontravam-se”. No mesmo dia, com o mundo a ver.

Movida por esse pensamento, aproveitou o instante em que o Nobel cruzava duas portas separadas por um estreito corredor e bloqueou os seus passos.

Primeiro, com o corpo. Depois, com a pergunta a bailar entre os lábios.

“A realidade é sempre mais complexa do que parece”, reagiu Saramago, brusco.

“Essa mesma Amália que se diz que era celebrada pelo salazarismo, algumas



GETTY IMAGES

MENINA DO POVO

Em miúda, cantava no Cais da Rocha. Andou pelas marchas e verbenas (entre as quais a do Carcavelinhos) e só depois abraçou a carreira profissional. Da rua aos palcos, a ligação ao povo esteve sempre em primeiro lugar para Amália

No PCP havia versões desconstruídas sobre a finalidade dos contributos de Amália Rodrigues durante a ditadura. Mas eles existiram durante décadas

vezes fez chegar dinheiro através de pessoas, dinheiro que ela sabia que ia para o Partido Comunista Português, então na clandestinidade.”

O escritor dispensava rótulos. “Por debaixo das etiquetas, (...) havia, por parte de Amália, outras atitudes e outras ações.” Daí, os silêncios em vida, justificara. “Afinal de contas”, explicou, “ela estaria sujeita a uma inconfidência [sobre as suas dádivas] e, provavelmente, iriam perguntar-lhe: «O que é isso? Então, agora, dá dinheiro ao partido?»”, ironizou Saramago, rendendo-se, por fim, ao percurso da fadista. “Duvido que alguém tenha tido, com as pessoas, uma ligação tão profunda durante tantos anos, mesmo quando deixou de cantar, era uma referência. Dizíamos ‘Amália’ e, quando alguém é conhecido só pelo nome próprio, já não pode ir mais além. Desapareceu e é uma perda”, lamentara, entrando no salão onde decorreria a degustação de bacalhau preparada pelo chef do Quai d’Orsay em sua honra.

No dia seguinte, Saramago voou para Bilbao.

Na biblioteca de Bidebarrieta, esperava-o o lançamento da edição basca da *História do Cerco de Lisboa*, mas o mistério Amália adensara-se a partir das palavras de Paris e os espanhóis queriam pormenores. Então, Saramago reforçou: “através de intermediários”, a cantora que “apareceu aos olhos do mundo como vivendo em paz com a situação política de então”, fizera, na verdade, chegar dinheiro “aos inimigos do regime. Não digo que fosse progressista, mas objetivamente foi”. Alguns apoios estariam até registados nos arquivos do PCP, mas Saramago recusara entrar em detalhes, escudando-se no facto de o partido nunca revelar as ajudas financeiras.

Em Portugal, a repercussão das suas declarações sobre o caso contaminou a campanha para as eleições legislativas de domingo, 10 de outubro.



Num comício comunista em Montemor-o-Novo, cantou-se o fado em homenagem a Amália e fez-se um minuto de silêncio. Em Lisboa, na sede nacional da Rua Soeiro Pereira Gomes, quase não havia reuniões. A azáfama estava na rua, sucediam-se ações eleitorais, mas militantes e dirigentes pareceram atarantados com aquilo que o camarada nobelizado dissera em França. “O Saramago não era controlável, não pedia licença ao PCP para dizer o que lhe apetecia”, reconhece Vítor Dias, então membro da comissão política e responsável pela comunicação do partido. “Tivemos de gerir o tema nos corredores e em cima da hora...”

Boa parte da direção da época, a começar pelo economista e secretário-geral, Carlos Carvalhas, não pertencia ao grupo de heroicos resistentes antifascistas, nem sofrera torturas nas cadeias da ditadura. Se afloradas, as ajudas de Amália eram, para eles, sussurros longínquos, protegidos por secretismos e códigos herdados de lutas vigiadas pela polícia política. Apenas Maria Alda Nogueira, que passara parte da vida na prisão, mas falecera no ano anterior, tocara ao de leve no tema, em 1995.

Na clandestinidade, contara ela ao *Público*, batera à porta da Rua de São Bento onde a vedeta vivia desde 1955. Conheciam-se desde a meninice. Acompanhada por outros dirigentes, pediu-lhe ajuda para operários em greve. “A Amália abriu o cofre e deu-nos todo o dinheiro”, revelou. “Creio que foi pela minha mãe que o Saramago soube dessas contribuições”, recorda o filho, António Vilarigues, militante do PCP radicado nas Beiras. “A Amália não fez comentários e entregou tudo o que tinha.”

A revelação, feita com a fadista viva, não despertara curiosidade por aí além. Com a sua morte, o secretismo destapara-se de vez graças a Saramago.

“O tema era, na generalidade, desconhecido daquela direção”, assume Vítor Dias. “Os mais velhos não tinham dado pormenores e as compartimentações no interior do partido não ajudavam. Eu era da geração de dirigentes que não tinha informação ou memória sobre o tema. Por isso, quando o Saramago falou, gerou-se uma certa desorientação”, admite Vítor Dias.

A afilhada do escritor Alves Redol foi determinante para fixar a narrativa do partido usada para consumo público. Militante desde 1953, Ivone Dias Lourenço tinha vasto currículo de clandestinidade. Era funcionária do PCP e filha do “histórico” António Dias Lourenço. “Não caíam nessa”, interveio, veemente, quando a polémica estalou. “A Amália deu dinheiro para presos políticos, não ao partido.”

Embora a esmagadora maioria dos detidos por motivações políticas fosse, à época, comunista, “não podíamos transformar isso em apoios ao PCP, pois esses contributos iam, sobretudo, para famílias dos presos, a viver imensas dificuldades”, reconhece Vítor Dias. “A quase exasperação com que a Ivone avisou para não cairmos na tentação de confundir as coisas foi de tal forma que, naquela barafunda, ninguém se lembrou de perguntar em que é que ela se baseava para dizer aquilo.”

Na verdade, havia versões desencontradas entre militantes históricos sobre o papel da cantora nesses tempos sombrios. Inclui dentro da mesma família.

Por esses dias, o pai de Ivone, António Dias Lourenço apalavrava uma conversa sobre o tema com um diário da capital. O antigo responsável pelo *Avante!* clandestino, órgão oficial do partido, preparava-se para desvendar os apoios de Amália aos comunistas desde finais da década de 1940. Com eleições à porta, sem tempo para assentar poeira e receando contradições públicas, a direção do PCP travou a bola de neve através de conversas persuasivas junto do jornal. “A entrevista não saiu, mas esteve, de facto, prevista”, recordou Ruben de Carvalho, compêndio do fado no interior do PCP e diretor da *Festa do Avante!*, entretanto falecido.

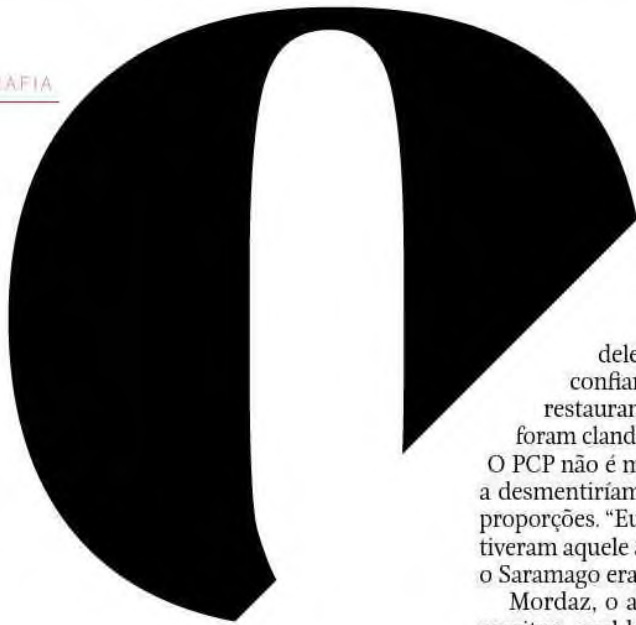
As reações às palavras de Saramago multiplicavam-se nos jornais, algumas indignadas. O fadista João Braga, de direita, negara as ligações, relevava a humanidade da fadista sem olhar a quem e saíra em defesa da pureza virginal de Amália em relação à política, condenando o “oportunismo” eleitoralista do PCP. “Na altura, tive a sensação de que o Saramago fez um frete ao partido”, assume Rui Vieira Nery, musicólogo, filho de Raul Nery, icónico guitarrista de Amália. “A partir da reação de afeto gerada pela morte dela, o partido não quis ficar como único vilão da história. Aí, entrou Saramago, com o seu prestígio pessoal e cultural, lembrando que Amália dera dinheiro ao PCP e aos presos políticos.” Foi, resume Nery, “uma tentativa de desviar a atenção do facto de personalidades comunistas terem sido hostis ao fado e à Amália no passado, dando, ao mesmo tempo,



MUSEU DO FADO

AMÁLIA E CELESTE

As duas irmãs não cresceram juntas nos primeiros anos de vida. Amália nasceu e viveu em Lisboa com os avós. Celeste só mais tarde sairia do Fundão com os pais para viver em Alcântara. Só elas alcançaram a fama



Através de Alda Nogueira, dirigente comunista e amiga de infância, Amália deu dinheiro e um anel para ajudar a resistência



ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

ESCOLA

Foi na escola primária da Tapada da Ajuda, em Alcântara, que Amália estudou durante três anos e três meses. Apesar de boa aluna, foi retirada do ensino pela avó, que achava que ela já sabia muito para uma rapariga da sua idade e precisava de desenrascar um ofício

a ideia de que o PCP teria sido, afinal, um aliado inesperado”. Se tudo obedecera a uma estratégia, não parecia.

“A Amália Rodrigues sempre teve grandes amigos no PCP. Um deles, até mais do que o Ary dos Santos, era o ator Rogério Paulo, da confiança total do partido e dela”, disse Ruben de Carvalho, à mesa do restaurante Tia Matilde, meses antes de falecer. “Os contributos da Amália foram clandestinos. Se o foram, era nossa obrigação que continuassem a sê-lo. O PCP não é muito dado a fazer confidências, mas, se ela o tivesse feito, nunca a desmentiríamos”, dissera, recuando ao dia em que a revelação tomou outras proporções. “Eu não teria feito as declarações que o Saramago fez na ocasião, pois tiveram aquele ar de aproveitamento oportunista lamentável”, reconheceu, “mas o Saramago era uma Amália!”

Mordaz, o ator Raul Solnado desmontou, nos jornais, as duas facetas do escritor, qual homem duplicado. Um era aquele que falara sobre contributos de Amália para o PCP. O outro era o subdiretor do *Diário de Notícias* após a ditadura. Este Saramago nunca saíra em defesa da fadista quando ela mais precisara, a época em que “pessoas exaltadas de fervor revolucionário” se juntaram à sua porta, chamando-lhe “traidora, vendida e fascista”. Teria sido natural que levantasse a voz e contasse a verdade sobre os gestos de solidariedade de Amália, mas “Saramago não o fez”, resumira Solnado.

Nesse tempo, grupos de “manifestantes enfurecidos” ameaçaram rapar o cabelo a Amália. Isso mesmo relatara a irmã e fadista Celeste Rodrigues ao repórter de origem italiana Alessandro Porro, que assistira à queda de Mussolini e se deslocara a Lisboa para ver a revolução. “Já em 1975, há, creio, uma manifestação da Intersindical que passa na Rua de São Bento e decide-se assaltar a casa”, recorda Rui Vieira Nery. “Quem salvou a situação foi o José Manuel Osório, do PCP, admirador da Amália, fadista e grande estudioso do fado. No meio do desvario, atravessou-se à frente da porta e disse: ‘Camaradas, aqui, não! Aqui, mora uma mulher do povo!’ Teve frieza, força e convicção para os afastar e a coisa acalmou. Caso contrário, poderia ter acontecido o que, nessa altura, aconteceu na Embaixada de Espanha: entrem e saquearem tudo.”

Um gesto longe de surpreender a amiga e fadista Maria da Nazaré. “O Zé Manel defendia a Amália nem que fosse diante do Papa”, assume, perentória. “Cortou relações com muita gente de esquerda por terem falado mal dela. Ele não engolia sapos.” A transmontana Estrela Carvas, antiga assistente de Amália e guardiã de invejável património documental e audiovisual sobre a mulher que serviu durante 30 anos, lembra-se bem de José Manuel Osório. “Ela adorava-o! Foi algumas vezes lá a casa, mesmo quando já estava doente. Era um homem dos pés à cabeça. Garantiu-lhe que o PCP nunca a hostilizara e atribuía os excessos desses tempos a apêndices do partido que tomavam atitudes pessoais.” Luís Osório, jornalista e filho do cantor, não se espanta. “Sempre ouvi o meu pai e a minha avó dizerem que a Amália ajudava famílias dos presos políticos”, rebobina. Também por isso, o pós-revolução foi algo indigesto. “Houve um momento em que o meu pai ficou aborrecido porque o PCP não dizia tudo o que sabia sobre a Amália. Eram sempre os mesmos a defendê-la e ele ficava indignado e triste com isso...”

Agente infiltrada da polícia política (PIDE), “cantora do regime”, amante de Salazar e do banqueiro Ricardo Espírito Santo, contrabandista, produto embalado pela ditadura para exportação – palavras do cantor Carlos do Carmo à Rádio Jornal do Brasil –, Amália foi, também, associada a tentativas de assassínio do general oposicionista Humberto Delgado no Rio de Janeiro. Dela, disseram tudo, à esquerda e na penumbra das invejas fadistas, nos primeiros anos de democracia. “Nunca havia pensado que as pessoas estivessem tão interessadas na minha vida para além do aspeto artístico, dando-se ao luxo de comentar e especular através da calúnia”, desabafou Amália, logo em maio de 1974, era a liberdade recém-nascida. “Talvez as pessoas não se apercebiam nunca do mal que me fizeram. É uma mancha de amargura que nunca se apagará.”

Disso foi testemunha o físico Hélder Bértolo, companhia e consolo nos últimos anos de vida. “Existiu nela, até ao fim, um sentimento de grande injustiça e a noção de que tinha sido uma espécie de bode expiatório daqueles tempos. Houve intenção de ligar o fado ao fascismo e ela, por maioria de razão, foi o principal alvo”, recorda, a partir de desabafos escutados noite dentro, na sala da cantora, com chá e queijo sobre a mesa, e o olhar atento da jovem Amália pintada



MUSEU DO FADO

Foto - Perestrelos
Madeira

por Eduardo Malta. “Argumentava: se era verdade que a ditadura se aproveitara dela, também era certo que tinha dado jeito ao novo regime. ‘Eu sou a toalha que eles põem na mesa quando têm visitas’, dizia; mas não tenho nada a ideia de que a Amália fosse de direita”, assume Hélder. “Para mim, foi progressista, violou os cânones de uma época. A Amália só se tornou anticomunista por causa do que lhe fizeram a seguir à revolução.”

Até ao ano da morte de Amália Rodrigues, nunca, ao escritor nascido na Azinhaga, se ouvira qualquer memória sobre as contribuições clandestinas da cantora idolatrada. Nem a sua negação, pelo menos em público. “Uma vez, falei-lhe do fado e de Amália Rodrigues, e Saramago ficou sério, quase chateado”, contou o escritor canário Emilio González Déniz numa crónica em 2010, recordando conversa antiga. “Dizia que o fado era um mecanismo para fazer de Portugal um povo débil. De Amália, não quis falar, mas entendi que não era santo da sua devoção pela proximidade dela ao regime salazarista”, escreveu aquele poeta e romancista espanhol no jornal *Canarias 7*.

Quando acasalaram num pequeno apartamento da Rua dos Ferreiros, à Estrela, Pilar e Saramago passavam, por vezes, diante da residência da cantora, a 300 metros.

Nunca lhe bateram à porta, mas o passeio dava pretexto para rememorar episódios esporádicos, a começar pelos jantares promovidos pelo Presidente da República, Mário Soares, que juntavam, entre outros, a fadista e o escritor. “Saramago não era amigo do fado, mas sabia distinguir a qualidade. E Amália tinha-a”, conta Pilar, presidente da fundação que leva o nome do marido, na Casa dos Bicos, onde a cantora sonhou, um dia, instalar o seu retiro artístico. “A Amália não fazia reverências e não as fez com Saramago. Ele era igual, também não se punha ‘aos seus pés, senhora’. Eram duas pessoas muito dignas, que se respeitavam e se reconheciam.”

Pilar recorda histórias ilustrativas da personalidade de ambos.

Um dia, pela meia-noite, um colega da TVE, canal público espanhol onde a jornalista trabalhara, telefonou-lhe com um pedido estranho e a desoras: “Por acaso, não tens uma meia Christian Dior que possas emprestar?” A equipa de televisão estava perto, na residência de Amália, para a entrevistar, mas as lojas já estavam fechadas. Pilar não podia ajudar, nunca usara tal. “A Amália dizia que era preciso filmar com uma meia Dior colocada na câmara para a imagem sair melhor, pois, segundo ela, seria a malha mais adequada à imagem que queria projetar. Não houve Dior, claro, mas lá acabou por haver uma meia!”

PRIMEIROS TEMPOS

Após vencer a resistência familiar e já com as portas da fama abertas pelo Retiro da Severa, em 1939, Amália nunca mais parou. Dos eventos públicos aos concertos privados (alguns deles para a aristocracia da capital), a fadista começou a ser falada e solicitada por todo o País



MUSEU DO FADO

REQUISITADA E SEGUIDA

“Tinha uma idade em que a tristeza ainda não me preocupava, tinha 20 anos e apanhei Lisboa cheia de gente bonita, cheia de gente bem vestida, as casas estavam cheias.”
Na década de 1940, Amália atua em afamados locais, como o Luso, onde arrasta multidões

Em casa, Amália ouve falar bem de Salazar. Mas num relatório da polícia política é identificada como elemento da “Organização Comunista no Fado”

graceja Pilar. Noutra ocasião, antes da atribuição do Nobel, o casal regressava de longa viagem de avião em executiva, fazendo escala em Madrid. “Sentámo-nos e vimos passar a Amália para a classe turística. O José levantou-se logo, cedeu o lugar e ocupou o dela. Então, viajámos juntas. Falámos um pouco sobre a dureza da vida.”

Até aí, tudo normal. Mas tão normal como Saramago dizer o que disse sobre as ajudas de Amália ao PCP? “Em Espanha, conheci gente que teve de agir como se apoiasse o regime e não era franquista. Amália impôs-se, mas fizeram-na pagar um preço. Era mais humana e solidária do que política. Se tinha de saudar Salazar, fazia-o, mas também se identificava com os pobres, presos e vítimas da ditadura. Se ninguém tornou isto público após a revolução, foi talvez por respeito à sua personalidade. Não estavam a ocultar, estavam a protegê-la.” Do outro lado da jangada de pedra, houve exemplos semelhantes. “A cantora Lola Flores também foi acusada de ser franquista”, ilustra, “mas não era ativista política, era artista e tinha de sobreviver. Mais tarde, os socialistas foram buscá-la e até cantou para Filipe González.”

A história de Amália Rodrigues tinha segredos e silêncios maiores. Camuflados uns, nunca esclarecidos outros.

Atados a cumplicidades improváveis, sobreviveram à ditadura e à revolução, mas não às intermitências da morte. Saramago abriu então o capítulo secreto do livro da vida de Amália Rodrigues. E ele tinha mais páginas do que alguma vez se imaginara.

ERA UMA VEZ EM ALCÂNTARA

Amália frequentou a escola primária da Tapada da Ajuda, em Lisboa, onde entrou tarde, aos 9 anos, já o País tinha consumido dois regimes num fogacho.

Em menos de duas décadas, caíram a monarquia e a I República e instalara-se a ditadura, a caminho do Estado Novo. Em 1931, segundo a contabilidade do historiador Fernando Rosas, havia um rasto de 54 governos,

35 revoltas civis e militares, dez presidentes da República, quatro greves gerais, milhares de mortos, feridos, presos e deportados.

De acordo com a narrativa oficial, Amália nascera anos antes (1920) numa pequena casa da Rua Martim Vaz, no bairro da

Pena, em Lisboa. Era filha de um pobre casal beirão que gerou mais nove rebentos.

Três rapazes morreram antes dos 3 anos, um deles, à nascença.

Duas raparigas não chegariam à idade adulta.

Cabelo negro, olhos escuros e profundos, corpo franzino, Amália mudara-se com os avós maternos para Alcântara. Pais e irmãos só mais tarde se juntarão a ela, deixando de vez as serranias e os planaltos do Fundão. Desterro urbano com cara de província, o bairro debruçado sobre o Tejo tornara-se “parte da cidade que a outra parte esconde”, envergonhada com o carácter miserável, inquieto e hostil da outra metade.

Ali, a narrativa postal do regime não tem chão. O “chefe do lar” não ganha para o sustento dos seus. Toda a família, mulher e crianças, é obrigada a trabalhar.

O quotidiano devora descansos, horas mortas. Eles, nos biscates de piche-laria e carpintaria; elas, nas casas alheias, entregues a limpezas e arranjos de roupa após a jornada laboral. Relatórios sociais da época identificam casas minúsculas, sujas, gastas e sufocantes, com nove a 11 pessoas, do genro à prima afastada. Dormem pais com filhos, parentes no chão de soalho ou em sacos de palha, enquanto as crianças são atacadas por ratos. Partilha-se o pouco e mau, bens materiais e doenças. O cenário, perto do final da década, é de “pavorosa miséria”, numa labuta de vidas anoitecidas – os afazeres prolongam-se muito para lá do ritmo da sirene das fábricas.

Amália não tem como iludir essa realidade, que é, em parte, a sua.

Anda descalça, ao frio, veste camisolas rotas umas por cima das outras para tapar buracos. Abandonara a escola antes dos 12 anos, sem alguma vez comprar um livro, por imposição da avó. Para mulher, “já sabia muito”, importante era desenrascar um ofício, ordenara a velhota. A professora Lia Barreto tentará demovê-la, relevando as capacidades da neta. Sem sucesso. “Jamais me esqueceria dela porque me tratou como se eu fosse gente. Chamava-me o ‘bicho maltratado’ por me ver tão tímida e arredia”, recordou a cantora, na idade adulta, ainda apegada a memórias de mimos e chávenas de chá em casa da professora, onde melhorava leituras.

A Guerra Civil de Espanha infeta a década até ao osso. Dinheiro e comida não moram juntos: quando sobram tostões, faltam alimentos. Lucinda Rebordão, mãe de Amália, colhe espargos, celgas, cardos, feijão-branco. Para enganar a fome, cozinha guisados, açordas, papas de milho. “O menino Jesus não teve tempo de parar na minha casa”, dizia a irmã Celeste Rodrigues sobre esse tempo.

Amália percorre o ciclo da sobrevivência. Passa a ferro, faz-se aprendiz de costureira, bordadeira e operária na fábrica de doces da Pampulha. Descarrega carvão à beira-Tejo e, com a irmã Celeste, vende fruta, artesanato e *souvenirs* a turistas estrangeiros no Cais da Rocha do Conde de Óbidos, onde não faltam vagabundos e mendigos deitados e abrigados nas cercanias, nos tapumes, à espera de um dia por vir.

Por essa altura, Amália já canta, chamando a atenção do bairro e dos forasteiros.

Na verdade, sempre cantou. Na escola, à janela, pelos becos, pátios e ruelas, incentivada pelo avô ou convidada para aniversários, batizados e casamentos da vizinhança. Nem isso a livra de tarefas caseiras; os irmãos chegam-lhe amiúde a roupa ao pelo. “O fado não era coisa para gente honrada”, dissera ela.

Quem a ouve na rua não olha à condição, nem esquece; antes, passa palavra. A prima Emília Rebordão também receia o descaminho da catraia. Prega-lhe partidas. Puxa-lhe o banco que ela usa para parecer mais crescida e soltar a voz diante de marujos e turistas que estacam a passada a escutá-la, embevecidos. “Putá da miúda, que me canta tão bem! Uma miúda tão pequena e a garganta que ela tem”, rendia-se a prima.

A marinhagem não fica apenas a ver, enfarinha-se nos circuitos das gentes ribeirinhas. Atasca nas tabernas, baila nos clubes e sociedades recreativas, acode às verbenas, acama nos antros de perdição e acaba também fisgada nas marés subversivas a que organizações políticas e sindicais lançam rede. A polícia vê-se em talas, pequenos grupos de jovens comunistas combinam-se pelos ponteiros dos relógios e promovem comícios-relâmpago. Através das vigias, atiram panfletos para o interior de navios atracados no cais, solidários com tripulações em greve, e esfumam-se, fugidios.

Com a ajuda do Partido Comunista dos Estados Unidos da América e

E



MUSEU DO FADO

JÚLIO PROENÇA
O fadista foi com Amália a Madrid, em 1943. “É comunista militante”, disse dele a polícia política num relatório



MUSEU DO FADO

ARMANDINHO, O GRANDE

Referência para gerações de guitarristas, Armandinho protegeu e incentivou Amália nos primeiros tempos. Abrilhou o I Congresso do PCP e era próximo do partido

“Se tinha de saudar Salazar, Amália fazia-o, mas também se identificava com os pobres, presos e vítimas da ditadura”, diz Pilar del Río

organizações amigas, o escritor José Rodrigues Miguéis, exilado nos EUA, e o dirigente Júlio Fogaça, garantem apoio financeiro ao PCP. A correspondência clandestina é enviada através de marinheiros da marinha mercante norte-americana que aportam a Lisboa.

As brigadas de choque do partido usam o Largo de Alcântara, bastante movimentado aos domingos, para ações “toca e foge”. Registam-se tiroteios, mortos, feridos. Os confrontos acabam com a polícia a manter o bairro em estado de sítio, varrendo lojas, tabernas e outros comércios à cata de insurretos. Pedro Rocha e Francisco de Paula “Pavel” são dois agitadores da época. Imaginação não lhes falta. Soltam balões com foices e martelos que largam panfletos ao queimar do cordão ou distribuem manifestos disfarçados de “curas milagrosas do Dr. Ross” e receituário antigripal. “A Amália viveu numa área de Lisboa onde o partido sempre teve grande influência”, garante o “histórico” Domingos Abrantes, 11 anos contados nas prisões de Salazar.

Embora vigiada e censurada, a cantiga é uma arma. “O fascismo conhece a influência que o fado exerce sobre as massas trabalhadoras e daí o seu ódio contra essa canção, ódio que aparece sempre coberto por ideais artísticos e de «música pura»”, lê-se, em agosto de 1937, no *Avante!* clandestino. Os comunistas acusam o regime de amansar o fado, usando a Emissora Nacional. “Combate o fado quando ele é feito por operários”, mas defende-o “quando ele se converte num instrumento de defesa e propaganda do fascismo”, esmiúça o artigo. Para o PCP desse tempo, o fado é “triste, como é triste a vida daqueles que o cantam. Canção de trabalhadores, escrita por trabalhadores, reflete a sua vida e as suas aspirações”.

A inquietação da ditadura com a dita “canção nacional” iniciara-se logo após o golpe militar de maio de 1926. No ano seguinte, “é instaurado controlo severo e torna-se obrigatória a carteira profissional para cantar em público”, narra o musicólogo Rui Vieira Nery. “Da parte das autoridades”, explica, “existe uma desconfiança legítima em relação a um meio que considera subversivo.” Até aí, o fado tivera grande componente de canção de intervenção política ligada ao movimento operário. “Pelo menos, desde a fundação do Partido Socialista Português, em 1875, mas mesmo antes, encontramos fados sobre as duras condições de vida dos trabalhadores. Há fados a falarem de Marx, de Engels, dos anarquistas Proudhon e Kropotkin, e dos socialistas Antero de Quental, José Fontana, entre outros”. Intimidatório, “o regime passa a aplicar a censura prévia às letras e só se pode cantar o que está autorizado”, explica Rui Vieira Nery.

Conformista ou contestatário, o quotidiano vertido para letras fadistas e trincheiras políticas vai cruzar-se na amizade entre duas raparigas separadas por quase três anos de diferença. A mais velha chama-se Amália Rodrigues; a mais nova, Alda Nogueira.

Educada nas tradições e nos modos da província ou “dentro de princípios de resignação, desse tal fatalismo próprio do fado”, Amália assume que “a revolta não fazia parte da alegria de sermos crianças”.

Filha de operários, Maria Alda Nogueira era uma cachopa imersa nos afluentes de revolta popular, cuja corrente desagua, raivosa, nas tabernas, fábricas e esquinas, onde se mastigam angústias, se murmuram desagradados e se ensaiam resistências.

Ambas conhecem esse ciclar subterrâneo de Alcântara.

O bairro também guarda silêncios solidários, acode ao vizinho e nele se misturam os odores poluentes das fábricas e jornadas escravizantes de trabalho.

A família de Amália rende-se ao homem salvífico que, inacessível, paira sobre tudo e todos, fazendo esquecer o desvario sangrento do País republicano. O ditador de turno garante ordem e segurança a quem obedeça e não se tente por subversões. “O meu primeiro amor, quando eu tinha 13 anos, foi o Salazar”, admitiu a cantora. “Lá em casa, a minha mãe, os meus avós, os meus tios diziam que ele era um homem extraordinário, que era ele que tinha não sei quê, que fazia não sei quantos, que ele é que mandava, e as pessoas, quando são miúdas, e sobretudo quando são pobres, querem é casar-se com uma pessoa rica e importante. É uma treta dizer o contrário”, desabafara Amália. “Portanto, aquele homem, com aquelas qualidades e aquele poder todo, é que era o homem dos meus sonhos.”

A educação de Amália é fruto de um ambiente popular no

qual se instalara o culto da personalidade. Salazar é o “Pai da Pátria”, o enviado de Deus para salvar o País da bancarrota e das filas de racionamento. “Para quem, como ela, não vinha de uma cultura política oposicionista republicana, é uma mensagem fortíssima. A Amália dessa altura vive confortavelmente com a ideia de uma ditadura paternal de um homem sábio a dirigir a nação”, detalha Rui Vieira Nery.

Os heróis de Alda Nogueira são outros, menos santificados. Perseguidos.

Da janela do número 2 do prédio de azulejos da Rua 1º de Maio, ela observa a revolta dos marinheiros de setembro de 1936 e vê o Largo do Calvário “cheio de legionários a dispararem sobre a multidão”, conforme recordou à antiga camarada e jornalista Helena Neves. Defronte da casa, tem a esquadra da PSP, para onde vê levar detidos arrancados a protestos laborais. Escuta, por vezes, os gritos, corolário de torturas e espancamentos. A zona é propícia a angústias e perplexidades de menina, atreladas a relatos de prisões e chagas sociais. “Tudo isto eclodia em cima da minha casa, quase nas minhas paredes.” Ainda criança, recolhe donativos para filhos de grevistas, enquanto as mulheres se atravessam nas linhas dos elétricos para bloquear passagem aos “amarelos” da Carris, fura-greves.

Mesmo em trilhos separados, as raparigas têm o coração dilatado uma para a outra. Neles, cabe o resto do mundo. Conhecem-se na escola primária, crescem à vista uma da outra. Alda assiste ao primeiro espetáculo da amiga “num largo que já não existe”. Rende-se. Aquela é já uma voz pairando acima das circunstâncias.

“A Amália era abastecedora de fruta da casa da minha avó Vitória, com quem a minha mãe morava”, garante o filho de Alda, António Vilarigues. “Para os padrões da época, a minha mãe era considerada a menina rica e a Amália, a menina pobre. Várias vezes ela comeu lá em casa.” Embora separadas por idade, recursos e opções familiares em relação aos estudos, as duas mantêm o contacto. Na falta de melhor, encontram-se nos percursos diários de elétrico: Amália sai na Ribeira para comprar fruta que vende no cais, Alda segue até ao liceu Filipa de Lencastre, onde estuda e se envolve em ações contra o regime. “Mantiveram-se sempre próximas até à juventude”, assegura António Vilarigues, mas os laços afetivos não se desfazem. Nem mesmo quando a fadista atinge o estrelato e a militante do PCP “desaparece”, clandestina. “É uma pessoa verdadeira, não fingida”, disse Alda de Amália no crepúsculo da existência.

Em julho de 1939, Alcântara regista sete mil pobres, mas o seletto roteiro das casas de fado ganha uma nova estrela oriunda daquele bairro: Amália Rodrigues.

Quase a fazer 19 anos, ela vencera, por fim, as resistências familiares e suplantara desgostos amorosos e tentativas suicidas. Experimentara marchas, verbenas e circuitos amadores, e estreava-se profissionalmente no Retiro da Severa.

A sala requintada atrai marqueses, viscondes, jornalistas, escritores, toureiros. Até de manhã, servem-se os melhores fados e os bifes que o cozinheiro Costa obriga Amália a comer todos os dias para arredondar o aspeto lingrinhas.

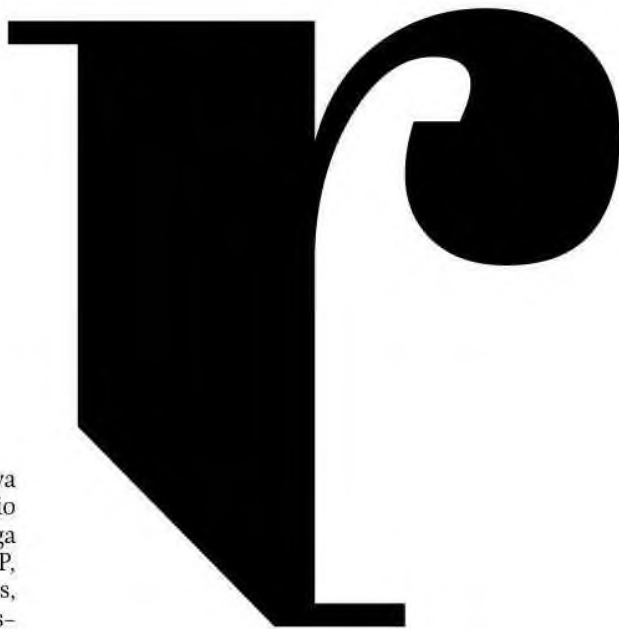
Violista de grandes vozes da época (entre outros, Ercília Costa e Berta Cardoso), Santos Moreira encaminhara a rapariga para a afamada casa artística. Aí, terá a proteção patriarcal do mítico guitarrista Armando Freire, Armandinho para o meio artístico.

Retintamente de Alfama, Armandinho não sabia ler música, mas tocava desde os 12 anos. “Conhece todos os públicos, desde o dos retiros humildes ao dos salões da nossa melhor aristocracia”, escreveu sobre ele a *Guitarra de Portugal*, periódico fadista.

Talento superlativo, não escolhe classes, nem lugares.

Tabernas de mesas toscas, palacetes, sociedades recreativas e casas de espetáculo aplaudem-no, da ganga coçada à casaca de corte exclusivo. Virtuoso, atua em serenatas, festas particulares ou de caridade, e toca para as missões aliadas da Primeira Guerra Mundial, no Hotel Avenida Palace.

As suas inclinações políticas são conhecidas. A 12 de novembro de 1923, na companhia do “viola” Georgino de Sousa, Armandinho abrilhantara o programa cultural do jantar de encerramento do I Congresso do PCP, na Amadora, executando variações de fado perante o suíço Humbert-Droz, delegado da Internacional Comunista. A censura e a vigilância policial obrigam-no a cautelas, mas Armandinho “manteve contactos com o partido pela vida fora”, confirma Domingos Abrantes.



MUSEU DO FADO

O AMIGO LINHARES
A cantora conversa em casa
com Carlos Ramos (de pé)
e Linhares Barbosa, um dos
poetas populares mais cantados
por Amália, homossexual
assumido e opositor do regime

M

Professor e investigador de História Contemporânea, José Pacheco Pereira aproxima a lupa sobre a década de 1930 naquela zona da capital. “O PCP teve, em certas alturas, relações muito próximas com meios populares, gente que trabalhava em pequenas serralharias, numa taberna, na estiva... Alcântara é um exemplo”, refere o autor da biografia do líder histórico comunista Álvaro Cunhal. “Este meio popular só perderá relevância nas décadas de 1950 e 1960, mas, nessa época, aproxima o PCP do fado, até pelas tradições operárias e sociais do mesmo, nomeadamente em Alfama e outras zonas de Lisboa. Os melhores pides também funcionavam assim.”

Adversários e inimigos misturam-se, vigiam-se. “O José Gonçalves, excelente polícia de rua, frequentava os mesmos meios. Tinha sido padeiro, anarcossindicalista, conhecia-os a todos.” O circuito é pequeno, “Portugal é isto”. Inimigos íntimos partilham laços de sangue e, por vezes, o mesmo teto. “As famílias tinham clandestinos do PCP e agentes da PIDE, às vezes, irmãos ou primos”, assevera Pacheco Pereira. “Olha que o teu primo anda a meter-se numas coisas esquisitas, vê lá se o avisas”, diziam os polícias aos parentes de algum suspeito de atividades subversivas.

Em casa, Amália Rodrigues ouve os mais velhos tecerem loas a Salazar.

E só muito mais tarde lhe será desvendada a história clandestina de Jaime da Fonseca e Sousa, filho da tia Felisbela Rodrigues. Homem belo, de olhos verdes, testa larga e alta, cabelo farto e sobranceiras escuras, segundo o perfil descrito no vespertino *A Capital*, Jaime era impressor da Casa da Moeda no tempo de Amália menina. O primo residia no Cais do Ginjal, em Cacilhas, e seria, segundo a ficha prisional, o filiado 130 da Célula 19 do Comité de Zona Nº 1 do Partido Comunista.

Guardava em casa “todo o material de que dispunha o Comité Central das Brigadas de Choque (Comité Revolucionário)”, sobretudo “material para fabrico de bombas” e “bombas já feitas”. Detido, torturado e desterrado para o campo de concentração do Tarrafal (Cabo Verde), morreria em 1940, massacrado por graves problemas de saúde, depois de tentar uma aproximação à ditadura. Amália vendeu fruta com a filha de Jaime, mas já só conhecerá os netos do primo, Silvina e Felipe Gomes, tendo ajudado a primeira a superar uma doença, quando, em criança, esteve internada num sanatório. Acudiu financeiramente, mandou lembranças pelo correio, visitou-a e levou-lhe fruta. Os descendentes do primo comunista jamais esqueceram.

Ao iniciar a carreira artística, Amália agarra-se aos versos musicados, deixando para trás o seu outro fado, prosa de uma vida amargurada que cantaria sem rivais. Para trás, fica também o convívio com marítimos e embarcadiços, aos quais ficou a dever certa fluência de línguas. “Isolada dos grupos da aceitação coletiva”, os brasonados falidos ainda ignoravam, “ostensivos”, a rapariga que vendera fruta no cais e “tivera as suas questões com a Polícia Marítima”, recordaria Manuel Trindade, pseudónimo do jornalista Baptista-Bastos, na revista *Almanaque*, décadas volvidas.

Porém, depressa se ouvirá falar da “pequena” do bairro de Alcântara, das multidões que arrasta e para quem os palcos parecem cada vez mais pequenos. Silhueta negra de coração chagado, dedos nas franjas do xaile, “ela não tem mais nada do que a sua arte”, ler-se-ia na *Voz de Portugal*. “Lisboa adora-a. Portugal idolatra-a. Os presos chamam-lhe consoladora e os exilados, irmã. Para ser eterna, só lhe falta calar-se.”

NO RADAR DA POLÍCIA POLÍTICA

Dezembro de 1939 foi o mês em que dois mundos da Baixa lisboeta colidiram. Na Rua António Maria Cardoso, a poucos dias de Amália Rodrigues trocar o Retiro da Severa por contratos chorudos na concorrência, o informador “Rodolfo Aiala” fez chegar à sede da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE, antecessora da PIDE), a poucos metros da casa de fados, um relatório confidencial de três páginas.

O documento datilografado, datado de 20 de dezembro, compilava nomes, locais, células e métodos clandestinos da denominada “Organização Comunista no Fado” (ver na íntegra na pág. 34) e Amália também aparecia referenciada.

Em 1939, Alcântara regista sete mil pobres. Mas uma rapariga do bairro começa a dar que falar no Retiro da Severa e nos circuitos fadistas

VALIDO ATÉ 11/1/1967



Pedido de Bilhete de Identidade



N.º 841850 -B

Nome completo Amália da PIEDADE RODRIGUES

Estado civil (a) Divorciada de Francisco Pedro da Cruz

Morada (rua e localidade) Rua de S. Bento, 106-LISBOA

Pai de (nomes completos de pai e mãe) Albertino Rodrigues e de

Mãe de Luísa da Piedade

Natural da freg.º de Pena, conc.º de Lisboa

Nascido no dia 23 de Julho de 1920

Nacionalidade Portuguesa

Profissão (b) ---

Requer o seu bilhete de identidade.

Lisboa a 10 de Janeiro de 1957

Assinatura (com o nome completo) Amália da Piedade Rodrigues

Confirmamos a exactidão das declarações do requerente que conhecemos pessoalmente.

Altura 1.ª 1.58
Cor dos olhos castanhos
Cicatrizes ---

Assinatura das testemunhas

António Gonçalves B. I. n.º 873733 A

Luís Quintanilha B. I. n.º 930240 A

Morada das testemunhas

Rua de S. Bento, 106
Lisboa

Impressão do
da mão

N.º
Nome
Proc. N.º

Artigo 5.º do Decreto n.º 16.386, de 18 de Janeiro de 1929

As testemunhas que não conhecerem a pessoa cuja identidade se pede para efeito da passagem do respectivo bilhete, incorrem na pena do § único do artigo 225.º do Código Penal, sem prejuízo da pena que lhe couber se o for mais grave.

Tip. do Reformatório Central de Lisboa

REGISTO NA PIDE

O pedido de Bilhete de Identidade de Amália (veja-se o sublinhado no estado civil), faz parte dos registos dos Serviços Centrais da PIDE

ORGANIZAÇÃO COMUNISTA NO FADO

1ª PARTE: - ORGANIZAÇÃO

T O M B O

Ha muito tempo já, que existe no meio dos cantadores e tocadores do FADO, uma forte organização de caracter extremista, moldada nas bases do Partido Comunista Português, e actuando em várias scenas, no sentido de se expandir o mais possivel entre todo o elemento fadista.

Basta organização, que a principio se resumia a meia d'zia de individuos, alastrou de tal modo, que hoje, possui umas dezzena de elementos, quasi todos desenvolvendo grande actividade.

Os seus fins, podem resumir-se assim:

- 1ª - Organização de elementos extremistas do Fado;
- 2ª - Preparação intelectual desses elementos;
- 3ª - Aproveitamento deles para o PARTIDO;
- 4ª - Resistencia à propaganda do Estado Novo;
- 5ª - Composição de produções satirizadas;
- 6ª - Transformação completa do FADO em força de propaganda revolucionaria;

Por aqui se pode verificar a importancia que reveste politicamente essa organização, que visa, não só a resistencia, como ainda a propaganda subversiva. Para que não seja facil a Policia descobrir e que se faz, a organização funciona por grupos dentro de alguma casa e casas do FADO, pois assim, ninguém - e muito menos a Policia - estranharia a reunião de elementos, que não se tornaria suspeitos, visto os fadistas poderem estar juntos por questões de interesse pessoal. Devido a este são criterio, os extremistas do FADO, difundem-se a muito bem, podendo trabalhar a vontade sem que os incomodem.

Os grupos que coheço na organização do FADO, são os seguintes:

- 1 - CAFÉ AVIZ a)
- 2 - CAFÉ MADRID b)
- 3 - CAFÉ DA SEVERA c)
- 4 - CAFÉ MONDEGO d)
- 5 - SOLAR DA ALEGRIA e)
- 6 - CAFÉ LUSO f)
- 7 - CAFÉ DOM g)
- 8 - CAFÉ LORETO h)

Em cada local destes, funciona um grupo, que tem um chefe, orientador politico e que está em ligação com os membros que estão directamente ligados ao PARTIDO COMUNISTA.

Os nomes desses chefes, por ordem de letras referentes aos numeros dos locais, são os seguintes:

- a) - MARTINHO D'ASSUNÇÃO - Poeta
- b) - ROBERTO FERREIRA - Poeta
- c) - ARMANDINHO - Guitarrista
- d) - DOMINGOS SILVA - Cantador
- e) - DOMINGOS SILVA - Cantador
- f) - CASIMIRO RAMOS - Violista
- g) - ARTUR DO INDEPENDENTE - Poeta
- h) - ANTONIO GLORIA - Poeta e guitarrista

Estes 8 elementos responsaveis, como chefes, orientam os seus grupos, fornecendo todas as instruções politicas para cada sector de acção, de harmonia com a zona a que pertencem.

Porém, toda esta rede, tem um comité dirigente, composto de três membros cada um, com uma função propria, ordenada porem no conjunto.

COMITÉ:

- a) - MARTINHO D'ASSUNÇÃO (Pai)
- b) - ANTONIO GLORIA
- c) - JULIO PROENÇA

CARGOS:

- a) - CHEFE POLITICO E ORIENTADOR
- b) - AGENTE DE LIGAÇÃO COM O PARTIDO
- c) - ELEMENTO DE LIGAÇÃO COM OS GRUPOS.

Verificá-se assim, como está montado o aparelho, onde existe método e organização.

O PARTIDO COMUNISTA, controla toda a acção desta organização independente, mas anexa e fornece todo o material, instruções, panfletos, impressões da acção de imprensa, por intermedio da ligação com ANTONIO GLORIA, que por sua vez, ligado a JULIO PROENÇA, dá a este o material necessario para todos os grupos organizados.

Junto desta organização, funciona um nucleo de poetas do PARTIDO, cujo fim é escrever fados e produções com fim politico e extremista, sendo essas letras fornecidas aos elementos que cantam, para propaganda. Todos aqueles que appareçam com letras patrioticas ou religiosas, são postos de parte e perseguidos de mole, com propaganda contra eles.

Os individuos que escreveram essas letras especiais, são os seguintes:

- 1 - MARTINHO D'ASSUNÇÃO - Pai - Poeta e pintor.
- 2 - JOAO LIMA BARBOSA (Director da "Guitarra de Portugal")
- 3 - PEDRO FIGUEIRA - Jornaleiro da Alameda
- 4 - PINTO GUILLARDES - Jornalista
- 5 - HENRIQUE RAGO - Poeta
- 6 - MANUEL CALABEIRO - Negociante de Peixe.
- 7 - MANUEL CABRAL - Escriturario.
- 8 - ROBERTO FERREIRA - Poeta
- 9 - MANUEL SOARES do "INDEPENDENTE" - Poeta
- 10 - ARTUR DO INDEPENDENTE - Poeta e Pintor.
- 11 - J. MATOS - Poeta.

T O M B O

Além destes, ha outros mais influenciados que fazem produções especiais para a organização, como RADIAMENTO, ANTONIO GLORIA, JULIO GUIMARÃES, FRANCISCO DO SANTOS, etc.

Até mesmo tempo, todos eles estão filiados na Associação dos Escritores e Compositores Teatraes Portugueses, e não que não cantarem produções para a organização ou não egorevam para o grupo, no preenchimento dos boletins, põe-se nas produções o nome de autores do grupo, pois os cantadores e que os preenchem e podem fazer isso.

SECÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO FADO

- a) - Propaganda
- b) - Radio
- c) - Imprensa
- d) - Espionagem.

a) - A propaganda, já vimos como é feita, segundo descrevemos anteriormente, e por isso não vale a pena repetir, pois o elemento fadista total de Lisboa, anda quasi por 200 pessoas, e a toda a chega a acção politica e revolucionaria.

b) - Ha uma casa, onde por meio de um potente aparelho de T.S.F. se executam as emissões russas em espanhol e português, de que se fazem sinteses que são fornecidas a todos, o encargo de executar os postos scribiticos é MARTINHO D'ASSUNÇÃO, pai, e que depois faz o trabalho de propaganda.

c) - Esta secção, é directamente ligada ao PARTIDO, que fornece todo o material para distribuição aos elementos da organização fadista.

d) - Esta é a mais importante secção, pois dela fazem parte, não só os dirigentes, como ainda outros elementos agregados, e uma cantadeira do nome MARIA VIRGINIA, espirito culto e liberal, ligada a ANTONIO GLORIA e MARTINHO D'ASSUNÇÃO.

Outro elemento é ALEXANDRO SIMÕES, que fala inglês, alemão, franceza, italiano, russo, polaco e português que trabalha a bordo de todos os barcos, e está ligado a MARTINHO D'ASSUNÇÃO.

A cantadeira AMELIA RODRIGUES, que fala inglês, franceza e espanhol, é quem, na "SEVERA" fala aos estrangeiros e que antigamente ia tambem a bordo.

Estes dois elementos, pela sua cultura de linguas dessempanham um papel importante.

RODOLFO AIALA

Em 1939, um informador da policia politica incluiu Amalia Rodrigues na denominada "Organização Comunista no Fado", descrita num pormenorizado relatório com vários nomes e actividades

Rodolfo Aiala é nome de código, mas o autor, até pelo detalhe do texto, não parece estranho ao meio. Segundo ele, alastrara, com grande alcance e actividade, a influencia comunista entre fadistas. A fazer fé no relato, grupos de "extremistas", em estreita ligação com o Partido Comunista, conspiravam nas principais casas fadistas: Retiro da Severa, Café Mondego, Solar da Alegria, Café Luso e outras. A lista de "chefes" e orientadores politicos, coordenados pelo partido, é extensa, segundo o informador. Nela, sobressai, desde logo, o poeta e fadista Martinho d'Assunção.

Fundador do Partido Comunista e delegado ao I Congresso, o "poeta vermelho" era um "acérrimo socialista e grande defensor da classe operária", refere Vítor Pavão dos Santos, biógrafo de Amalia. Martinho escreveria para ela o fado Troca de Olhares, mas, nesta fase, é suspeito de, "por meio de um potente aparelho", escutar "as emissões russas em espanhol e português" e delas fazer resumos para distribuição coletiva.

Armandinho (guitarrista), Domingos Silva (cantor, irmão de Lenine da Silva, atleta do Barreirense) e Casimiro Ramos (violista que viria a aderir ao Movimento de Unidade Democrática, MUD, controlado pelo PCP) são referenciados. O "bufo" da policia politica anota ainda o poeta Norberto Ferreira, que, em 1941, terá a PIDE à espreita por ser autor de versos para discos destinados à propaganda inglesa na Segunda Guerra Mundial, gravados na Valentim de Carvalho e enviados à BBC.

Do comité dirigente da rede faria ainda parte Júlio Proença, enquanto elemento de ligação aos grupos dos cafés e das casas de fado. Ele próprio "cantador", estava já "fichado" noutras informações policiaes. "É comunista militante, implicado na greve geral de 18 de janeiro de 1934. Faz parte de uma célula comunista que reúne habitualmente na Graça." Seria sócio da Liga de Propaganda do Fado, agremiação que, segundo a PVDE, estaria conectada com a Frente Popular Portuguesa, dominada pelos comunistas. Júlio Proença juntar-se-ia a Armandinho e Santos Moreira na comi-

tiva que acompanhou Amália na estreia oficial em Madrid (1943), a convite do embaixador português em Espanha, Pedro Teotónio Pereira, confidente de Salazar e amigo do banqueiro Ricardo Espírito Santo.

Do “núcleo de poetas do partido”, autores de letras com fim “político e extremista”, pelo menos aos olhos do regime, destaca-se João Linhares Barbosa. Diretor da *Guitarra de Portugal*, muito próximo de Amália Rodrigues, cujos poemas de veia popular alcançaram sucesso na sua voz, ele escreveu mais de três mil cantigas e dezenas de fados para ela, entre eles *Lá Porque Tens Cinco Pedras*. O meio valorizava a sua defesa “dos direitos do coração dos pobres e dos humildes”.

Já na parte final do documento, o informador da PVDE revelava os elementos da secção de espionagem, a “mais importante” da rede. A par do embarcado Alfredo Simões, aparecia “a cantadeira Amália Rodrigues, que fala inglês, francês e espanhol”. Segundo Rodolfo Aiala, ela é “quem, na «Severa», fala aos estrangeiros” e “antigamente também ia a bordo”, escreve, sem deixar dúvidas. “Estes dois elementos, pela sua cultura de línguas, desempenham um papel importante.” Ficara prometido um segundo relatório com biografias dos nomes listados, acrescidos de moradas e outros pormenores, do qual se desconhece paradeiro. É “muito difícil descartinar quem era Rodolfo Aiala”, refere a historiadora Irene Flunser Pimentel. À época, o corpo de informadores da PVDE “já havia sido formado, mas era ainda pequeno”. Contudo, o relatório está “muito distante no tempo” e a lista, queimada no dia 25 de Abril de 1974 pelo diretor dos serviços de informação da PIDE-DGS, Álvaro Pereira de Carvalho, “já devia ter nomes muito mais recentes”. Além disso, havia bufos “que nada sabiam e procuravam mostrar serviço em troca de dinheiro ou por sabujice à ditadura e à polícia política”. Pode ser o caso, admite.

Desconhecido o mensageiro, pode confiar-se no relato?

“Nesse tempo, há, sem dúvida, pelo menos um pide à porta das casas de fado e em cada mesa. Os fadistas sabiam disso”, garante o musicólogo Rui Vieira Nery. “O meu pai tocou no Retiro da Severa e contava que, às vezes, no fim da noite, quando se percebia que já só estavam os amigos, fechavam-se as portas e cantavam-se letras de fados proibidos. Era um ritual interno do meio fadista.”

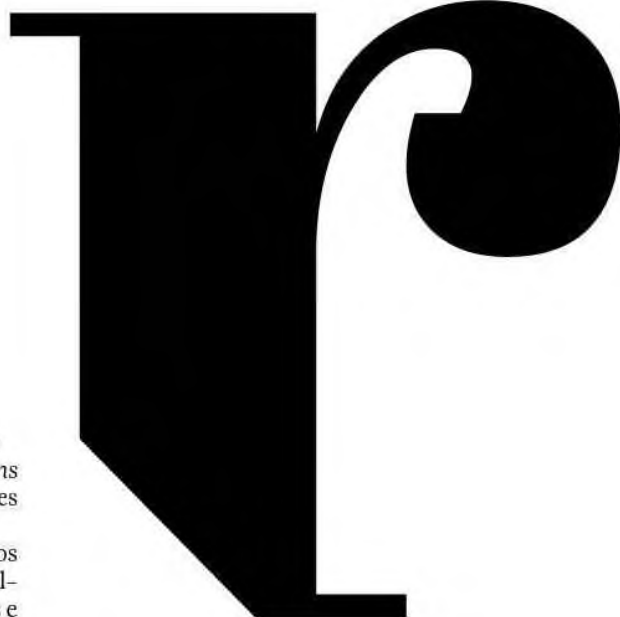
Ruben de Carvalho deu o devido desconto às “invenções” do pide, “mas globalmente, o relatório corresponde à realidade”. A fragilidade estará nos nexos estabelecidos. “A ligação orgânica do fado à classe operária fez-se mais com os anarcossindicalistas. Os problemas da taberna, do alcoolismo e da prostituição faziam parte do seu universo quotidiano, mas não encaixavam na moldura do PCP.” Quanto a nomes, “o Martinho d’Assunção era republicano, carbonário, autor de fados para a República. E o filho, guitarrista, foi pelo mesmo caminho, era militante do partido. Sem ser comunista, o Linhares Barbosa não era ‘anti’. Em primeiro lugar, era um apaixonado pelo fado e, depois, homossexual, assumidíssimo, não escondia nada. O meio sabia e respeitava”.

O poeta António Botto, próximo desses circuitos da noite e do fado, foi outro caso. “Fazia parte do imaginário das comunidades do fado haver a bicha residente, por assim dizer. O Botto era parte dessa família”, explica Rui Vieira Nery.

Quanto à presença de Amália Rodrigues no relatório do informador da PVDE, “não significa que ela estivesse a conspirar contra o regime, até porque era uma miúda e estava mais interessada na carreira”, contextualiza Rui Vieira Nery, “mas o pide tem a sua razão quando diz existir uma rede comunista infiltrada nas casas de fado, pois o meio acolhia muitas figuras com essas simpatias”. O caso da cantora do bairro de Alcântara terá outra explicação. “A Amália era ainda uma jovem desconhecida, mas, se vai aos barcos e fala com estrangeiros, isso é um motivo legítimo de desconfiança para um informador da polícia política, que, sem bola de cristal, não adivinha o que seria a Amália no futuro”, sustenta o musicólogo. Portanto, “ela é perigosa porque contacta com estrangeiros, fala línguas que o informador não percebe e, pensará ele, só Deus sabe se a rapariga não estará ali a conspirar contra o regime”...

Amália nunca será interrogada pela polícia política.

Bem diferente é o que a PIDE a obrigará a fazer ou tentará saber sobre ela. As ameaças ao círculo íntimo também terão os seus episódios. A cantora será resgatada a estes ambientes, incensada pelo regime e protegida por aristocratas, vivendo amantizada com o estrelato. Nem por isso deixará de acudir, com gestos, solidariedades e dádivas clandestinas, aos que, nesse tempo, estarão na trincheira da resistência. ■



“As famílias tinham clandestinos do PCP e agentes da PIDE, às vezes irmãos ou primos”, assevera José Pacheco Pereira

Entrevista

Paradoxal
e contraditória, Amália
Rodrigues nunca
deixou de ajudar os
perseguidos pelo regime
enquanto conquistava
os holofotes do País
e do mundo

A black and white portrait of Amália Rodrigues, a Portuguese fado singer. She is shown from the chest up, in profile, looking towards the right. She has dark, wavy hair and is wearing a dark, ruffled top. She is holding a lit cigarette in her right hand. The background is a plain, light color.

A RELAÇÃO SECRETA COM A RESISTÊNCIA

AMÁLIA DEU CONTRIBUTOS PARA O MUD JUVENIL, PAGOU VIAGENS A JOVENS COMUNISTAS, CANTOU POETAS REVOLUCIONÁRIOS E ENTREGOU DINHEIRO AO CABELEIREIRO PARA OS PRESOS POLÍTICOS. COMO ELA LIDOU COM A DITADURA E MANTEVE RELAÇÕES SECRETAS COM A OPOSIÇÃO?

POR MIGUEL CARVALHO

Era o verão de 1941. O escritor Alves Redol convidara um autor amigo para passear no Tejo a bordo de uma embarcação cujo nome embalava sonhos comuns: *Liberdade*.

Soeiro Pereira Gomes finalizara *Esteiros*, sua primeira obra, ilustrada por Álvaro Cunhal e dedicada “aos homens que nunca foram meninos”, proibida pela censura. Militante comunista, alinhará, sem hesitação, nesses convívios ao sabor das águas com outros intelectuais. Durante as pequenas jornadas de confraternização, declamam poesia, cantam a *Internacional* em voz alta e mantêm conversas proibidas longe das margens e dos ouvidos da PIDE.

Organizados pelo Partido Comunista graças às suas influências na zona ribeirinha ribatejana, os encontros atraíam personalidades das letras e das ciências para a causa da frente unitária antifascista. Os dirigentes comunistas Álvaro Cunhal e António

Dias Lourenço também participaram nesses passeios conspirativos, que seduziram, entre outros, Bento de Jesus Caraça, Manuel da Fonseca, Fernando Lopes-Graça, Piteira Santos, Mário Dionísio, Carlos de Oliveira, Alexandre Cabral e Sidónio Muralha.

As simpatias ideológicas do grupo não ofereciam dúvidas.

Porém, um deles ficaria, para sem-

pre, ligado ao repertório de Amália Rodrigues.

Textos de Sidónio Muralha circularam de mão em mão, foram lidos em associações e clubes de bairro e a socialista Maria Barroso declamou vezes sem conta o *Soneto Imperfeito da Caminhada Perfeita* como se lesse um panfleto, eletrizando ambientes operários: “Já não há mordanças, nem ameaças, nem algemas / que possam impedir a nossa caminhada / onde cada poema é uma bandeira desfraldada / e os poetas são os próprios versos dos poemas...” Sufocado pelo regime e perseguido pela PIDE, Sidónio abraçaria longo exílio, iniciado em 1943, acabando a viver no Brasil. Celebrado autor de livros para crianças, conquistaria Helen Butler, sua última mulher, com poesias breves escritas nos palitos de madeira das caipirinhas. Morreu em 1982, em Curitiba, onde existe uma fundação com o seu nome.

Sidónio Muralha fora apresentado a Amália Rodrigues possivelmente nos alvares da década de 1950. “Quem o levou a ela foi um famoso acordeonista português chamado António Mestre”, conta Vítor Pavão dos Santos. “Radicado no Brasil, onde foi dono de uma casa de fados, falou à Amália do Sidónio, que nunca mais voltara a Portugal e de quem era grande amigo. Ela gostou muito dos versos do poema *Amantes*



MUSEU NACIONAL DO TEATRO E DA DANÇA

RUI, A SOMBRA
Rui Valentim de Carvalho
(à esquerda) foi a sombra
mais próxima da luz,
Amália. A sua abertura
de espírito também
revolucionou o fado

Separados e ele, depois, fez o Raízes para ela", relata. Amália gravaria esses dois fados com um intervalo de dez anos, mas cantou-os "em pleno salazarismo", recordará, décadas volvidas, o biógrafo da cantora. "Era um poeta detestado pelo fascismo, mas Amália sempre cantou o que lhe pareceu belo, nunca teve medo de ser malvista pelo regime e, disso, os exemplos são numerosos".

A situação política do autor face à ditadura era conhecida da fadista, mas ela sentira-se tocada pelos versos. "Fez duas coisas muito bonitas", dissera, "mas, depois, nunca mais o vi". As implicações de outra ordem nunca a atrapalhavam. "Inteligente e culta como era, ela sabia essas coisas todas, mas não se intimidava", reforça o cantor lírico Frederico Santiago, investigador do repertório amaliano. "Não estou a vê-la cantar Sidónio Muralha de propósito. Se assim fosse, não teria cantado outro género de autores, mas ela não o censurou, o que, na época, já era muito."

Estas manifestações de autonomia e isenção política de Amália quanto à escolha dos colaboradores artísticos repetir-se-ão na carreira. Olhada à distância, a opção de cantar Sidónio Muralha naquele tempo é, também, "importantíssima", concordaram Rui Vieira Nery e Ruben de Carvalho.

E essa nem sequer fora a única irreverência dos primeiros anos.

Poeta e letrista de canções folclóricas andaluzas, o murciano Ramon Perelló escrevera dois celebrados temas do repertório popular espanhol, também cantados por Amália Rodrigues: *Los Piconeros*, gravado em 1945, e *No Me Tires Indiré*, em 1954. A letra deste último apareceria na íntegra no periódico *A Voz de Portugal*

com referências à fadista, mas o jornal teve o cuidado de ocultar o nome do autor da cantiga.

Órfão de mineiros, Perelló não era benquisto pela ditadura portuguesa.

Celebrado e cantado além-mar, dirigiu, durante a Guerra Civil de Espanha, um diário de inspiração libertária, convertendo-se num poeta leal aos anarquistas e colaborador da Imprensa comunista.



A sua adesão à causa antifascista foi clara e inequívoca. O musicólogo Rui Vieira Nery não valoriza em demasia o facto de Amália cantar Perelló durante o salazarismo. “As coplas chegavam cá em disco e não havia muita noção do percurso individual e político dos artistas espanhóis”, justifica. De resto, a fadista aprendera a maior parte das canções a partir do filme de Florián Rey, *Carmen, la de Triana* (1938), interpretado pela cantora e atriz Imperio Argentina.

Poeta e tradutor, insuspeito de simpatias esquerdistas, Vasco Graça Moura defendera tese diferente em *Amália: Dos Poetas Populares aos Poetas Cultivados*: “Há uma certa afirmação de coragem política na escolha de algumas canções”, escreve. “Basta pensar que Ramon Perelló foi um conhecido anarquista que se bateu sistematicamente na Imprensa contra o franquismo na Guerra Civil do país vizinho, escreveu poesia de combate antifascista (em que também se referia a Portugal...) e esteve preso durante vários anos como represália pelas posições políticas que tomara.” O autor dava como exemplo um texto de Perelló publicado em 1937 “para se ver que era preciso ter muita coragem em Portugal para cantar um autor do país vizinho que incluía Salazar no ‘trio da benzina’”. Os outros dois eram Hitler e Mussolini. Todos “bêbados de sangue, bêbados de crimes”, escrevera Perelló.

“Ela tinha um enorme sentido de independência”, garante José Manuel dos Santos, antigo assessor de Mário Soares e Jorge Sampaio na Presidência da República, que a conhecerá às portas da revolução através do amigo, confidente e agente artístico da fadista, João Belchior Viegas. “Ela não tinha fidelidades, nem em matéria religiosa. Não obedecia a igreja, partido, movimento ou editora discográfica. Ela é que decidia o que queria. Quando muito, davam-lhe sugestões.”

Filho do poeta David-Mourão Ferreira e antigo diretor da Valentim de Carvalho, David Ferreira habituou-se, desde pequeno, a coabitar com o lado A e o lado B da artista. “Há, na Amália, características talvez incompatíveis noutra pessoa, mas, nela, não o eram”, elucida. A par do seu espírito livre, “tinha uma visão fatalista, conservadora e individualista. Para ela, o mundo é assim, não vai mudar. E, depois, há o fado de cada um. A Amália não acredita numa espécie de ‘nós’ redentor”, explica David, dividido entre a busca de referências bibliográficas pela casa e o olhar pensativo através da janela, como se precisado dessa irrequietude para melhor esboçar o perfil da cantora.

A vida artística é, pois, o território natural de afirmação de Amália Rodrigues, sem limites ou barreiras, sublimado. “Quem trata o fado daquela maneira tem uma enorme capacidade de transgressão”, atalha o programador cultural José Manuel dos Santos, cúmplice de tertúlias épicas, madrugada fora, na casa da Rua de São Bento. “Quando, hoje, se diz que é preciso pensar fora da caixa, é bom que se diga que só se pode pensar fora da caixa quando se está fora da caixa. E a Amália estava fora de todas as caixas, até da caixa do fado. Sempre houve nela uma fabulosa liberdade interior na sua vida e na sua arte, mas, às vezes, era atacada por uma espécie de sonambulismo e não dava importância a certas coisas.”

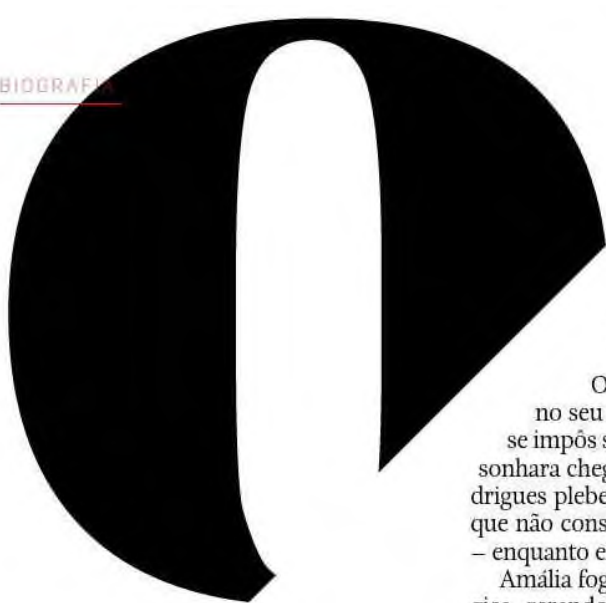
CORAÇÃO INDEPENDENTE

É essa mulher livre, divorciada, viajada, emancipada, sem dependências financeiras, que enfrenta a turbulência da década de 1950. Amália fuma, usa calças, não pede licença para se divertir e arrasta uma corte de admiradores e conquistadores. Noctívaga, desfruta de companhias masculinas despreocupada de conveniências, maledicências e preconceitos, sem exibicionismos nem alardes, mas confortável na sua identidade. A grandeza artística, estribada na devoção popular ou nas reverências da gente bem, liberta-a e confere-lhe um estatuto invejável. A propaganda do regime esforçar-se-á por ajustá-la à moldura oficial da submissão feminina, sobretudo através do cinema. Quando é evidente que Amália já não pode manter-se “sequestrada” em Lisboa, será o próprio ditador, que lhe chamara “criaturinha”, a tomar a tarefa em mãos. Receoso dos ventos do pós-guerra e da imagem degradante do regime no exterior, Salazar contrata uma agência de relações públicas de Nova Iorque para promover o rosto “benevolente” do regime, embrulhando Amália no pacote, conforme demonstrou o investigador na área dos média Vasco Ribeiro.

Ela começara por mudar o fado passo a passo, por vezes, tímida e dengosa, mas sem se deter. “Durante muitos anos, os músicos mandavam nos fadistas”, recordou Ruben de Carvalho, retratando o seu período inicial. “As meninas e os meninos que cantavam faziam parte do serralho particular dos guitarristas e dos ‘violas’. Quem remou contra isso foi o Alfredo Marceneiro, à porrada, e a Amália, toda cheia de mimosos e pastéis de bacalhau, mas a verdade é que passou a fazer-se como ela queria.”

A memória de garoto do cantor Carlos do Carmo é essa. “As fadistas estavam muito presas aos seus homens. E os homens comandavam. Era uma coisa muito feroz, muito machista”, recorda, a propósito desses tempos. “A Amália, pelo contrário, era livre. Esco-

Para surpresa de alguns, Amália reage com desconforto ou nega a sua voz a fados ou estrofes em que a mulher rasteja pela fidelidade do marido ou zela pela segurança da relação



MUSEU DO FADO

RARIDADE

No apogeu, Amália era mais vezes vista fora do País do que em “casa”. Mesmo assim, foi partilhando vários serões com a irmã n’A Viela

“Não se foi falar com a Amália no escuro. Existia informação sobre a sua disponibilidade”, garante Domingos Abrantes, do PCP

lheu o seu caminho e até nisso foi inteligente.” A sociedade opressiva, conservadora e beata desse tempo exhibe como contraponto o cenário da decadência boémia de braço dado com o fado.

Amália seduz, mas também gera ódios e invejas dos anti-amalistas.

O sucesso da cantora, “longe de fazê-los desanimar, encarna-os ainda mais no seu torvo desejo de destronar esta rainha por direito natural, que naturalmente se impôs sem tirar o lugar que ele não tivera nunca, elevando-o a um nível onde nunca sonhara chegar”, escreve a revista *Eva* em abril de 1950, detalhando: “Sendo Amália Rodrigues plebeia, orgulhosamente plebeia, e feliz da sua origem humilde, ela conseguiu o que não conseguiram nunca os nossos fidalgos estilo Marialva: ela aristocratizou o fado – enquanto eles se limitaram a frequentar tascos e vielas para bem poderem senti-lo.”

Amália foge, assim, do modelo da mítica fadista Severa, na sua trôpega resignação trágica, gerando um torvelinho sem memória nem antepassados. Tornara-se um “encanto exótico”, carregado de “espiritualidade plebeia, misto de doçura e de meiguice, de êxtase e arrebatamento”. Rendem-se a seus pés “faias e príncipes, banqueiros e poetas, diplomatas e boémios, pintores e desportistas, irmanando todos os homens na admiração incondicional” desta nova estrela que arrancara “o fado sujo das vielas” para o implantar “nos salões elegantes e nas embaixadas”, remata a *Eva*.

Para surpresa de alguns, Amália reage com desconforto ou nega a sua voz a fados ou estrofes em que a mulher rasteja pela fidelidade do marido ou zela pela segurança da relação. Em 1943, quando se deslocara a Madrid e ainda desconhecia como se usavam os talheres de prata em jantares de cerimónia, recusara cantar *Perseguição*, da fadista Maria Alice (casada com o fundador da Valentim de Carvalho), caso o embaixador Pedro Teotónio Pereira não alterasse a sextilha na qual a mulher aparecia como “sentinela vigilante” da “honra” do marido. Talvez fosse já o ímpeto para fugir a uma lírica vulgar. E ele assim fez.

“O comportamento exigido quando eu era jovem era bem diferente”, lembrou, recostada na cama, à jornalista e escritora galega Margarita Ledo Andiñón, que a entrevista no quarto em 1982. “Antigamente, uma pessoa que, como se diz por aqui, enganava o marido, era ‘apedrejada’ viva, mas, mesmo assim, houve quem arriscasse. É difícil, mas sempre houve alguém com coragem. Eu sempre fui algo obediente, ainda que com as minhas dúvidas”, afirmara, resumindo: “Fui sempre uma pessoa independente, embora não signifique que não tenha sofrido com isso.”

Quando se casou pela primeira vez, em 1940, com o guitarrista amador Francisco da Cruz, Amália deitara-se tão vestida na noite de núpcias que o marido lhe perguntou pelo guarda-chuva, revelou a própria à investigadora Cecília Barreira.

As esposas eram inexistentes fora do lar, seu lugar natural, onde deveriam dedicar-se ao marido e aos filhos. Ela não estava talhada para redundâncias nem irrelevâncias. “Enquanto fadista, encontrava-me muito longe desse estereótipo”, assumirá nessa conversa. “Ser fadista era, na altura, sobretudo nos anos 40, algo de pejorativo. Só nos anos 50 o fado adquiriu a cidadania nacional.”

Em 1953, para gáudio do salazarismo, Amália gravou *Uma Casa Portuguesa*, grande sucesso que irá persegui-la vida fora. Do “conforto pobrezinho” à “existência singela”, a cantora deu azo, antes da democracia, à diabolização dos alegados serviços prestados pela cantora ao ideário da ditadura, associando-a ao conformismo e à letargia cívica promovidos pelo regime. Escrita por Reinaldo Ferreira, poeta e filho do famoso Repórter X, e pelo autor teatral Vasco Matos Sequeira, o tema fora cantado pela primeira vez no salão de festas do Rádio Clube de Moçambique por Sara Chaves e mostrado, depois, a Amália, pelo cantor João Maria Tudela. Mas terá nascido à mesa do cosmopolita Hotel Girassol, em Lourenço Marques, hoje, Maputo, capital de Moçambique, mais irónica do que glorificadora da pobreza. O tema provocou desconforto público à própria Amália, que recusou cantá-lo em certas ocasiões. “Mal julgado pela *intelligentsia* bacoca reinante em Portugal, que o tomou por coisa salazarista”, segundo Vítor Pavão dos Santos, acabaria por servir, no dizer de Vasco Graça Moura, “mediócras motivações políticas”.

A entrada de Amália Rodrigues em meios mais sofisticados, elegantes e inacessíveis a uma mulher com as suas origens, pela mão do banqueiro Ricardo Espírito Santo ou atrelada à “política do espírito” promovida por António Ferro, do Secretariado de Propaganda Nacional, oficializou-a, e ao fado, junto do regime e das elites nacionais, lustrando a sua imagem. Para trás, ficaria uma certa popularidade familiar e caseira, posta ao lume em circuitos fadistas e aparições em vinil.

O percurso amadurecera-a, abria-lhe horizontes, possibilidades inimagináveis para a sua arte, talento e condição. Amália repetir-se-á, vida fora, até à náusea: não, nada fizera por si, nem mexera palha para conquistar tal estatuto. Insistirá, uma e outra vez, que tudo lhe viera ao regaço, sem esforço, sem “ais” nem ambições. Como se a vida e o fado lhe



acontecessem por inspiração divina ou destino marcado na sina.

Seria essa a verdade, a real consciência de si e da afirmação de autonomia? “O meio e as convenções, no meu tempo, não eram lá muito a favor da mulher”, admitiu à revista *Modas & Bordados* em 1976. “As pessoas precisam de sentir-se livres dentro de si. E, sentindo-se livres dentro de si, são, de certa maneira, livres. Eu sempre aguentei as consequências de ser livre”, reconhecerá, numa confissão rara. “Cantar o fado, por exemplo, foi uma quebra das tais convenções. Desde garota que sempre estive em desacordo com muitas coisas.”

Não sendo uma insubordinada, Amália Rodrigues tornar-se-á indomesticável e, até, intocável. A própria PIDE, não podendo deitar-lhe a mão sem provocar escândalo internacional, permanecerá, ainda assim, vigilante, tentando intimidá-la ou domá-la com ameaças e perseguições ao seu círculo íntimo.

DO MUD JUVENIL A VARSÓVIA

Se tivesse feito as tais revelações que prometera a um diário de Lisboa quando Amália faleceu, o histórico dirigente comunista Dias Lourenço teria escancarado uma porta da História sobre a maior cantora portuguesa do século XX.

De facto, os contributos diretos ou indiretos que a fadista sabia serem destinados a pessoas ou atividades clandestinas de oposição à ditadura remontam a finais da década de 1940, tendo sido canalizados timidamente através de figuras do meio artístico até se tornarem mais frequentes. “Dias Lourenço era um operário com grande cultura, de uma simpatia irradiante, e conheceu praticamente toda essa gente. A Amália ajudou o MUD Juvenil com regularidade, é um facto confirmadíssimo”, assegura Domingos Abrantes com base nos registos do PCP.

Filho do Movimento de Unidade Democrática (criado por republicanos, monárquicos, católicos, socialistas e comunistas em 1945 e ilegalizado três anos depois), o MUD Juvenil (MUDJ) nasceu em 1946 e sobreviveria ao pai, tornando-se também referência no combate à ditadura e “escola” de futuros dirigentes do Portugal livre.

Braço semilegal controlado pelo PCP, contagiou amplos setores oposicionistas, além de recrutar universitários e jovens influentes. Aos poucos, tornou-se um problema sério para o regime, dado o fascínio exercido pelo comunismo no pós-guerra junto da juventude. A pretexto de convívios mistos entre rapazes e raparigas, foi guarda-chuva legal para campanhas de ajuda aos presos políticos e suas famílias, piqueniques, tertúlias poéticas com autores proibidos, sessões de cinema, debates, bailes e convívios musicais a partir

ÍCONE

As revistas fizeram de Amália uma figura de culto. Por razões menores ou superlativas, como a famosa polémica que se instalou por ela ter ousado cantar Camões



OS MELHORES
Amália rodeou-se
sempre de qualidade.
Os guitarristas não
foram exceção. Nesta
foto, aparece com Raul
Nery, mas outros génios,
como Fontes Rocha ou
Carlos Gonçalves, ficaram
"amarrados" ao seu
sucesso

das composições de Fernando Lopes-Graça.

Dirigido por Octávio Pato, funcionário do PCP, dele fizeram parte, entre outros, Francisco Salgado Zenha, Júlio Pomar, Maria Fernanda Silva e Mário Soares, então militantes ou simpatizantes comunistas. "O MUD Juvenil não tinha financiamentos, era uma organização paupérrima, a malta passava fome", recorda Domingos Abrantes, antigo dirigente do movimento. "Vivia-se das quotizações, cinco ou dez tostões, mas, sobretudo, dos contributos regulares de democratas."

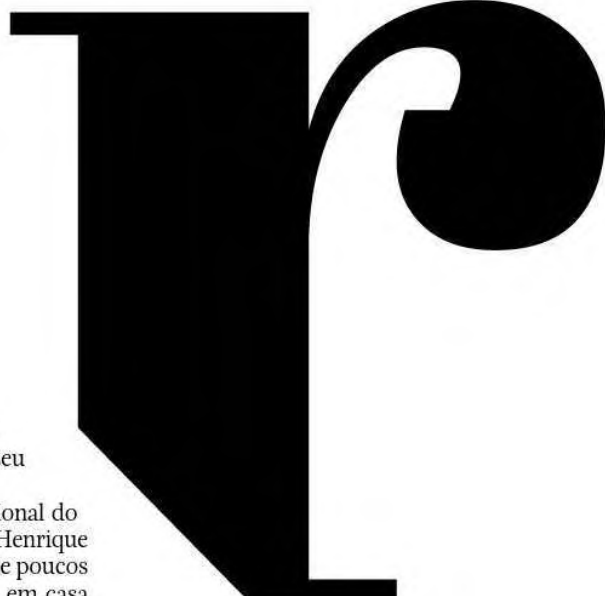
O MUDJ atraía jovens idealistas, dispostos a cumplicidades éticas com os comunistas no combate ao salazarismo, mesmo se com ele não se identificassem do ponto de vista ideológico ou se se demarcassem das correntes estéticas apadrinhadas pelo partido. É o caso de David Mourão-Ferreira, moldado em arreigadas tradições republicanas. "Nunca pertenci ao PC", confirmou. "Nunca me furtei, porém, a colaborar com ele em diversas circunstâncias." A essas cumplicidades, ele chamaria "momentos de urgência cívica". Contudo, esteve próximo de ser seduzido. "O João Belchior Viegas, amigo do meu pai desde o Colégio Moderno e meu padrinho, foi muito importante para travar a possível adesão dele ao PCP", confirma David Ferreira. Futuros advogados, Humberto Lopes e Mário Soares não o largavam. "Existe uma carta do meu pai para o Belchior a dizer que, se calhar, não resistirá." Junte-se a isso a admiração do poeta por Álvaro Cunhal, regente de estudos na instituição liderada pelo pai de Mário Soares. Em 1941, dias antes de reentrar na clandestinidade, o dirigente comunista escreveria uma carta "muito bonita" aos alunos, comovendo até quem não o tinha como professor. Era o caso de David Mourão-Ferreira.

Entre os financiadores declarados do MUD, de acordo com uma listagem manuscrita do próprio movimento, esteve o magnata da indústria musical e discográfica Valentim de Carvalho, fundador da editora a que Amália ficaria ligada quase toda a vida.

Próximo do MUDJ e regular financiador, João Villaret terá sido das primeiras figuras míticas do meio artístico a desafiar a fadista a seguir-lhe o exemplo. O ator até estaria na origem da aproximação de Amália ao compositor Frederico Valério, autor de canções eternas, casos de *Fado do Ciúme* ou *Ai, Mouraria*. "O tio ouviu-a cantar com a irmã e ficou impressionadíssimo. Um dia, convidou-a a ir lá casa para que uns músicos a ouvissem, e assim se deram os primeiros passos para ela chegar ao teatro", conta o sobrinho, Henrique Villaret, sobre o declamador que levou poesia ao povo e a quem homenageou com luxuoso álbum biográfico editado a partir do espólio familiar. "O ator Rogério Paulo, do PCP, disse-me que o tio João dava dinheiro ao partido. O meu pai admitiu isso, embora

garantisse que o irmão não simpatizava com a ideologia, pois ficara amigo de brasileiros fugidos ao totalitarismo comunista." É o caso de Pedro Bloch, nascido na atual Ucrânia e autor da peça *Esta Noite Choveu Prata*, estrondoso sucesso de Villaret nos palcos portugueses. "O tio era, sobretudo, antipoder, basta recordar as suas rábulas sobre Salazar."

Apesar de arrufos artísticos, João Villaret guardou, até ao fim, a co-



leção de discos autografados por Amália – “no funeral, a coroa maior era dela” – e Rogério Paulo teve uma fotografia do ator em casa anotada, no verso, com referências à sua alegada militância antifascista. “O meu pai contava que o Villaret foi das primeiras pessoas a sugerir à Amália contributos financeiros para atividades da oposição à ditadura e ajuda aos presos políticos”, relata o filho, Rui Ferreira, jornalista radicado em Miami, nos EUA. “Houve muitos contactos do PCP com o João Villaret. Era certo e seguro nos contributos para o MUD Juvenil”, certifica, por seu lado, Domingos Abrantes.

O compromisso do ator iria, porém, além disso. Contemporâneo e profissional do mesmo ofício, habituado a sentar-se à mesa com comunistas foragidos à PIDE, Henrique Canto e Castro revelou a Rodrigues da Silva, em 1999, no *Jornal de Letras*, o que poucos saberiam: enquanto clandestino, Álvaro Cunhal recolheu-se, algumas vezes, em casa de João Villaret.

Com o tempo, as pontes do PCP para garantir regularidade nos contributos de Amália Rodrigues ao MUDJ obrigaram a cautelas de “altíssima confidencialidade”, organizadas, a exemplo de outras, por via indireta. “Tínhamos uma listagem de potenciais financiadores e relações com o ator Varela Silva, casado com a irmã dela, Celeste Rodrigues. É através desse canal que se chega à Amália, pois, a menos que houvesse grande confiança, ninguém ia bater-lhe à porta a pedir dinheiro. Os contactos com o Varela Silva foram feitos através do meu camarada Aurélio Santos”, revela Domingos Abrantes, sem se deter: “Não se foi falar com a Amália no escuro. Existia informação sobre a sua disponibilidade, embora fosse normal as pessoas terem medo.” Se uns o faziam sem temores, esse não era o caso da fadista. “Mas ela sabia para o que estava a dar”, garante. “E, nessa época de grande repressão, tudo o que era mais ou menos organizado estava ligado ao PCP. O resto é conversa.”

Alfacinha de gema, nascido no bairro da Madragoa, Varela Silva era apaixonado por fado. Boxista no Clube Desportivo Lisgás, conheceria futuras vedetas do meio artístico, ainda jovem, no Curso Comercial e Industrial na Escola Rodrigues Sampaio, na Calçada do Combro, onde Raul Solnado, Igrejas Caeiro e Paulo Renato foram seus colegas. Enquanto estudava, trabalhou em lojas de chouriços e de pneus, e no Jardim Zoológico, frequentando, ainda, o curso livre de teatro no Conservatório à noite.

Em 1947, com 18 anos, fora já atraído para “a poesia de intervenção social” de Sidónio Muralha, um dos seus eleitos. Boémio, viam-no em recitais nas coletividades, retiros fadistas, bailaricos. Em casa de amigos, discute poesia, sonhos e liberdade, “coisas subversivas”. Entre elas “o *Avante!*, naquele papel fininho, lido como pecado”, evocara. Varela dá a mão a coletas para famílias de presos políticos ou grevistas no Barreiro. Adere a protestos, contestações juvenis e recolhas de dinheiro para exposições ou edições de livros. Absorve “lendas e narrativas” sobre encarcerados, sofre com varinas da Madragoa vítimas de “tareias dos pides” e ronda, curioso e sedento, “senhores” das letras à porta da livraria Bertrand: Aquilino Ribeiro, Manuel Mendes, António Sérgio e Ferreira de Castro. “Uma semiconsciência política fez-me colaborar com o MUD Juvenil, organização que nos abria os olhos e alimentava os sonhos.”

A entrada de Varela para o círculo íntimo de Amália terá ocorrido ainda antes de 1953, ano do seu casamento com Celeste Rodrigues, por quem se enamorara no restaurante Tipóia. Quatro anos depois, será através dele que Amália fará a estreia televisiva na RTP. A cantora participaria na série *Histórias Simples da Gente Cá do Meu Bairro*, apresentada pelo próprio Varela, na peça *O Céu da Minha Rua*, de Romeu Correia, transmitida em direto, e na encenação de *A Sapateira Prodigiosa*, de Lorca. “O Varela teve duas paixões absolutas na vida: o teatro e a Amália. Conheceu-a com 19 anos e o fascínio nunca mais passou. Tivemos discussões horríveis por causa disso”, assume, sentada no sofá da casa onde ambos viveram, a cantora Simone de Oliveira, última mulher do ator, com quem se casaria após ele consumir o divórcio de Celeste. “Ele achava que a Amália era o suprasumo e tinha uma paixão enorme pelo fado e por Lisboa.” O ator resumiria a extensão desse encantamento: “Percebe-se e lê-se melhor Portugal conhecendo Amália”, escreveu.

A confiança entre ambos era de tal dimensão que Varela Silva figurará, durante anos, como autor do fado *Estranha Forma de Vida*, momento superlativo da carreira de Amália. Verdadeira autora da letra, ela hesita inscrever-se na sociedade de autores da época, receando chacota e preconceito públicos. Só o faria em 1968. “Assisti a coisas verdadeiramente injustas com a Amália, produto de uma sociedade patriarcal e profundamente machista”, contara Hugo Ribeiro, “alquimista” do som na Valentim de Carvalho, ao projeto Mural Sonoro. “Ela pediu ao Varela por tudo, e ele nem queria, mas acabou por assinar como autor da letra. Se uma mulher, naquela altura, escrevesse para fado, diziam logo mal.”

“A Amália apoiou muita gente no tempo da ‘outra senhora’ Inclusive, exilados”, refere Diogo Varela Silva, sobrinho-neto da fadista



MUSEU NACIONAL DO TEATRO E DA DANÇA

COM VILLARET

O ator e declamador João Villaret (na foto, em pé) foi um dos regulares contribuintes dos movimentos da oposição e terá sido dos primeiros a desafiar a Amália a fazer o mesmo

Através do cunhado Varela Silva, Amália canalizou apoios para o MUD Juvenil e financiou uma viagem de estudantes comunistas a Varsóvia

O neto Diogo Varela Silva guarda esta e outras recordações de conversas em família. “O meu avô deu a cara pela minha tia Amália em muitas situações em que ela tinha vergonha ou lhe faltava coragem para assumir as coisas. O *Estranha Forma de Vida* foi apenas um exemplo”, explica o autor do documentário *Fado Celeste* sobre a vida e a carreira da avó, irmã de Amália. Casos mais delicados e reservados serão trazidos à intimidade da tribo já com a democracia andada, mas nem esses momentos inspiravam revelações. “Ela não gostava de falar de política, nem de fazer confissões a respeito”, reconhece o cineasta, “mas, entre nós, sabia-se que apoiou muita gente no tempo da ‘outra senhora’. Inclusive, aproveitava viagens ao estrangeiro para ajudar exilados. Levava dinheiro, entregava e trazia correspondência, e fazia-o até com filhos de amigos que tinham fugido do País. Ela sempre quis ajudar.”

Não espanta, pois, que Varela Silva fosse, no verão de 1955, intermediário de apoio extra da cantora ao MUDJ, destinado a financiar a deslocação de um grupo de jovens comunistas ao Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Varsóvia (Polónia). “A Amália deu-nos uma contribuição especial para custear a viagem da delegação”, confirma Domingos Abrantes. “A esta distância, não posso precisar valores, mas foi uma quantia muito significativa, até porque as viagens eram caras e os jovens uns tesos. Era normal que pessoas com sentimentos democráticos ajudassem a juventude, às vezes com quantias bastante significativas. Ela estava nessa categoria.”

Outra contribuinte – com 500 escudos (mais de 200 euros hoje) – foi a fadista Herminia Silva. “Não estou em condições de dizer se a contribuição da Amália foi superior”, desculpa-se Domingos Abrantes, “mas quase certo que sim, até pelo tipo de relacionamento que havia com ela”. Mais uma vez, reforça, “a ida ao festival era uma coisa clandestina, mas a Amália sabia para o que estava a dar”.

A viagem foi chefiada pela professora primária Maria Amélia Padez, “bastante sectária e toda estalinista” à época, conforme o seu próprio testemunho. Amiga do cineasta José Fonseca e Costa e do poeta Alexandre O’Neill, fora incumbida, pelo “controleiro” António Borges Coelho, de fazer, em Varsóvia, campanha pela libertação dos presos políticos. E assim liderou a delegação que incluía o pintor *maçon* Lima de Freitas e uma comitiva de jovens, professores e médicos de todo o País. O dinheiro angariado através de figuras como Amália Rodrigues não seria, porém, suficiente para pagar a totalidade das despesas. “Houve até uma estudante que fugiu com as joias da família”, recorda, divertido, Domingos Abrantes. Realizado de 31 de julho a 14 de agosto, o festival recebeu 26 mil jovens de 114 países que participaram em iniciativas sobre a paz, beberam 750 mil litros de cerveja e assistiram a concertos, espetáculos de dança e sessões de jazz (banidas, pouco tempo antes, pelo governo comunista polaco).

O acesso à fadista através do MUDJ ou de outros movimentos ramificados a partir do Partido Comunista terá sido, no entanto, mais vasto. “O escritor José Cardoso Pires era uma das pessoas que contactavam com a Amália Rodrigues a partir da ligação ao José Dias Coelho, grande amigo. Faziam-se abordagens no âmbito do PCP, mas dizendo que era para ajudar os ‘perseguidos políticos’. Tanto podiam ser comunistas clandestinos, como *compagnons de route* do partido, mas admito que tenha sido essa a expressão usada junto da Amália e de outros”, assegura Margarida Tengarrinha, antiga companheira do pintor assassinado pela PIDE em 1961 em Alcântara.

Quando Margarida se apaixonou por José Dias Coelho, já o artista plástico tinha uma aura de prestígio junto de intelectuais desafetos ao regime.

Ela saíra de Portimão e conhecera-o na Escola Superior de Belas-Artes (Lisboa), em 1949, era ele estudante de escultura, dirigente estudantil e responsável pelo MUDJ. Até ser detido pela polícia política na sequência do apoio à candidatura presidencial de Norton de Matos, envolveu-se na política e nos “mil enredos da viabilidade da arte numa sociedade repressiva”, como dele diria José Cardoso Pires, iniciativas que retomou mesmo quando foi impedido de dar aulas. No caso de Margarida, a PIDE andou um tempo distraída. “Trata-se de uma senhora católica e de boa formação moral, nada obstando em seu desabono quanto ao porte político”, lê-se num relatório de 27 de maio de 1952.

Margarida e Dias Coelho entrariam juntos na clandestinidade em meados da década de 1950: ele, até à morte; ela, durante dezanove anos, dentro e fora do País.

Foram sólida retaguarda do PCP, encobrendo oficinas de falsificação e impressão de documentos, além de arquivos secretos do partido. “Através do meu companheiro, soube que alguns intelectuais contactavam a Amália e ela dava-lhes dinheiro.

Antes da clandestinidade, eu fazia parte da Comissão de Assistência aos Presos Políticos, da qual era responsável a minha camarada Maria Machado, e sei que as verbas não eram entregues diretamente aos presos, mas, sim, ao PCP”, aclara. “Era uma maneira discreta de se contribuir para

o partido. Tanto o Zé [Cardoso Pires], nesse tempo, e o Ary dos Santos, mais tarde, recolheram apoios monetários junto dela”, desvenda.

Esse é também o período em que Maria Alda Nogueira bate diversas vezes à porta da amiga de infância. A revelação deixaria Maria Teresa Horta incrédula poucos anos após o fim do regime. “Para mim, fado e Amália Rodrigues eram a mesma coisa: detestava! A minha mãe punha discos dela, eu sumia pela casa. Causava-me mal-estar, angústia que me persegue até hoje”, assume a escritora. “Até que, um dia, conversando com a Maria Alda, do Comité Central, e com quem trabalhava na revista *Mulheres*, falei da ligação do fado ao fascismo. O que eu fui dizer! Ela reagiu muito mal”, recorda, como se a ouvisse hoje: “Mas porque é que tu juntas a Amália a isso?!”

Maria Teresa Horta mais siderada ficou quando a mulher e mentora que admirava de forma incondicional levantou o véu sobre esse segredo bem guardado. “Foi então que ela me contou que a Amália, durante a ditadura, deu dinheiro ao PCP e ajudou os presos políticos. Fiquei surpreendida até hoje”, reconhece aquela que é uma das três Marias das *Novas Cartas Portuguesas*, obra marcante da emancipação feminina, proibida pela ditadura. “Como mulher, a Amália representava tudo aquilo que eu recusava. Ao cantar, ajudava a promover o papel da mulher submissa, cantava a sua própria inferioridade.” Também aqui, Teresa Horta foi contrariada. “A Alda invocava as origens da Amália”. Depois, explicou que “tinha de ser assim, não podia fazer-se de outra maneira. Era tudo absolutamente sigiloso, muito clandestino, a tal ponto que nem a maioria dos familiares sabia. ‘A Amália disse-nos logo’, contava a Alda, ‘isto nunca ninguém pode saber.’”

O retrato de uma época desfilou, então, na voz da antiga dirigente do PCP. “Segundo a Alda, a Amália daria, há muito tempo e de forma muito regular, dinheiro para as famílias dos presos políticos, pois manteve sempre contactos próximos com gente do partido. Quando estavam mais aflitos, os camaradas recorriam a ela”, descreve, recordando um exemplo daquilo que Alda atribuía à “enorme generosidade e coragem” de Amália: “Uma vez”, contou ela a uma Maria Teresa Horta pasmada, “era importante desenrascarmos uma certa quantia e fomos falar-lhe a casa. Apanhámo-la desprevenida, com pouco dinheiro. Deu o que tinha e até sugeriu outros nomes para contactarmos. Quando íamos a sair, viu-nos tão aflitos que tirou um anel do dedo: ‘Toma! Leva-o e vende-o. Vai dar bom dinheiro.’”, disse a fadista, estendendo a mão.

Se estes episódios se multiplicaram, por que razão nem Amália nem o PCP assumiram esta relação clandestina em democracia, sobretudo quando a cantora foi atacada por suposta colaboração com o salazarismo? Jornalista e crítico musical, Viriato Teles admite que, à época, não tinha uma ideia “fantástica” sobre a cantora. “Havia quem a tratasse, de forma depreciativa, por Dona Amália, mas, por aí, nunca fui.” Quando entrevistou a fadista para o *Se7e*, em 1983, já a onda persecutória amainara. “Não acredito que haja alguém que possa ser uma unanimidade. Há sempre quem não goste, há sempre quem diga que eu canto mal ou coisas assim. Por que carga de água é que toda a gente deveria gostar de mim?”, surpreendeu-o Amália. “Gostei muito da pessoa, do contacto humano. Foi uma conversa muito solta, aberta e interessante”, rememora Viriato, censurando boatos propagados nos tempos acesos do processo revolucionário e os silêncios sobre as ajudas de Amália à resistência. “É lamentável ter-se esperado pela morte dela para dizê-lo”, reage. “Podemos alegar que a Amália não queria que se contasse a história”, mas, adverte Viriato, “quando foi enxovalhada por muita malta de esquerda”, haveria formas de estancar a torrente. “O PCP teria, pelo menos internamente, de passar a mensagem, para que os camaradas comessem a olhá-la de outra maneira.”

António Vilarigues jamais esquecerá o dia, poucos anos após a revolução, em que Alda Nogueira entrou em casa, “profundamente alterada”, regressada de uma reunião no PCP. “Nunca a vi assim. Tinham sido levantadas acusações e suspeitas sobre a Amália e ela vinha passada com o facto de a terem atacado sem provas”, pormenoriza, sem ignorar o contexto da fresca democracia. “A minha mãe não a defendeu em público, mas fê-lo muitas vezes dentro do partido. Não podemos esquecer que o aparelho clandestino do PCP foi infiltrado várias vezes pela PIDE e, havendo boatos sobre ligações da Amália à ditadura e sem dados mais seguros, era complicado defender estas situações às claras”, explica.

Para Domingos Abrantes, a confidencialidade sempre fora tradição no partido.

“Ao contrário do que nos acusam, nunca usámos essas bandeiras”, esclarece o antigo dirigente comunista. “Isso não se fazia sem autorização dos próprios. O que havia de melhor na intelectualidade, na música, no teatro ou no cinema tinha simpatia pelo partido, mas, nesse tempo, não encontra qualquer caso em que badalássemos apoios de grandes figuras ao PCP. Nunca andámos com uma candeia a iluminar isso.” Dá como exemplo desta postura o facto de o próprio Álvaro Cunhal ter mantido secreta, quase até ao fim da vida, a autoria do romance *Até Amanhã, Camaradas*, atribuído a Manuel Tiago. “Ele

E



REVISTA MANCHETE

CÉSAR, O MARIDO

O namoro de Amália com César Seabra começou em 1955. Viriam a casar em 1961. O sobrinho do oposicionista a Salazar, Ricardo Seabra, seria também um contestário do regime e financiador da resistência



nunca teria revelado o seu pseudónimo literário se não tivesse vindo alguém dizer que o autor era outro.”

O ETERNO CABELEIREIRO

Boa parte dos segredos mais comprometedores de Amália durante a ditadura esteve guardada num dos locais mais frequentados de Lisboa.

A cidade inteira conheceu-o. Ou, pelo menos, ouviu falar dele.

Projeto do arquiteto Eduardo Anahory do tamanho de meio campo de futebol, o cabeleireiro Eva era o maior do País e dos maiores da Europa. Inaugurado em 1961, tinha perto de 50 funcionários e cadeiras desenhadas para os clientes tomarem refeições ligeiras. Interclassista, frequentavam-no a família Espírito Santo, a duquesa do Cadaval, a jornalista Helena Vaz da Silva, a atriz Lurdes Norberto, a fadista Teresa Tarouca ou a antiga dirigente clandestina do PCP Ivone Dias Lourenço. A localização, na Praça Marquês de Pombal, 1, dizia quase tudo sobre o seu estatuto e a sua centralidade, mas era mais importante pelo que escondia o seu proprietário.

Avesso a colunas sociais e entrevistas, Manuel Augusto de Brito não era rosto de revistas, nem se punha a jeito. Nascera em agosto de 1924 numa família humilde de Sazes da Beira, no interior da serra, em Seia, onde Álvaro Cunhal passou a infância, e, aos 15 anos, já estava na capital. O tio Alberto Monteiro era um famoso cabeleireiro da sociedade de então e ele afeiçãoou-se à arte, tornando-se também solicitado.

Amália Rodrigues ainda o conheceu no estabelecimento da família, Brito & Brito, na Avenida da Liberdade. “Foi o primeiro que me penteou”, dissera. Não mais o largou. Por “fidelidade e vergonha de ir a outros”.

O Eva prometia serviço tão requintado como o dos salões franceses.

A fadista permitia-se levar o cartaz à letra. “A minha timidez é tão grande que, quando estou em Paris, mando buscar em Portugal o meu cabeleireiro lisboeta, só para não ter de entrar num dos grandes salões de beleza parisienses.”

Amália não tinha mistérios para ele. E vice-versa. “O meu pai era comunista desde a Segunda Guerra Mundial”, refere o filho, Luís Brito. “Não havia tradição política familiar, o meu avô era tudo menos comunista, mas ele teve ligações a antifascistas e republicanos, e participou na campanha do Humberto Delgado.”

Rogério de Carvalho, dirigente do partido e primeiro responsável pela ARA, braço armado do PCP, era amigo próximo, mas, na corda, também estavam António Dias Lourenço, Rogério Paulo e outras figuras da área artística, casos do realizador Artur Ramos e dos atores José Viana e Curado Ribeiro. “Fizemos política juntos, andámos por aí a conspirar. A minha mãe também seria cliente, creio, mas ele era um *must* das senhoras bem”, disse Ruben de Carvalho do cabeleireiro.

“A Amália fez chegar ajudas aos presos políticos através do meu pai”, assegura Luís Brito. “Ele não falava muito disso, poucas vezes o fez comigo, mas ela ia muitas vezes ao salão, ao final do dia, e presumo que, por vezes, houvesse um envelope para o efeito. Não seriam encontros clandestinos, mas discretos.”

Nesse tempo, Estrela Carvas estava ainda longe de se mudar para casa da fadista, mas teria à sua frente décadas de relatos e revelações, quase teatrais. “Ó Amália, temos lá um problema...”, sussurrava-lhe o cabeleireiro, na sua sala privada. “Ó Brito, não oiço nada, tenho a tinta no cabelo. A minha carteira está ali.” A antiga funcionária pessoal de Amália Rodrigues, livre de inclinações esquerdistas, garante: “O Brito era comunista dos quatro costados, mas ela acudia a quem precisava.”

Judoca, xadrezista e apreciador de banhos na Praia da Fonte da Telha, Manuel Augusto Brito fora figura da confiança máxima de resistentes que iam escapando à caça policial nessa época sombria e nunca abandonou outros entretanto atirados para calabouços da ditadura. “Os contactos dele eram vastos”, atesta o filho. “A Amália não terá feito os contributos com motivação política. Contudo, era solidária e consciente de que o dinheiro ia parar ao partido”, admite Luís Brito. “Não tenho ideia de que as ajudas fossem frequentes, mas seriam verbas significativas de cada vez.”

Às claras, a regra era essa. “Ela gratificava muito bem as funcionárias do meu pai. Chegava a dar o equivalente a metade do vencimento delas”, refere Luís Brito, testemunha desses gestos. “Nunca tive outro cabeleireiro”, garantia Amália, apesar das encrespadas picardias entre ambos no despertar da liberdade, habituais daí em diante. “Falavam de tudo. Quando as coisas estiveram quentes a seguir ao 25 de Abril, ele dizia que a Amália era vítima de injustiças, mas não se alongava”, ouvira Luís Brito ao pai. “Discuto imenso com ele porque sempre foi comunista”, reconheceu a artista, “mas o trato é simples: ele atura-me e eu a ele.” Numa fotografia de Amália guardada pelo amigo até ao fim da vida,

Os contributos de Amália Rodrigues para as famílias dos presos políticos passavam por um dos lugares mais frequentados de Lisboa, o cabeleireiro Eva



ficou a promessa: “Serei amiga do Brito aconteça o que acontecer”, escreveu ela. “A mais ninguém sou capaz de confiar a minha cabeça.”

Primeiro descendente do cabeleireiro, Manuel Luís Brito seria, em 1987, o editor da biografia de Vítor Pavão dos Santos sobre Amália Rodrigues. Na juventude, Manuel Luís exilara-se em França, militara no PCP e voltara a sair de Portugal no pós-revolução, acompanhando a residência artística da companheira e pintora Teresa Dias Coelho, filha do casal Margarida Tengarrinha e José Dias Coelho, nascida na clandestinidade. Da relação de Manuel e Teresa, nasceu Maria.

Na editora Contexto, Manuel Luís teve como sócio o socialista João Soares, filho de Mário Soares e antigo presidente da Câmara de Lisboa. Quando a biografia da fadista ficou pronta, “foi o Belchior Viegas quem lhe levou o contrato à cama”, recorda Vítor Pavão dos Santos. “A única coisa que a Amália queria saber era se tinha a última palavra sobre as coisas publicadas.” Teve.

Na autobiografia, revista pelo poeta Al Berto, a cantora dedicou poucas linhas ao cabeleiro, “o único comunista que conheço”, dissera, a fazer-se descomprometida de outras afinidades. Seria precisa uma preguiçosa tarde de domingo na sua casa alentejana do Brejão, a 9 de julho de 1989, gravada em vídeo, para que ela destrancasse, de vez, parte desse tema sigiloso. À volta de uma roda de familiares e amigos (César Seabra, Alain Oulman, José Fonseca e Costa, Rui Valentim de Carvalho, Belchior Viegas, entre outros), a conversa fluiu.

“Você chegou a dar dinheiro a membros do Partido Comunista...”, atreveu-se Alain.

“Dei, dei, mas isso...”, reagiu ela.

Ele insistiu: “Você não deu uma vez, deu várias vezes...”

“Pois dei, através do meu cabeleireiro...”

“Não importa, não importa... O facto é que você deu.”

“Eu dei, mas não era por causa de serem comunistas”, justificou Amália. “Estavam presos. Não tinha nada a ver com política.”

“Não importa, não interessa. Você deu.”

“Quando convinha, eu era comunista; quando não convinha, eu era fascista”, rematou.

No final da vida, Vítor Pavão dos Santos ainda a ouvir dizer: “O que você fez na biografia é um rio, mas o que eu fiz é um mar.” De Amália, concluía o autor, “o mais que se sabe é que nada se sabe”. ■

NO MUNDO
O guitarrista Domingos Camarinha e o “viola” Santos Moreira acompanharam Amália Rodrigues em várias partes do mundo. Aqui, em Londres, no ano de 1955

A “PRINCESA DA PTDE”

A partir de 1958, Amália será acusada de estar ao serviço da polícia política, enquanto outros a defendem, elogiando a sua coragem

**AMEAÇADA PELO GABINETE DE SALAZAR,
ESCOLTADA PELA PIDE A UM CONCERTO,
DENUNCIADA À POLÍCIA POLÍTICA PELAS SUAS
ATIVIDADES NA VENEZUELA E NO BRASIL,
O FINAL DA DÉCADA DE 1950 REVELAR-SE-IA
TURBULENTO PARA A CANTORA**

POR MIGUEL CAIXALHO

O dia 21 de novembro de 1957 poderia apenas ser o início de mais uma digressão apoteótica de Amália Rodrigues no estrangeiro.

Não foi o caso.

Nessa manhã, a numerosa, conservadora e influente comunidade de emigrantes portugueses na Venezuela despertou escandalizada com a entrevista que a vedeta do fado dera na véspera, à chegada, ao popular diário *Últimas Notícias*. Amália até se comovera quando perto de dois mil compatriotas a receberam no aeroporto de forma eufórica, antes de rumar ao Hotel Tamanaco, onde ainda conversaria durante três horas com jornalistas, mas as notícias dessa manhã chocaram a colónia portuguesa no país e rapidamente seriam do conhecimento das autoridades nacionais.

De óculos escuros e humorada, entre copos de champanhe e cigarros, a “agradável mulher” respondera ao jornal “com a rapidez de uma máquina”.

A pretexto da estreia no Teatro Metropolitano, fora questionada sobre a música que tanta fama lhe granjeara. “Para mim, o fado é um estado de alma”, procurou definir. “Um canto tradicional que expressa

a nostalgia do português que se encontra longe da sua família, da sua casa, da sua terra, dos seus afetos.” A “estupenda protagonista”, porém, não se ficara por trivialidades e demonstrara “inteligência para compreender e tratar alguns problemas sociais”. Suscitado o seu comentário às polémicas sobre a “alta percentagem” de imigração na Venezuela, admitira que, antes de chegar, até ouvira dizer que os venezuelanos, quando queriam tratar alguém de forma dura e depreciativa, diziam: “*Mira, português.*”

Para ela, “a culpa” era, em parte, dos compatriotas, pois davam motivos para serem maltratados. “Vêm de viver uma má situação económica, encontram-se num país de muito dinheiro e de edifícios altos, e ficam complexados diante do venezuelano”, justificara. Até chegar ali, muitos deles nem sequer tinham conduzido um carro, fez notar. “Os venezuelanos também têm de compreender que se os emigrantes vêm procurar uma melhor situação económica é porque não a têm na sua terra”, diria, explanando a sua teoria: “Todos sabemos como é difícil, para quem não tem uma regular posição monetária, aproximar-se



ABANDONO

(OU FADO DE PENICHE)

"Por teu livre pensamento,
Foram-te longe encerrar.
Tão longe que o meu lamento
Não te consegue alcançar.
E apenas ouves o vento,
E apenas ouves o mar.
Levaram-te a meio da noite,
A treva tudo cobria.
Foi de noite, numa noite
De todas a mais sombria.
Foi de noite, foi de noite
E nunca mais se fez dia.
Ai! Dessa noite, o veneno
Persiste em me envenenar.
Ouço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar.
E ao menos ouves o vento!
E ao menos ouves o mar!"

das fontes de boa educação e da cultura", explicara. "Os venezuelanos têm de entender que a imigração portuguesa na Venezuela não é propriamente o mais representativo da cultura portuguesa. Se as pessoas daqui tratassem de compreender humanamente os imigrantes portugueses, entender-se-iam todos às mil maravilhas."

Ardil jornalístico, franqueza ou "amaliizada", expressão usada pela própria para definir a forma descomplexada como saía de situações desconfortáveis ou se reinventava na sua pele, o certo é que a entrevista motivou protestos da comunidade emigrante junto da embaixada e da polícia política de Salazar. Se dúvidas havia, o matutino reproduzira cartas de protesto logo na edição seguinte, com ecos de revolta da colónia lusa. "Seria melhor que ficasse em Portugal e não viesse ridicularizar-nos com a sua ignorância", dizia uma das missivas sobre Amália Rodrigues, de quem os portugueses esperavam outra atitude. "Poucas recordações deixará nesta terra", garantiam.

Em território nacional, a repulsa pelas palavras da artista também teria guarida.

A revista *Flama* foi, talvez, a mais cáustica. "Amália provocou um movimento de indignação junto da numerosa colónia portuguesa, o que a colocou em situação delicada, podendo-se mesmo afirmar que foi rotulada de indesejável", escrevia o articulista José Rodrigues Piteira, casado com a fadista Florinda Maria. As palavras de Amália sobre a conduta dos emigrantes chocaram o jornalista, e não apenas pela ligeireza das mesmas. "Não achamos muito a propósito as suas declarações sobre assunto de tanto melindre, mesmo quando tratado por aqueles que têm autoridade para o fazer. Não estará a artista de acordo?", perguntava o autor, aludindo às implicações políticas. "Não deve ser esquecida a recente atitude tomada contra nós pelo governo venezuelano, quando, na ONU, foi levantada pelos inimigos de Portugal a questão dos territórios ultramarinos portugueses, alinhando ao lado destes..."

Em poucos dias, a indignada denúncia sobre o destempero mediático de Amália Rodrigues chegaria ao gabinete de Manuel da Silva Clara, à época chefe dos serviços reservados da PIDE, em Lisboa. "A Colónia Portuguesa está deveras revoltada com tal atitude", datilografara o emigrante José Marçal, de Caracas, "humilde servidor", disponibilizando-se para eventuais necessidades. A polícia política ficaria atenta.

Na capital venezuelana, a comunidade emigrante mobilizara-se em força contra a fadista, disposta a criar-lhe todo o desconforto durante a estadia.

À cabeça estava o transmontano José António Cangueiro. Homem com a "escola" da polícia política, na qual fora chefe de brigada, chegara a Caracas nesse mesmo ano como diretor de relações públicas de uma empresa de aviação. Presidente do Conselho da Colónia Portuguesa, Cangueiro era "sincero admirador" de Salazar e fiel escudeiro do regime, "sempre alerta com o que se passa na colónia em matéria política", diria, sobre ele, Carlos Branquinho, chefe da missão diplomática portuguesa em Caracas. O Estado Novo reconheceu-lhe os préstimos, condecorando-o.

COM OS INIMIGOS DE SALAZAR

Mas estariam assim tão longe da realidade as polémicas palavras de Amália Rodrigues sobre o perfil da colónia portuguesa na Venezuela?

A 25 de janeiro de 1957, muitos meses antes de a cantora pisar os palcos de Caracas, o embaixador Carlos Branquinho escrevera a Marcelo Caetano, então ministro interino dos Negócios Estrangeiros, dando conta das suas preocupações com a imagem dos compatriotas no país. Remeteu o recorte de um artigo do *La Prensa* desse mesmo dia sobre "as qualidades e os defeitos dos imigrantes" na Venezuela e sugeriu a sua leitura urgente. "Talvez conviesse que a Junta de Emigração o aproveitasse para efeitos de se tentar melhorar o nível de apresentação dos nossos emigrantes, portadores, para o estrangeiro, duma expressão, em índice de civilização, que não corresponde à do povo português em geral e que, até certo ponto, não nos sendo lisonjeira, prejudica o prestígio português (...)", escreveu o diplomata.

Amália Rodrigues não estava, afinal, isolada.

Isso seria evidente nas páginas do semanário *Ecos de Portugal*, que reunia destacados antifascistas da comunidade na Venezuela, a começar por Daniel de Moraes, diretor do jornal e antigo ativista do MUD Juvenil. Para acompanhar a digressão da fadista, fora destacado o primo em segundo grau de Adriano Moreira, futuro ministro de Salazar. Sérgio Moreira fê-lo tão de perto e com tal frequência que, entre Amália e o repórter, se gerou imediata cumplicidade, consumada em encontros reservados à margem da agenda da artista e abordagens cautelosas sobre temas políticos melindrosos.

"Convivemos bastante durante uma semana", reconheceria ele,

em 2003, ao autor destas linhas, na sua livraria da zona sul de Caracas, quatro anos antes de falecer.

Sérgio adorava Amália e distribuía discos dela por amigos.

Sucedê que não era apenas um bom ouvinte da cantora ou, sequer, um apreciador praticante do ofício de escrever.

Nascido em Rio Meão (Aveiro), exilara-se na Venezuela em 1954, fugido à ditadura. Mulher e filha só a ele se juntariam uma dúzia de anos à frente.

Em Caracas, fora clandestino, dormira em pátios e passara fome, meses saciados a pão, Pepsi-Cola e *cambur* (banana), refeição “típica” dos emigrantes desamparados desse tempo, caso não morressem afogados a tentar atingir a costa.

Sérgio Moreira refizera a vida, estreitando laços com outros opositores ao regime de Salazar, simpatizantes, tal como ele, de teorias marxistas-leninistas. Durante anos, os representantes da ditadura mantê-lo-ão debaixo de olho.

Durante a passagem pela capital venezuelana, Amália Rodrigues foi bastante solicitada para eventos sociais e Sérgio Moreira seguiu-a para todo o lado.

Dela, recolheu memórias e confissões que redigiria, em tom poético e elogioso, nas páginas do *Ecos de Portugal*. “Amália mulher, Amália sensibilidade, pés na terra, modesta, sem ares”, escreverá, a 2 de dezembro de 1957, sobre a cantora “alma do povo, simples, inquieta, mesmo atormentada”. Ela confessara-lhe pedaços de vida, lamentações de percurso e o desejo de ser mais do que “uma folha ao vento”, realizando-se em algo além do canto. “Tenho sensibilidade, a alma abre-se-me. Falta-me, talvez, uma cultura funda e orgânica”, desabafara.

O “equivoco” resultante da controversa entrevista que tanto entristecera os emigrantes não foi ignorado, mas Amália desmentiu o teor da mesma, receosa de caminhar em gelo fino. “Tenho muito carinho pelos portugueses que labutam na Venezuela. (...) Esse povo simples, honesto e trabalhador que também sabe honrar, com as suas qualidades portuguesas, o nome da nossa Pátria. Como podia eu fazer declarações que o ferissem ou o deixassem maltratado ante ouvidos estrangeiros?”, respondeu então, tentando acalmar almas alvoraçadas.

“Nessa altura, fui a uma receção no consulado português de Caracas à procura do confronto com a Amália, mas acabei desarmado pela atitude dela”, recorda Camilo Mortágua, pai das irmãs e deputadas do Bloco de Esquerda, Joana e Mariana Mortágua.

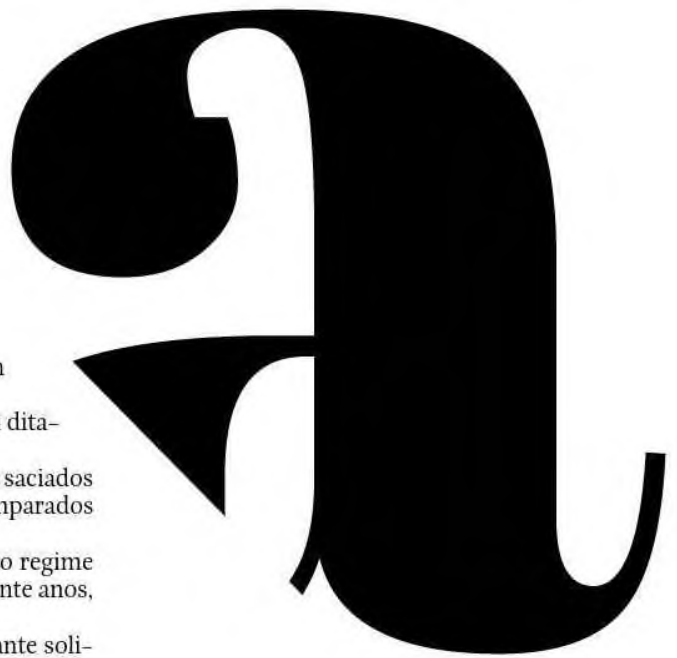
Radicado na Venezuela desde 1951, ele estava disposto, na ocasião, a enredar a artista nas suas contradições. “Ela ofendeu-se com alguém que pôs em causa a qualidade da sociedade portuguesa e dos portugueses, defendeu o País e teve uma atitude aberta, dizendo que a sua arte era a sua arte e o resto não era com ela. Fiquei desarmado, com boa impressão”, admite. “Afim de contas, não é só aquilo que dizem dela. Tem personalidade”, pensou.

Mais tarde, Camilo Mortágua combateria a ditadura na Liga de Unidade e Acção Revolucionária (LUAR), mas, nesse tempo, era apenas um politizado de safra recente, fruto das influências de Daniel de Morais.

Deixara de vender pão pelas padarias de Caracas montado numa Harley Davidson e aproveitara para tirar o retrato aos compatriotas instalados no comércio retalhista. “A colónia era manifestamente pró-ditadura. E os portugueses começavam a ficar impopulares.” O grupo *Ecos de Portugal* (rádio, jornal e empresa publicitária) seria cozinhado entre Daniel de Morais e Camilo Mortágua, abrindo, assim, uma janela de pensamento livre na Venezuela, também asfíxiada pela ditadura de Pérez Jiménez. A eles se juntaria, romântico e quixotesco, Sérgio Moreira, primeiro empregado de escritório, depois jornalista.

Entretanto, Sérgio obtivera a preciosa informação de que Amália teria contactos com setores oposicionistas na Europa. Em casos delicados, ouvira dizer, até transportaria documentos clandestinos, pois raramente seria revistada nas alfândegas. “Tinha contactos com gente em Paris e perguntei à Amália se não se importava de levar uns papéis escondidos”, relatou ele. “Ela foi várias vezes à Venezuela e manteve sempre amizade com o Sérgio e outras figuras ligadas à oposição. Existia entre eles uma relação de grande confiança”, conta o empresário Júlio Fernandes, radicado durante décadas no país e a quem o velho amigo Sérgio também relatou a história.

Num primeiro instante, Amália Rodrigues terá acedido ao pedido. No dia seguinte, recuaria, amedrontada. “Sérgio, eu levava, mas, se a PIDE me toca com uma unha, eu canto”, dissera. Delicada, escusava-se desse modo a servir de correio clandestino, sobretudo no contexto da perturbação criada pela sua entrevista junto das autoridades portuguesas. Ficaram amigos à mesma. A 15 de dezembro de 1957, Amália Rodrigues



ARQUIVO XURXO MARTÍZ

A DEDICATÓRIA
No espólio do comandante
Soutomaior, um dos cérebros
do assalto ao navio Santa
Maria, foi encontrado um
disco com uma dedicatória
de Amália. Que mistérios
esconderá?

As polémicas declarações
de Amália sobre os
emigrantes na Venezuela,
em 1957, motivaram
reações violentas
e denúncias à PIDE



deixou a Venezuela, “depois de uma série de incidentes lamentáveis”, que, segundo relato do *Ecos de Portugal*, “a artista soube enfrentar com senhoril aprumo”.

CERCADA PELA PIDE E POR SALAZAR

Se Amália receava a PIDE, o regime e a PIDE receavam Amália.

E essa foi a razão pela qual a polícia política da ditadura lhe montou um autêntico cerco na Rua de São Bento alguns meses à frente.

A cantora chegara a Portugal no final de junho de 1958, depois de espetáculos em França e na Bélgica, onde fora agraciada pelo Ministro da Presidência, na Feira Internacional de Bruxelas, com a Ordem Militar de Santiago de Espada. “Lembro-me que recebi a condecoração que me foi posta pelo Marcelo Caetano e, com a minha ingenuidade, estar à espera de me emocionar. E de não me ter emocionado”, explicou na rádio, já no período democrático.

Ao voltar a Lisboa, Amália não imaginaria as circunstâncias políticas que iria encontrar. Na sequência das eleições fraudulentas de 8 de junho, o general Humberto Delgado fora impedido de disputar, de forma limpa, a Presidência da República e, “obviamente”, demitir Salazar, como prometera. Enfrentando brutal vaga repressiva desencadeada pelo governo, a oposição decretara uma jornada de protesto de três dias. Houve abaixo-assinados a exigir a demissão de Salazar, greves e tentativas de boicote a espetáculos, transportes públicos e jornais. O uso de gravata preta foi exibido como prova de luto contra a fraude.

Meses antes, Amália Rodrigues comprometera-se por escrito, junto da inspeção dos eventos públicos, a atuar nessa noite de 1 de julho, de forma graciosa, na festa dos 52 anos do Sporting, no Estádio José Alvalade. O jornal do clube assinalara tratar-se da estreia da fadista “perante o público da capital” e incentivara os sócios a levarem flores para celebrar o aniversário da artista. Uma confusão habitual. “Na minha família, houve muitas crianças e não sabiam – a gente da província não liga muito a isso – quando eu tinha, de facto, nascido”, explicara a artista. “E então eu escolhi o dia 1 para festejar os meus anos com os amigos, embora tenha, de facto, nascido a 23.”

Dias antes, ao entrar em casa regressada do estrangeiro, Amália fora, contudo, surpreendida por uma pilha de cartas recebidas e acumuladas na sua ausência. Parte delas anónimas, rogavam-lhe que faltasse ao espetáculo e desse ao regime um sinal do descontentamento popular pelo logro eleitoral. “[Diziam] que eu, como mulher do povo, não poderia trair-me.” Ficou tentada, sensibilizada.

Uma das missivas, entregue em mão na residência, fora assinada por Maria Barroso, atriz e professora proibida de atuar e lecionar pela ditadura. “Nós, da oposição, não queríamos que ela fosse cantar porque era uma cedência ao regime”, explicara a mulher do líder socialista Mário Soares. “Até escrevi uma carta – eu não a conhecia pessoalmente – a dizer: ‘Olhe, eu sou uma mulher portuguesa, tenho sofrido pelo meu pai, pelo meu marido, etc., etc., pelos meus amigos, e acho que você não faz ideia do que nós temos sofrido e, por isso, peço-lhe que não vá cantar’”, recordara numa inédita conversa com Nicholas Oulman, autor do documentário *Com Que Voz*, sobre o seu pai, o compositor Alain Oulman.



Como o República viu a PIDE e o Sporting

A 3 de julho de 1958, o *República* usou o registo literário para noticiar a presença de Amália, à força, no 52º aniversário do Sporting, e contornar a censura. Com o título “A Bela e o Monstro”, o chefe de redação Artur Inez, poeta e democrata, carregou nas entrelinhas numa coluna cujo simbolismo só pode ser pesado e apreciado na íntegra:

“Estava bela na ira incontida que sacudia seu corpo magro e nervoso. Sua cabeleira negra e revolta agitava-se, desgrenhada, como batida por um vendaval de insânia.

Sua boca larga e vermelha como um cravo andaluz contorcia-se num *riktus* de dor inenarrável. Então seus lábios crispados de raiva abriram-se num grito de angústia: – Não!

Mas o homem à sua volta, frio e sem coração, implacável e cruel, ameaçava. Depois chorou, tentando comovê-la. E a pobre repariga do povo, desacompanhada, indefesa, mas enérgica na sua determinação honrada de defender a sua reputação, resistia, resistia ainda e da sua boca a sangrar de dor saíam

sempre as mesmas palavras vivas e obstinadas:

– Não! Deixem-me. Eu não faço mal a ninguém. Porque me torturam? Porque me não respeitam? É por ser do povo? Então, em seus delicados pulsos de mulher sensível, ela sentiu a algidez do aço das algemas do homem frio e implacável que a torturava – e sucumbiu. As lágrimas correram-lhe em fio pelos belos olhos negros como o luto que lhe ia na alma. E foi assim que ela cumpriu o seu fado.”



ARQUIVO ESTRELA CARVAS

Foram três dias e três noites de tensão, com Amália Rodrigues indecisa, “sem saber o que fazer”, mas inclinada a ficar em casa, quanto mais não fosse pelo “medo de levar com um tomate na testa ou mesmo com uma bala”. Isso mesmo disse ao telefone ao seu amigo Manuel Vinhas, milionário e ex-dirigente do Sporting, então presidido por Francisco Cazal-Ribeiro, ultra do regime e deputado à Assembleia Nacional. “Como não sabia quem tinha razão” e “não queria prejudicar ninguém”, a fadista decidira não ir ao estádio. Manuel Vinhas ainda desvalorizou, perguntando-lhe se era caso para se deixar influenciar por meia dúzia de cartas anónimas. Não eram todas anónimas, nem meia dúzia, mas, pouco tempo depois, Amália tinha “a casa cheia de pides e altos funcionários do governo”, recordou ao jornalista brasileiro José Ribamar em maio de 1974, numa das primeiras entrevistas após a revolução.

As pressões foram intensas dos dois lados da barricada. De um lado, no dizer de Amália, também apareceram “os banqueiros todos”. Do outro, antissalazaristas ferozes, como foi o caso do advogado republicano Vasco de Barros Queiroz. “Ele também passou por casa de Amália nesses dias e dizia que ela se tinha recusado a participar na festa do Sporting”, garante o neto Miguel Ferraz, autor de um livro sobre a fadista que o avô conheceu nas deambulações pelas casas de fado.

“O Octávio Pato contava que houve *démarches* do partido junto da Amália pedindo para ela não ir cantar a Alvalade, mas fizeram chantagem junto do cunhado Varela Silva. Não sei se os tipos da PIDE saberiam alguma coisa sobre ele, mas terão ameaçado que o lixavam”, relembra Domingos Abrantes, do PCP. “Era preciso ter muita coragem para não ir, convenhamos. Não só como pessoa, mas como artista. E é natural que esse ato de chantagem tenha pesado muito”, reconhece.

O caso das pressões sobre a família foi mencionado por Amália após a queda do regime. “O meu cunhado Varela Silva veio, entretanto, dizer-me que, na [casa de fados] Viela, o tinham ameaçado, a ele, e à minha irmã. Não sei, de resto, se terá sido um exagero seu. Por outro lado, amigos meus da televisão diziam-me para não ir”, contara. “As pessoas tratavam-me bem nas cartas. Diziam: ‘Tu és povo.’ E eu sempre me senti povo”, confessou ao seu biógrafo. Porém, onde sobravam receios, faltava “temperamento revolucionário”.

As ameaças telefónicas por parte do secretário particular de Salazar determinaram o rumo desse dia. “Ele avisou-me que, se faltasse, a minha

À FORÇA

Amália foi obrigada pelo regime a atuar na festa do Sporting. A PIDE ameaçou a família, foi buscá-la a casa e transportou-a num carro blindado até Alvalade



atitude seria considerada um ato político.” Previdente e protetora, Amália ocultara os nomes dos autores identificados nas missivas. “Dissera, claro, que todas elas eram anónimas e queimara-as”. E até dera uma gargalhada pelo facto de estarem a dar-lhe demasiada importância. José Sollari Allegro não achou graça e o diálogo foi duro. “Se a senhora assinou um documento há mês e meio a concordar com a sua ida”, lembrou, “não vai, então, tomar uma nítida atitude política”, advertira-a, em tom intimidatório. “Mas não se trata de uma atitude política”, contestara a cantora, “apenas não quero ir à festa.” Com a pressão do governo e o receio de represálias da PIDE sobre familiares caso faltasse, Amália cedeu. “Realmente, se tive alguma falha, foi a da cobardia.” As circunstâncias não estavam para valentias. “Não sou nenhuma heroína. Nem nunca o pretendi ser.”

Quando a encontrou após a ditadura, Maria Barroso viu nela “uma certa mágoa” pelo sucedido nesse tempo. “Era uma mulher simples e dependia, em certa medida, do regime”, reconhece. “Não teve coragem de se recusar. Ela tinha o coração despedaçado, entalado entre duas atitudes.”

Esta versão não era, porém, unânime entre opositores ao regime.

Perante a indignação originada pela falsificação dos resultados das eleições, a propaganda oficial passara a ideia de que bastava dar festa ao povo para ele esquecer tudo. “Foi esse o objetivo do grande espetáculo, com entradas gratuitas, que poucos dias depois decorreu no Estádio José Alvalade e em que Amália Rodrigues, prevenida, conscientemente colaborou”, escreveu José Manuel Tengarrinha, figura destacada da resistência a Salazar. “A minha convicção é que a Amália estava comprometida com o regime e as ambiguidades não eram assim tão grandes”, sustenta Bárbara Tengarrinha, viúva do antigo dirigente do MUD Juvenil. “O meu marido referiu-me que se fez uma abordagem para ela não ir cantar ao estádio, mas ela acabou por ceder.”

Nessa noite, Amália desceu as escadas de casa a chorar. “Não há direito que façam isto a uma mulher”, dizia, revoltada, degraú a degraú.

“Claro que não me deixei ir presa, não tenho coragem para isso, mas não fui com vontade, fui obrigada a ir”, explicará, mais à frente. “Foi desde então que começaram a dizer que eu colaborava com a PIDE.”

Encaminhada para um carro blindado da polícia política, “com o pretexto de ir melhor protegida”, foi levada para o estádio.

Exibiram-se ginastas, ranchos folclóricos e os atletas do Brasil vencedores do mundial de futebol na Suécia, em escala na capital a caminho do Rio. “Murmurava-se que Amália já não vinha”, recorda-se Vítor Pavão dos Santos, presente na bancada. Logo depois, a cantora foi recebida com flores e ovações contínuas.

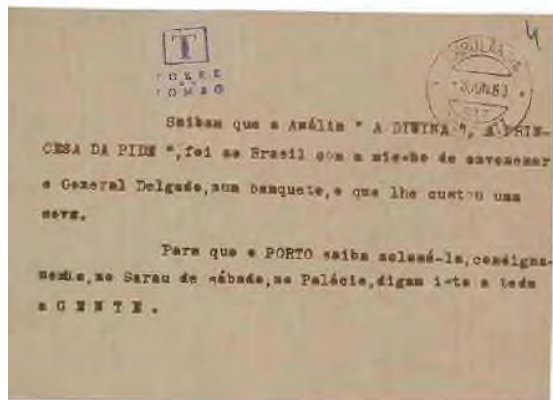
Era madrugada quando subiu ao estrado no meio do relvado, atravessando duas alas de campinos. “Sem uma única joia, arrastando um enorme vestido preto lavrado, que rebrilhava na noite”, cantou seis fados acompanhada por Santos Moreira (viola) e Domingos Camarinha (guitarra), dando, depois, uma volta em carro aberto, acenando ao público. “Cumpriu, mas não estava, de facto, nos seus melhores dias”, garante o biógrafo, sem esquecer o facto de Amália Rodrigues ter cantado, “talvez não por acaso”, *Cuidado, Coração*, de Leonel Neves: “O mal dos pobres/ Mesmo em horas de fartura/ É sentirem a amargura/ Do pão tantas vezes negado.”

Curiosa foi também a forma como o *Avante!* clandestino reportou o caso, tendo sempre um cuidado de ourives no uso da linguagem, evitando confundir a atitude do regime com a presença da fadista. “Com preços módicos e um cartaz aliciante que tentava utilizar a grande popularidade da grande artista Amália Rodrigues, procuraram os salazaristas quebrar a boicotagem dos espetáculos. A certa altura, porém, tiveram de vender os bilhetes abaixo do preço marcado e, por fim, distribuíram-nos de graça pelos organismos corporativos”, refere o jornal oficial do PCP, que abordaria o tema em duas edições de julho de 1958. “A grande artista popular Amália Rodrigues foi levada à força num carro da PIDE para o campo por ordem expressa da Presidência do Conselho”, escreveu-se ainda no jornal. A estes artigos, não será estranho o facto de o *Avante!* ser, à época, dirigido e redigido por Dias Lourenço e Alda Nogueira.

REBELDE COM DEDICATÓRIA

Entretanto, na Venezuela onde, pouco tempo antes, Amália deixara um rasto de polémica, o amigo Sérgio Moreira, olhado com desdém pelos setores acomodados da emigração portuguesa, tornara-se um perigoso insurreto aos olhos do regime.

Ele estaria, aliás, na génese da Junta Patriótica Portuguesa, integrando o grupo de opositores ao salazarismo que promoveria, a 3 de abril de 1960, o encontro entre o



ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

ATACADA
Acusada de tentar envenenar Humberto Delgado no Brasil, Amália vive, sim, rodeada de apoiantes do general, a começar pelo marido, César Seabra



capitão Henrique Galvão e Humberto Delgado no Hotel Tamanaco, em Caracas.

Aí foi esboçada a *Operação Dulceineia*, que, na noite de 22 para 23 de janeiro de 1961, permitiria capturar e desviar o paquete português *Santa Maria*, rebatizando-o *Santa Liberdade*. O rombo na imagem internacional da ditadura estava traçado.

Durante meses, Sérgio treinou-se para o ataque.

Nomeado chefe de estágio da operação clandestina, “foi ele quem arranhou as poucas armas”, recorda Camilo Mortágua. Desentendimentos insanáveis com Henrique Galvão acabariam, contudo, por deixá-lo em terra na madrugada da verdade. O auspicioso ato foi, então, levado a cabo por um grupo de portugueses, espanhóis e venezuelanos que, na maioria, embarcaram disfarçados de turistas, escondendo o armamento roubado. Um deles ainda não sabia, mas teria um encontro marcado com Amália Rodrigues.

Sequestrar navios ou afundá-los era uma das muitas especialidades do comandante Jorge de Soutomaior, alcunha do galego José Fernández Vázquez. Ligado ao Partido Comunista e responsável pela Marinha republicana durante a guerra civil, acabaria detido pelos franquistas, entregue aos alemães e deportado para Auschwitz. Seria libertado pelas tropas soviéticas pesando 37 quilos.

A sua presença entre os rebeldes que assumiram o comando do *Santa Maria* era tudo menos estranha. Jorge radicara-se em Puerto Cabello, na Venezuela, e aí se ligara aos portugueses do Diretório Revolucionário Ibérico de Libertação (DRIL), com o objetivo de promover ações subversivas contra as ditaduras de Franco e Salazar. O sequestro do navio, com passageiros incluídos, expôs ao mundo a decadência do regime. Os guerrilheiros envolvidos na operação receberam asilo das autoridades brasileiras, mas Soutomaior regressaria à Venezuela em 1962, clandestino, e aí foi preso. Residiu depois em Cuba e, mais tarde, voltaria em definitivo à Venezuela.

Após a sua morte, em fevereiro de 1986, os familiares encontraram entre o espólio do comandante um raro disco de Amália Rodrigues com generosa dedicatória em galego e português. “Sempre com muito apreço a *Sotomayor*” (sic), escreveu ela. O disco, fabricado em Cuba pela Panart e distribuído pela Odeon em 1955, trazia na capa uma fotografia de Amália a tocar guitarra e, no verso, doze fados transcritos com gralhas. Com toda a probabilidade, fora adquirido na loja *Musica y Arte*, da Calle Real de Sabana Grande, em Caracas, a única que, nesse tempo, vendia os pianos Steinway, assinalados no selo de compra do álbum, mas o vinil deixara um enigma por decifrar: em que circunstâncias teria Amália rubricado a afetiva dedicatória?

O disco foi um dia parar às mãos de Xurxo Martiz, graças ao fotógrafo Luis Ackermann, filho do comandante. Ferrado de curiosidade, o autor de investigações sobre o DRIL e Soutomaior tentou desmontar a história do álbum

VENEZUELA, 1957

Na polémica viagem de Amália à Venezuela, a fadista manteve estreitos contactos com o exilado e antifascista Sérgio Alves Moreira (na foto, com a amiga da cantora, Berta Silva)



DIVA

Idolatrada, Amália manteve diversas ambiguidades no seu percurso. Enquanto desfruta do estrelato, estende a mão, no maior segredo, a quem luta contra o regime

pelo método das “bonecas russas”. Começou por destapar o encontro entre ambos, ocorrido no Brasil ou na Venezuela. “A dedicatória é posterior ao sequestro do *Santa Maria* e isso coincide com o matrimónio de Amália Rodrigues”, que se casou a 26 de abril de 1961 com César Seabra, natural da Anadia e radicado no Rio de Janeiro, aí permanecendo vários meses. “O mais lógico seria a dedicatória ter sido escrita no Brasil”, refere o historiador, “mas o disco tem o selo de uma loja de Caracas e é muito duvidoso que Soutomaior o levasse entre os seus pertences enquanto assaltava um barco e seguia para o seu breve exílio”. Resta, então, uma forte possibilidade. “Creio que se conheceram no Brasil, onde Soutomaior teve uma vida ativa, e a dedicatória terá sido feita num encontro posterior, muitos anos depois, em Caracas”, talvez “depois da morte de Salazar”. Os assaltantes do paquete português foram julgados à revelia em Lisboa e “seria muito comprometedor para Amália escrevê-la antes da queda do ditador”.

A teoria da proximidade entre ambos é reforçada por outras pistas.

Quem era, na verdade, o engenheiro que, entretanto, casara com Amália Rodrigues? “Sempre ouvi dizer que César Seabra foi apoiante do meu pai e creio que chegou a contribuir financeiramente para o assalto ao *Santa Maria*”, certifica Iva Delgado, filha de Humberto Delgado. Poucos meses após a fraude eleitoral, o exílio do general no Rio de Janeiro foi financiado por um conjunto de opositores encabeçado pelo empresário Ricardo Seabra de Moura, tio do marido de Amália. “Quando estava no Brasil, o César, que foi sempre contra a ditadura e pela liberdade de expressão, era do grupo de portugueses que dava dinheiro para o Humberto Delgado”, confirmaria a própria cantora na autobiografia, ao fim de 25 conversas, 54 cassetes e 78 horas de gravação.

Ricardo Seabra era também velho amigo de Amália e obstinado antissalazarista nascido numa família de tradições republicanas em Avelãs do Caminho (Anadia).

Radicado no Brasil desde a década de 1920, herdeiro do grupo Seabra e Companhia, fizera furor nos negócios. Era um desempoeirado industrial, comerciante de tecidos e agressivo empresário do ramo imobiliário, no qual integrou o sobrinho César Seabra, e fugia ao perfil dos burgueses que viviam “no ócio modorrento dos lucros fabulosos e se tornam pesos mortos na sociedade”, diria dele a revista *Vida Carioca*.

Ricardo organizava concorridos almoços de sábado no solar do bairro de Santa Teresa, sua residência no Rio de Janeiro. À mesa, a 200 metros de altitude, entre terrinas e pratos da Companhia das Índias, reuniam-se todos os credos políticos e religiosos, ricos e pobres, exilados portugueses, banqueiros, senadores, deputados, médicos, advogados e homens de negócios que concordavam ou divergiam, partilhando estados de alma, segredos de Estado ou o estado das artes.

Um dos comensais era o magnata de a Imprensa Assis Chateaubriand, amigo de Ricardo. Apesar de divergirem politicamente, tinham algo em comum: a devoção por Amália Rodrigues. Assis dava como exemplo um episódio de fevereiro de 1959, quando, ceando no Maxim’s, em Paris, mandara buscar a cantora que, por esses anos, iniciava a sua epopeia no Olympia. Amália chegou pela uma hora da manhã, com seu empresário, e, ao sentar-se, disse: “Vamos telegrafar ao nosso bom amigo Ricardo Seabra. Ele e o senhor são os dois homens que mais entendem a minha arte no Brasil.”

Ricardo patrocinava atuações televisivas de Amália, como as que duraram semanas na TV Tupi, em 1958, e destacara-se nos avultados apoios financeiros ao movimento oposicionista à ditadura. Parte da campanha presidencial do candidato Norton de Matos, em 1949, e viagens de destacados democratas a Portugal, saíram do seu bolso, atividades que lhe valeram um recheado ficheiro na PIDE, com cerca de 200 páginas.

O empresário integrou o grupo de portugueses e brasileiros que, em outubro de 1958, fundou a Associação Humberto Delgado, dedicada a promover a imagem do general no Brasil e “a destruição” do governo “de perseguição e terror” de Salazar.

Humberto Delgado exilara-se no Rio de Janeiro em abril de 1959.

Instalou-se provisoriamente no apartamento 900 do luxuoso Hotel Glória, próximo do centro financeiro e político, a expensas do grupo de Ricardo Seabra.

A presença do general em território brasileiro extremou despiques políticos entre os seus seguidores e adeptos da ditadura. O clima conflituoso dessa altura teve ponto de ebulição no confronto físico ocorrido a 2 de outubro de 1959 no *Vera Cruz*. O navio atracara no porto do Rio de Janeiro, transportando, entre outros, o escritor e oposicionista Ferreira de Castro e Amália Rodrigues. A tripulação permitira a subida a bordo de Humberto Delgado para abraçar, efusivo, o democrata e intelectual, e ali almoçar. Saudada a oportunidade do encontro e enaltecida a democracia brasileira, “salazaristas e antissalazaristas, inclusive mulheres”, enfrentaram-se corpo a corpo, trocando socos, bofetões e cadeiradas. Dois agentes da PIDE, Valente e Lamego, identificados pelo jornal *Última Hora*, teriam instigado as provocações, dando vivas a Salazar. Muito a custo, a refrega seria contida.

Semanas volvidas, Ferreira de Castro despedia-se do país, mais tranquilo, durante um jantar



**O Avante!
clandestino
defendeu Amália
das pressões do
regime e escreveu
que a fadista “foi
levada à força num
carro da PIDE”**

**Sollari Allegro,
secretário de Salazar,
ameaçou Amália: se
não fosse à festa do
Sporting, essa seria
considerada uma
“atitude política”**

oferecido pelo industrial e empresário Alberto Braga Lee. Nele, participaram, além de antifascistas portugueses, o escritor comunista Jorge Amado e a mulher, Zélia Gattai, o novelista de esquerda José Conde, o cantor Dorival Caymmi (à época, outro prestigiado intelectual comunista) e a própria Amália. Incondicionais na admiração mútua, Dorival e Amália eram visita de casa, ele em Lisboa, ela no Rio, e a fadista via nele “o maior compositor brasileiro”.

AMÁLIA, “PRINCESA DA PIDE”?

Para trás ficaram as tensões originadas pela presença da fadista no espetáculo do Sporting. Esse fora “o ponto de partida para a esquerda começar a atacar Amália, pelo menos uma certa esquerda mal-intencionada”, observou Vítor Pavão dos Santos.

Os boatos ganharam vida própria, nem todos com remetente conhecido.

Exemplo dos rumores que circularam, atizando a alegada colaboração da artista com a polícia política, é uma denúncia anónima datilografada, carimbada pelos correios a 3 de junho de 1960 e estranhamente remetida da região do Vouga, por ambulância postal, à sede da Caixa Geral de Depósitos no Porto.

No curto texto, Amália Rodrigues, designada “a Princesa da PIDE”, era acusada de se deslocar ao Brasil “com a missão de envenenar o general Delgado, num banquete”. O gesto ter-lhe-ia custado “uma sova”. O autor oculto sugeria, irónico, a divulgação do episódio “a toda gente”, para que a fadista fosse aclamada “condignamente” pelos portugueses num sarau a decorrer no Palácio de Cristal.

Os meses passaram sem sobressaltos de maior. E até com sinais contraditórios.

Na noite de 15 de dezembro de 1960, a poucos meses do matrimónio, Amália e César não faltaram à inauguração do restaurante O Fado, em Copacabana, propriedade do cantor Tony de Matos e da sua mulher de então, a atriz Maria Sidónio.

Era uma quinta-feira e a casa, decorada com adereços alusivos a Lisboa e à tradição fadista, estava abarrotada de artistas e funcionários da embaixada. O novo espaço foi abençoado, na ocasião, pelo bispo católico Dom Hélder Câmara, prelado humanista que enfrentaria a ditadura militar e professava uma Igreja despojada, dinamizando ações destinadas aos miseráveis e *favelados* do Rio. Convidada especial, Amália foi, segundo relatos da época, “aplaudidíssima”. Preservada em arquivo particular, a gravação, em bobina, da pequena memória dessa noite permite mergulhar no ambiente vivido, escutar os ensaios de Amália e até um arriscado arremedo de César Seabra, à socapa, cujo conteúdo o poria em trabalhos caso caísse em mãos alheias. “Não vai poder gravar isto em Portugal”, disse ele, aproximando-se do microfone e libertando a alma. “Viva Delgado, viva! Viva Delgado”, gritou, rematando: “Esta é para o amigo Varela!”. Varela Silva, presume-se. Casado, então, com Celeste Rodrigues.

Semanas depois, em finais de janeiro de 1961, a Imprensa brasileira levantava o véu sobre um estranho episódio envolvendo o português Tristão da Silva, que, nessa altura, vinha atuando na televisão e na rádio do Rio de Janeiro.

O cantor recebera um telegrama urgente de Lisboa, passado em nome do irmão, comunicando que a mãe estaria às portas da morte, regressando de imediato ao País. Quando chegou, tinha a PIDE à espera – caíra num engodo. A detenção foi relacionada com um caso relatado pelo *Diário Carioca*. “Tempos atrás”, na Adega Lisboa Antiga, em São Paulo, um artista luso teria interpretado canções “em homenagem ao presidente eleito de Portugal, general Delgado”, presente no local, escrevera o periódico.

A história não tardaria a virar-se contra Amália Rodrigues.

A fadista gostava de Tristão da Silva, da sua voz bonita e timbrada, mas aconselhara-o a mudar os finais das cantigas e ele não levara a sugestão a bem. Entretanto, lera, “em letras gordas”, a notícia da cilada da PIDE. “Telefonei-lhe, aflita”, contou Amália. “Ele estava bem, não se tinha passado nada, era boato, desmentiu tudo.” A notícia, contudo, estava lançada. “Começaram a dizer que eu tinha denunciado o Tristão da Silva. E ele, quando voltou para Lisboa e lhe perguntaram o que se tinha passado, fazia sinal para não se falar nisso e nunca desmentiu o que disseram de mim. A glória dele era ter sido preso pela PIDE.”

Vítor Pavão dos Santos lembra-se bem deste momento da conversa. “O Tristão da Silva pôs a correr que ela tinha passado umas coisas sobre o Humberto Delgado ao Salazar e lhe tinham dado umas facadas por causa disso.” A intriga teve perna longa. Aventou-se que Amália teria estado moribunda, entre a vida e a morte, num hospital. Ela ficou perturbada. O certo é que, de tanto ouvir falar no inimigo de Salazar, quis conhecê-lo.

“Havia um restaurante português, o Galo, onde, às vezes, eu





cantava uma cantiguinha e a dona, como queria sempre apanhar-me lá, telefonou-me um dia a dizer que estava lá o Delgado”, lembrou Amália, na sua autobiografia. Nessa noite, deslocou-se à casa de fados com César Seabra. Foram apresentados “estava o senhor já em pé, para sair”. Só o vira de raspão. “Então, depois, não disseram que eu recebi o Delgado em minha casa, dei-lhe um grande jantar, veio o champanhe para a mesa, dei uma taça de champanhe ao Delgado, mas ele, que não era parvo, desconfiou, deixou cair a taça para o chão e, depois, foi analisada e tinha veneno?”, rebobinara Amália, indignada.

Na verdade, ela cometera um único “crime”: participara, em novembro de 1961, num “grande festival luso-brasileiro” cujos intuitos eram politicamente afetos à ditadura. Mascarado de apoio à Cruz Vermelha portuguesa, o evento, realizado no Ginásio de Ibirapuera, era, afinal, uma “patriótica e humanitária iniciativa do Movimento dos Portugueses de São Paulo”, organização de empresários e comandadores pró-salazaristas. Para democratas no exílio, a estrutura “explorava o patriotismo dos portugueses no Brasil” e tentava projetar o regime vigente em Portugal”. Além de Amália Rodrigues, atuaram os cantores Tony de Matos, Alberto Ribeiro, João Maria Tudela e o próprio Tristão da Silva.

À época destes acontecimentos, Amália já estava casada com César Seabra.

O enlevo, separado por um oceano, concretizara-se após seis anos de namoro.

Quando o romance começou, em 1955, o engenheiro mecânico era um *playboy* e figura de destaque nos circuitos industriais e financeiros do Brasil, mas, acima de tudo, o tipo de homem de que a fadista gostava. “Educado, esperto, gentil.” Isto, apesar de serem “completamente diferentes”. Ele, viciado na leitura de jornais e na política; ela, contente por ele não se meter na sua vida artística.

Amália era diferente, contraditória. Por vezes de bem com Deus e o Diabo, confortável no seu coração independente, ingovernável, sem comando. “Não vale a pena tentar branquear as suas convicções políticas”, abrevia o musicólogo Rui Vieira Nery. “Sendo uma mulher livre nas suas escolhas, nos seus gostos e nada preconceituosa, bem pelo contrário, era, ao mesmo tempo, conservadora e sentia-se bem com a ideia de um regime com autoridade protetora.”

Para David Ferreira, que com ela conviveu desde criança em ambiente familiar e tertúlias madrugadoras, Amália Rodrigues tinha, de facto, “um fundo conservador”, reconhece, “mas era uma grande inteligência, um espírito aberto. E os espíritos abertos têm a atração natural da liberdade e não aceitam que seja de outra maneira”.

Influenciado pelo tio, César Seabra era, por outro lado, um discreto mas aplicado contestatário da ditadura, além de contribuinte regular da causa.

O seu contacto para as entregas de dinheiro foi, durante algum tempo, um colega do mesmo tronco profissional, exilado no Brasil desde 1958: Álvaro Veiga de Oliveira. Representante clandestino do PCP no país, o engenheiro civil participara no MUD Juvenil e na campanha presidencial de Humberto Delgado. No Brasil, nos intervalos dos trabalhos de profissional liberal, contactava resistentes antifascistas e tornar-se-ia colaborador do mensário *Portugal Democrático*, de São Paulo, juntando-se às vozes da propaganda internacional contra a ditadura.

No pós-revolução, Veiga de Oliveira foi ministro nos governos provisórios até ocupar a vice-presidência da bancada comunista no Parlamento. “Um dia, em 1982, estávamos numa das reuniões da primeira revisão constitucional e, já não sei a que propósito, falou-se de Amália Rodrigues. E o Veiga reagiu: ‘Há para aí uns equívocos muito grandes sobre ela. A Amália sempre foi do contra’”, revive o advogado António Taborda, ex-deputado à Assembleia Constituinte e eleito, naquele ano, pela coligação comunista Aliança Povo Unido. “O Veiga de Oliveira rebateu as alegadas ligações da Amália ao antigo regime e contou que, ainda durante a sua passagem pelo Brasil, era ele quem recolhia dinheiro do marido, César Seabra, para atividades da oposição.”

Regressado a Portugal, Veiga de Oliveira acabou preso.


Recordista da tortura do sono (17 dias de “estátua” e 37 sem dormir), foi libertado pela PIDE em 1970, após cinco anos de cadeia. O militante do PCP recuperaria, então, os contactos clandestinos com o famoso casal da Rua de São Bento. “Disse que todos os meses ia buscar uma quantia bastante razoável destinada às famílias dos presos políticos e ao partido”, recorda António Taborda. “O dinheiro era-lhe entregue pelo próprio César, mas o Veiga dizia que a Amália também contribuía.” ■



D.R.

O REGIME

Condecorada pela ditadura, Amália foi, também, promovida pelo Estado Novo, sobretudo a seguir à Segunda Guerra Mundial. A suposta colagem valeu-lhe o carimbo de “fascista”



A partir da década de 1960, Amália teve à sua volta e a escrever para ela a "nata" da intelectualidade que se opunha a Salazar. Tempos perigosos

POR ALAIN, PELOS PRESOS

COM ALAIN OULMAN, AMÁLIA FEZ, NO FADO, A REVOLUÇÃO ANTES DA REVOLUÇÃO. AO MESMO TEMPO QUE ESTREITAVA LAÇOS CLANDESTINOS COM FIGURAS DO PCP E MANTINHA DONATIVOS PARA OS PRESOS POLÍTICOS, ESCREVEU UMA CARTA ELOGIOSA A SALAZAR. A UNANIMIDADE SÓ CHEGARIA NO FINAL DA VIDA

POR MIGUEL CARVALHO

Praça das Águas Livres, Lisboa, 15 de fevereiro de 1966.

O dia ainda mal despertara quando três homens de rosto fechado, vestindo gabardines com colarinhos subidos, entraram num bloco modernista de prédios altos, inspirado em Le Corbusier. Apressados, atravessaram o átrio, com um mosaico de Almada Negreiros em fundo, e subiram.

Primeiro bateram à porta B do 1.^o andar e perguntaram por um cidadão de nome francês. Não, ali já não morava quem buscavam: tinha-se mudado para uma casa maior, no segundo piso, porta A.

Enquanto o trio subia, o americano Edwin Dorrís, pintor e inquilino do apartamento onde recebera a inesperada visita matinal, teve apenas tempo de pegar no telefone e ligar aos vizinhos de cima: “A PIDE vai aí! A PIDE vai a caminho!”, dissera, aflito.

A britânica Felicity Jane Harrington, uma loira encantadora de 27 anos que família e amigos tratavam por *Tish*, pousou o auscultador, sobressaltada, mas ainda convencida de que se trataria de engano ou brincadeira. Só teve tempo de abrir a porta.

“O senhor Alain Oulman?”, perguntaram, entrando.

Alain ainda dormia, mas acordaria com o rebuliço. Os pides ordenaram-lhe que se vestisse, enquanto faziam uma rusga superficial pela casa e atiravam livros das estantes para o chão, “tudo muito rápido e assustador”. Felicity associou os protagonistas, “simplesmente irreais”, aos filmes de James Bond.

“São casados?”, perguntaram, ríspidos. “Sim, somos”, respondeu a mulher.

“OK, venha então à PIDE às 11 horas”, disseram, levando-o. No prédio era constante a presença da polícia política.

Com ou sem pretexto, os agentes rondavam as casas e os movimentos do escritor Luís de Sttau Monteiro, do realizador Artur Ramos e do casal Maria Armanda Falcão (jornalista que adotaria o pseudónimo Vera Lagoa) e José Tengarrinha (escritor e professor). Todos “do contra” e, na altura, envolvidos, de facto, em atividades clandestinas.

Naquele dia, calhara a vez ao encenador teatral e compositor de Amália Rodrigues.

Nas poucas horas que se seguiram, a mulher e a empregada vasculharam cada canto do apartamento. “Se eles andam à procura de alguma coisa, então deve haver alguma coisa para ser encontrada!”, pensou Felicity. Havia. Gravações, panfletos

DUPLA DE LUXO
 Captados pelo fotógrafo
 Nuno Calvet numa das
 célebres noites com
 Vinicius de Moraes,
 Amália e Alain Oulman
 foram os protagonistas
 de um repertório fadista
 de excelência



NUNO CALVET

**“Fiquei com a
 sensação de que eles,
 na PIDE, queriam
 implicar a Amália
 à força”, lembra
 Felicity, mulher
 de Alain Oulman**

e envelopes com dinheiro, sem qualquer anotação. Guardou as quantias e fez uma pequena fogueira com o resto na varanda das traseiras.

A hora aprazada, entrou na sede da polícia política.

Esperou uma eternidade sentada numa pequena sala com espelhos que lhe pareceram duplos. Depois, foi interrogada “por um homem de olhos azuis, com blazer azul de botões de metal, charmoso, suave, um *gentleman*, de ar muito culto. Não era daqueles brutamontes que a PIDE tinha”. O inspetor Óscar Cardoso disfarçava bem. Entrara um ano antes na corporação mais sinistra do regime e gaba-se, até hoje, de ter sido “um dos piores” elementos da casa para os que ousavam desafiar o Estado Novo.

Ela, porém, pouco tinha para dizer. “Para me proteger, o Alain nunca me envolveu nesses assuntos”, recorda. “Havia telefonemas esquisitos, em código, essas coisas, mas pensava que ele voltava no mesmo dia por não haver nada contra ele.” Enganara-se.

Português de nascença, o jovem *Pitou*, alcunha derivada dos vícios literários que, em criança, originaram o epíteto *Petit Larousse*, dera lugar ao “súbdito de nacionalidade francesa” da subversiva Frente de Acção Popular (FAP), de inspiração maoísta. Alain Oulman fora denunciado na sequência da prisão de Francisco Martins Rodrigues, elemento destacado da organização clandestina liderada por dissidentes do PCP.

Quando foi detido, Alain escondia na casa familiar da Quinta de São Mateus, no Dafundo, seis mil escudos em dinheiro (mais de 2 200 euros em 2019), uma carta de condução forjada, oito passaportes e bilhetes de identidade falsos, croquis da zona fronteiriça de Trás-os-Montes sinalizados com percursos clandestinos e 165 cartões de visita de pessoas fictícias e profissões adulteradas. Tudo documentos usados pelos membros da FAP, colados dentro de livros. Na agenda telefónica, Alain tinha, entre outros, o contacto da filósofa e escritora judia de origem alemã Hannah Arendt.

Na Companhia Nacional de Produtos Coloniais, escritório do pai de Alain na Rua dos Fanqueiros, fora apreendido um duplicador Gestetner, no qual se imprimira o jornal clandestino *Estudante Revolucionário*, destinado ao setor universitário.

Depositário de fundos usados pela FAP nas movimentações entre o estrangeiro e o País, Oulman cedera ainda a Vivenda Ararat a Martins Rodrigues (nome de código *Lopes*), propriedade do barão sueco Von Holstein. Situada no Alto do Penedo, em Colares, foi, durante dias, o esconderijo de Martins Rodrigues e da companheira, Maria Fernanda.

As chaves eram devolvidas na caixa de correio de Alain.

As relações de Oulman com a FAP iniciaram-se em 1962, mas as afinidades políticas remontavam a anos anteriores. “O Alain era uma pessoa de esquerda, esteve ligado ao PCP e foi arrastado na cisão da FAP.” Palavras de Ruben de



Carvalho, dirigente comunista que, durante um ano, trabalhou o espólio pessoal e artístico do compositor. “Era muito culto, sabia de poesia e literatura, mas o seu empenhamento político, como acontece muito com figuras das artes, era, sobretudo, ético”, descreve. “Sempre ouvi dizer que o Alain esteve muitíssimo próximo do partido”, reforça Carlos Brito, baseado na sua extensa folha de clandestinidade e prisões. “Nesse tempo não havia fichas, não existia uma adesão formal, mas o Alain dava-se com o PCP.” Armando Caldas, ator, encenador e comunista, falecido no decurso desta investigação, também atestara a veracidade das conexões: “O Alain andou na órbita do PCP. Estive um período em França e o Rogério Paulo disse-me para contactar o ator Gérard Philipe, do Partido Comunista Francês. Foi meu professor de teatro e era íntimo do Alain.”

Segundo a PIDE, o primeiro contacto de Alain Oulman fora o produtor cinematográfico José Carlos Andrade, coautor da adaptação ao cinema de *O Crime de Aldeia Velha*, de Bernardo Santareno. Com os anos, tornou-se elo de ligação entre João Pulido Valente, Francisco Martins Rodrigues e Rui D’Espiney, da FAP. “O Alain participava nas tertúlias da confeitaria Paraíso com os guitarristas João Bagão e Carlos Paredes, o cineasta Manuel Guimarães, o Rogério Paulo e o Bernardo Santareno, onde se liam as cartas que eu enviava de Angola a relatar coisas que não se sabiam cá”, narra o advogado Levy Baptista. “Era a pessoa mais fascinante que conheci. Democrata, ajudava os amigos. O João Carlos, disparatado, é que o meteu num sarilho, pedindo-lhe para guardar umas coisas em casa”, conta este amigo de ambos. Mas seria o “juízo revolucionário” de Mário Mateus, infiltrado da PIDE na FAP e assassinado na mata de Belas com quatro tiros na cabeça em novembro de 1965, a precipitar a investigação. O crime levará à captura dos seus executores e de outros ativistas da organização.

Das vezes em que foi interrogada, “talvez três”, Felicity estava “supernervosa”, receosa de dizer algo comprometedor ou prejudicial para o marido. “Não tivemos sequer tempo de combinar estratégias.” Óscar Cardoso, porém, não se interessara pelas atividades de Alain. “Queria, sobretudo, saber coisas da Amália e das pessoas à volta deles. Perguntou muitas vezes onde é que ensaiavam, com quem se davam.” “Encontram-se onde houver um piano”, respondeu, preservando na memória a obsessão do inspetor com a fadista. “Fiquei com a sensação de que eles, na PIDE, queriam implicar a Amália à força. Queriam embrulhá-la naquilo, não sei porquê. Disso lembro-me muito bem!”

Destes interrogatórios desconhecem-se registos.

Mas o incómodo da ditadura com a fadista tornara-se indifereçável. “A Amália já era um monumento nacional e o regime tinha-se colado o suficiente para, de repente, ser difícil descolar. Devia ser muito desconfortável lidar com uma mulher com esta abertura de espírito, que tinha em casa gente do revirinho, fazia coisas muito heterodoxas e acamaradava com maoistas como o Alain. O regime não estava habituado a isso”, contextualiza o musicólogo Rui Vieira Nery. “É evidente que a PIDE gostaria de ter pretexto para, se necessário, fazer pressão sobre ela, mas era uma figura difícil de gerir, fugia-lhes à mão.” Depois de Alain, as aparências caem. “Para a PIDE, a Amália era uma carta fora do baralho, não se controlava completamente”, acentuará Ruben de Carvalho. “E isto, para a mentalidade da polícia, torna-se um perigo constante, pois nunca se sabe o que sairá dali.”

Quando enviou a Salazar cópia do relatório da detenção de Oulman, o diretor da PIDE antecipara, subtil, outra possível dimensão do caso. “O preso é o autor de várias composições musicais para a Amália Rodrigues, entre elas umas destinadas a versos de Camões”, escreveu Silva Pais, à mão, a 15 de fevereiro de 1966, no cartão dirigido ao ditador. A Amália saída da colaboração com Oulman e com intelectuais adversos ao regime era, para a PIDE, outro fado. Mas prender o descendente de judeus influentes que usava o pseudónimo Rodrigues na vida clandestina tornar-se-ia um fadário.

O FADO DA SUBVERSÃO

Alain Oulman conheceu Amália Rodrigues em França, no Olympia, no final da década de 1950. Apareceu nos bastidores com uma música sem poema e ela disse-lhe para esperar pelo fim do espetáculo. Havia um piano perto, ele tocou o tema de forma apressada e ela gostou. Sugeriu então que procurasse o poeta Luís de Macedo, pseudónimo literário de Chaves de Oliveira, adido da embaixada de Portugal em Paris, para fazer a letra. Assim nasceu *Vagamundo*. E o muito que viria.

“Para se ter boa sintonia com a Amália não bastava ser inteligente”, explica David Ferreira. “Quem fosse apenas inteligente teria, quando muito, o respeito dela. Da mesma maneira, desprezava os estúpidos. O Alain tinha inteligência, sensibilidade e o mesmo comprimento de onda.”



ALEGRE
Um dos poemas de Manuel Alegre cantados por Amália. Conheceram-se em Paris, quando o poeta estava exilado. O socialista foi das poucas pessoas a defendê-la dos ataques da esquerda no pós-revolução



413
11/12/66

Excepcionissimo Senhor
Presidente do Conselho

Senhor sabe que a
homenagem que neste em
ninho, foi mais
forte do que a minha
noção do que devo
de' não, fazer...
Sei que não sei
escrever, que ignoro
a etiqueta que se
deve seguir num
caso tão especial!



Mas, mesmo assim
não resisto á van-
tidade que tenho
de lhe fritar o
meu Bem haja!
Bem haja por nos
ter dado este poder
de desforra!!!
Tenho visões do
muito e bem muitas
tenas, tive e terei
que defender
Portugal

414

É por isso que
eu o Bendito
por me ter dado
argumentos tão
fortes!

O meu orgulho é o
de todos os portugueses
é mais tão grande
e tão bonito como
a Ponte!



Se não receber
umas cartas de cada
português, é porque
são meus atri-
vidos do que eu!

Sei que a sua
grandeza foi me
perdoar o atri-
mento da da a
ração que eu
tenho!

Bem haja
Toda a vida!!!

Amália Rodrigues



DE AMÁLIA PARA SALAZAR

Como se prova por esta carta elogiosa, escrita poucos dias após a inauguração da Ponte Salazar, Amália Rodrigues não se limitou a escrever versos ao ditador

Quando Alain e Amália se encontraram, já ela desafiara os limites poéticos do fado, para arrepio dos detratores. Cantara Pedro Homem de Mello e David Mourão-Ferreira, por exemplo. Mas queria mais. Com o tempo juntar-se-ão Ary dos Santos, Alexandre O'Neill, Manuel Alegre, poetas não gratos ao regime. "Cresci, li, gosto imenso de poesia, conheci outra gente, falam-me de outra maneira e fui evoluindo", justificara ela, ao *Século Ilustrado*. "O Alain, com o seu entusiasmo, a sua sensibilidade e a sua amizade, puxou-me, arrastou-me, e posso dizer que fiz e cantei coisas que nunca teria feito ou cantado se não fosse ele", explicará no jornal *A Luta*.

Estratos culturais cruzam-se: Amália entra nas casas e na cabeça dos intelectuais, levando-lhes o apego a quadras populares, versos dedilhados nas ruas ou saídos do "cochicho". Os literatos, por sua vez, franqueiam portas à audácia feminina de talhar poemas para melhor os adaptar à sua voz. Em chão sagrado, eleva-os ao povo.

Amiga de Amália e de Alain, Maria Barroso deslumbrou-se com o caminho estético aberto pela fusão de almas sensíveis e a revolução artística que também libertara versos proibidos. Alain compreendia, "e muito bem, que a Amália era modesta e foi ajudada por algumas pessoas do regime. Mas ela era inteligente", disse ao filho do compositor. No fundo, "o Alain percebeu como é que funcionava aquela cabeça".

A isso, ele juntava outras qualidades. "Era de grande generosidade e estava sempre pronto a levar qualquer coisa que eu quisesse mandar para o meu marido", reconheceu a mulher de Mário Soares, então exilado em Paris. "Muitos eram medrosos, não gostavam de cometer certas ações. Ele não. Ele era um homem, com aquela doçura toda de aparência, cheio de coragem." Anos mais tarde, Oulman editaria, na Calmann-Lévy, a obra *Portugal Amordaçado*, do fundador do PS.

Sentado num *maple* na mesma casa de família onde Alain teceu melodias e versos, Nicholas Oulman não deslustra o perfil. "O meu pai era socialista, não comunista. Acreditava na liberdade individual, no facto de as pessoas poderem ser aquilo que querem, sem restrições, embora fosse mais ativo do que eu imaginava", sorri. Nele, também o fado foi princípio, meio e fim. "Deixou de ser instrumento da ditadura, conquistou um público mais intelectual e fez com que Amália, vista como cantora do regime, fosse adotada pelo lado contrário." *Touché!*

Alain, Amália e um punhado de geniais executantes de viola e guitarra, com Fontes Rocha pairando sobre todos eles, cometem a heresia de levar Camões e poesia erudita ao povo, embora sovados em praça pública pela intelectualidade de gaveta, exceções à parte. Os mais estribados na tradição, tacanhez e invejas do meio acusam a fadista de se intelectualizar, perder identidade e trocar o espírito fadista por letras à Picasso. Nesse tempo, até do Brasil chegavam apelos ao regime, contra Amália e o seu caminho artístico: "Para bem do fado, Salazar deveria enforcar um fadista em cada lampião", sugerira a revista *Radiolândia*. "Nunca tive pretensões de exprimir a alma nacional, eu exprimo a minha, aquilo que vai dentro da minha. A alma nacional é uma carga muito pesada para mim", reagira ela às críticas, na RTP.

Se as insinuações eram políticas, ela também sabia mitigá-las. "A pessoa que me fazia as músicas é de esquerda, andava com poetas de esquerda, e trouxe-me letras de que eu gostava. Quando estavam proibidas as canções de intervenção política, eu cantava Manuel Alegre, David Mourão-Ferreira, porque eram bonitas, sem eu ter nada a ver com política. Mas nunca fui timorata e tampouco tinha de sê-lo", dissera, já no resgate artístico da década de 1980, a Margarita Ledo Andión, da revista galega *Escrita*.

Além de frontal, Amália revelava habilidade a caçar moscas com mel: "Se era preciso gravar um programa para a televisão e já se sabia que um autor ia ser censurado, eu não mandava esse autor previamente, mas, quando chegava à televisão, cantava-o na mesma." Se alguém levantasse problemas, dizia, simplesmente: "Eu não sabia que estava proibido..." Melhor traduzido, só com uma das suas *amaliazadas*: "Acredito que há um sítio para o caviar, outro para o salmão e também outro para o carapau." Para unir tudo isto apareceu Alain Oulman. "Foi o primeiro a intuir, e a um nível muito profundo, a fundamental coexistência, na personalidade de Amália, do popular e do culto, do espontâneo e do vigiado, do grácil e do austero, do familiar e do estranho – de tudo, em suma, o que a nimba de génio", escreveu David Mourão-Ferreira.

Inscrito a letras douradas no repertório de Amália e Alain, constituído por quase 50 canções e, pelo menos, dois álbuns magistrais (*Disco do Busto* e *Com que Voz*), o poeta a quem sugeriram que se deixasse de "fadistics" legou à memória coletiva o tema *Abandono*. A ditadura tentará silenciá-lo, mas a resistência eterniza-o com um nome e uma força que o lirismo não conseguira alcançar: chama-lhe então *Fado de Peniche*.

E



CUNHAL PRESO

A prisão de Álvaro Cunhal em Peniche deu origem a um poema de David Mourão-Ferreira e a um fado que se tornou símbolo da resistência à ditadura, apesar de a PIDE ter proibido a sua divulgação na rádio

"O Fado de Peniche foi o maior contributo de Amália para a luta antifascista", diz Carlos Brito, antigo preso político



Por seu livre pensamento, Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, fora detido numa casa clandestina no Luso, em março de 1949. Apon-taram-lhe uma pistola à cabeça e levaram-no, algemado, a meio da noite, quando a treva tudo cobria. Durante quase dez anos, nunca mais se fez dia. Encarcerado e isolado, Cunhal escreveu, desenhou e até traduziu *Rei Lear*, de Shakespeare. Em 1958, transferiram-no da Penitenciária de Lisboa para a prisão do Forte de Peniche. Ali, ao menos ouvia-se o vento. E o mar.

No espólio de David-Mourão Ferreira, a letra datilografada de *Abandono* tem a data de 10 de abril de 1959, tendo sido riscado à mão o nome original: *Fado Crisfal*, criptónimo a remeter para a veia trovadoresca de Cristóvão Falcão. “O poema é anterior à música do Alain, mas, entre a escrita do meu pai, a gravação e a saída do disco (1962), ocorreu a célebre fuga de Peniche do Álvaro Cunhal (1960). Às vezes, parece que os astros se juntam e acontecem estas coisas”, comenta David Ferreira, sem certezas quanto à dedicatória. “Mas Peniche era uma cadeia de alta segurança para presos políticos e a letra não pode ser mais clara.”

A PIDE reage imediatamente.

Vai à editora, exige falar com Rui Valentim de Carvalho. O caso passa para Maria Eulália, irmã do patrão, mulher do autor e administradora da empresa. “Ela não diz quem é o poeta, mas combinara com o meu pai a explicação literária para aquilo”, precisa David. E então responde: “Não, não tem nada a ver com política. Isto fala do amante preso, um dos mitos mais antigos da literatura ocidental.”

A PIDE finge acreditar. “A Amália era uma estrela internacional, demasiado grande para ser presa”, crê David Ferreira. Além disso, “a censura era burra e o Salazar, um ditador cirúrgico, astuto. No fundo, era uma briga que ele não queria”.

Belchior Viegas, funcionário da editora, talvez o melhor amigo de David Mourão-Ferreira desde o colégio, desvendou o mistério num livro esquecido que, apesar do título, *Confissões de Mulheres*, também revelava facetas masculinas. “A Valentim de Carvalho nunca teve muitos problemas com a censura, excetuando quando uma vez se quis editar um disco da Amália que a PIDE retirou do mercado por causa de um fado”, explicara o agente artístico da cantora. “Pensaram que era uma alusão à prisão do Álvaro Cunhal.” Após um vaivém de correspondência, “acabaram por autorizar o disco. Mas tratava-se de facto de uma alusão à situação de Cunhal”.

Sem proibir o disco, o regime acautela-se.

Dão-se instruções para a música não passar na rádio. José Silva Dias, antigo deputado da ditadura e chefe dos serviços de informações do Secretariado da Propaganda Nacional impõe: “Este fado, com esta letra, não pode ir para o ar”, ordenou ao diretor musical da Emissora Nacional, Pedro do Prado.

O referido fado agregou ressentimentos contra o regime. Até pela carga emotiva. “A música passou pouco na rádio, mas também não havia muito quem arriscasse fazê-lo”, diz João Paulo Guerra, jornalista que cunhou o termo “nacional-cançonetismo” no *Diário de Lisboa*. “Amália teve a sorte de encontrar um mago vindo de outro planeta chamado Alain Oulman, que percebia mais de fado do que qualquer português. Mas o *Abandono* foi o que foi pelo dramatismo da Amália. Não era uma simples intérprete: quando cantando, aquilo passava a ser dela. A sua voz, ali, deu mais conteúdo.” O peso certo só um preso político saberá. “O *Fado de Peniche* foi o maior contributo da Amália para a luta antifascista”, admite Carlos Brito. “Lembro-me de ouvir e ter comentado: ‘Esta letra tem que se lhe diga!’”, refere o ex-dirigente do PCP que, mais tarde, conviveu com o autor do poema, David Mourão-Ferreira, “homem progressista, não marxista, grande admirador do Cunhal”.

Amália canta *Abandono* na RTP e repete a dose na televisão francesa.

Mas ninguém lhe toca. “Se os versos forem bons, que me interessa a mim se o tipo é comunista, se não é?”, ouviu-lhe o técnico de som Hugo Ribeiro.

Ela, porém, garantirá sempre a sua ingenuidade quanto aos conteúdos políticos, rele-vando os versos amorosos. “A Amália é tudo menos estúpida. Ou é tão inteligente que até se faz de estúpida. Se não percebesse o que a letra queria dizer, alguém lhe teria explicado.

Mas ela estava farta de saber”, garante David Ferreira. “Com o círculo de amigos que tinha à volta, não podia deixar de ouvir que fulano de tal foi preso ou que o livro de não sei quem foi proibido”, concorda Rui Vieira Nery, descodificando: “Ela, quando desconfiava de algo, dizia: ‘Só tenho a quarta classe, sou ignorante, analfabeta.’ Tudo o que ela não era. Fina e inteligentíssima, geria a imagem com cuidado. No caso de *Abandono*, escudou-se no drama da separação dos amantes.”

David Mourão-Ferreira disse-lho, olhos nos olhos, em 1993: “Foi uma poesia inspirada por motivos políticos”, confirmou no



MUSEU DO FADO

FELICITY E ALAIN
Quando Alain Oulman
foi preso pela PIDE,
a sua mulher, Felicity, foi
interrogada, mas a policia
política só queria informações
sobre Amália Rodrigues
e as pessoas
das suas relações



GETTY IMAGES

programa *Falas Tu ou Falo Eu*, na SIC, estava a fadista ao lado. “A pessoa que canta fala do seu amor, do seu amado, que está preso. (...) Isto tinha uma conotação política, mas eu, um pouco traiçoeiramente, fiz saber à Amália que não era bem assim porque podia ser também a situação da écloga *Crisfal*. Mas a Amália não se importou nada.” Ela, surpreendida, justificou: “Só mais tarde é que soube que, para si, era [político]. Para mim”, repetiu, “era um fado de amor”.

Os simbolismos não eram incompatíveis.

Ilusória só mesmo a inocência.

Aquela terça-feira, 14 de junho de 1955, foi mais uma noite em que o ator penichense António Évora se deitou arreado de porrada às mãos do tio. Mas dessa vez, valera a pena. Após os afazeres no campo, o catraio caminhara cinco quilómetros até ao Teatro Cinemar, em Peniche, onde nunca entrara, para tentar assistir à representação da peça *A Severa*, com Amália Rodrigues. Pobre, andrajoso e sem bilhete, quase desistira “ao ver aquela gente bem arranjada”, quando uma mulher saiu do carro e assomou à porta dos artistas. “Precisas de alguma coisa?”, perguntou. “Queria entrar, mas não posso”, lamentou-se ele. “Então vais comigo para o palco!”, reagiu a fadista, levando-o pela mão.

O “bichinho” mordeu-o aí. Para sempre.

Em 1965, estava já em Lisboa, na companhia Amélia Rey Colaço, e reencontrara Amália Rodrigues. “Ia muito lá a casa com o ator e meu amigo José de Castro. Os dois tinham uma paixão platónica, apesar de ele ser comunista e homossexual.” Numa folga dos ensaios, combinaram um passeio até Peniche. “Ela gostava muito do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, o Zé arranjou um amigo para conduzir e lá fomos.” Aí chegados, e passando diante do forte-prisão, pararam a conversar. “E então ela sai-se com esta: ‘Você pensa que eu sou parola, mas eu não sou. Sei perfeitamente o que cantei naquele fado, sei o que o poema queria dizer, mas, independentemente disso, é um grande poema de amor.’”

O *Fado de Peniche*, assim conhecido à boca pequena, “foi uma coisa fortíssima para todos nós”, reconheceria o ator Raul Solnado, parceiro de Oulman nas lides teatrais e amigo da fadista. “Não era suposto que a Amália cantasse aqueles versos. Era comendadora daquele regime.” De repente, “aparece a cantar aquela canção. E não acredito que ela o fizesse de uma forma ingénua”. A partir daí, o nome de Alain passou a formigar a curiosidade do mundo artístico. E político. “Quem é este homem que fez esta música nova?”, perguntavam sobre o compositor que era “um topo de gama como pessoa” e também se revelaria “competente como revolucionário”, dissera Solnado.

Numa carta de Alain Oulman a David Mourão-Ferreira, em setembro de 1963, fica-se com a ideia de que o ator seria mesmo o responsável pelo terceiro e último batismo da célebre música, quando já tinha sido gravada como

DETERMINADA
A cantora fotografada em 1964 na Avenida Opera, em Paris, cidade onde era venerada



MUSEU DO FADO

REVOLUÇÃO
Alain Oulman contribuiu para a época de ouro de Amália, ao mesmo tempo que se envolvia em atividades revolucionárias. A fadista desassossegou meio mundo para tentar libertá-lo



O ATOR DO "CONTRA"

O ator José de Castro e Amália tiveram uma relação de grande intimidade, mas sobretudo platônica. Comunista e homossexual, ele angariou, junto da fadista, dinheiro para o partido e os presos políticos

Abandono. “Mais uma vez venho maçá-lo e pedir para você me assinar a folha que envio (...), visto este fado ter sido declarado em primeiro lugar como *Fado Crisfal* e nunca mais fez-se a emenda do título. Um destes dias” sugere, talvez seja de adotar “o nome que o Solnado lhe dá”. A 18 de julho de 1967, *Abandono*, “também conhecido por *Fado de Peniche*” seria registado, nestes exatos termos, de forma manuscrita, na Sociedade Portuguesa de Autores.

A sintonia entre Amália e Alain não teme o risco, mas move-se com pezinhos de lã.

Delicado e exigente, Oulman não comete *gaffes*. Quando imaginou a *Trova do Vento que Passa* na voz da cantora, telefonou ao amigo Levy Baptista, veterano da canção de Coimbra. “Preciso de autorização do Manuel Alegre para musicar o poema”, disse-lhe, pedindo ajuda. “Ele estava exilado em Argel, mas falei com a mãe e ela autorizou. ‘Depois falo com o Manel’, respondeu.” Formal, Alain escreveria uma carta ao poeta. “Fiquei espantado porque, naquela altura, toda a gente musicava e cantava versos meus e nunca ninguém me tinha pedido autorização”, recorda, humorado, o deputado socialista. A versão cantada por Amália seria, porém, ligeiramente diferente daquela a que Adriano Correia de Oliveira dera voz. “O Alain fez a canção num tom menor, deu-lhe uma envolvimento lírica e não incluiu a quadra do *Há sempre alguém que resiste / Há sempre alguém que diz não*. Queria evitar situações delicadas à Amália. Ele sabia até onde podia ir e não a queria forçar além disso”, descreve Levy Baptista.

Alegre viria a convalescer de uma pneumonia com septicemia na casa de Oulman em Paris, cidade onde, uma noite, conheceria Amália Rodrigues: “Eu estava clandestino, era procurado pela polícia e ela sabia tudo isso. Falámos claramente, mas sobretudo de poesia.” O encontro daria pano para mais fados, entre eles *Meu Amor é Marinheiro*, musicado por Alain e divulgado pela voz suprema, ainda a ditadura reinava. “A Amália já tinha cantado a liberdade antes de 1974. Outros apareceram como grandes cantores depois da revolução, mas nunca fizeram nada semelhante ao *Abandono* ou à *Trova do Vento que Passa*. São muito conhecidos. Não digo nomes para não haver chatices”, resguarda-se Alegre, para quem Amália não obedece a teorias simplistas. “A sua voz exprime a alma de um povo. Não sendo politizada, era tudo menos aprisionável e desprevenida. Tinha o instinto da poesia, da liberdade, e dificilmente seria capturada por outros interesses. Só podia ser a cantora de todos os regimes”, afirma o poeta, destacando a influência das origens. “Fiel às raízes populares, era uma aristocrata do povo, generosa e consciente das desigualdades, sem preconceitos.”

TUDO POR ALAIN E A CARTA A SALAZAR

Amália Rodrigues estava em digressão por Israel, quando um produtor amigo lhe comentou a prisão de Alain Oulman. O tema saíra nos jornais.

Primeiro, ela não acreditou. Mas logo iniciou contactos, pois, dali a dias, rumaria a França para mais concertos. Em Paris, depois de falar com familiares do compositor e informar-se das diligências em curso por parte da diplomacia francesa para libertar Alain, telefonou ao embaixador português Marcello Mathias, prevenindo-o de que alguém do governo francês iria sensibilizá-lo para o caso. Assumiu a sua ignorância política, mas atestou a inocência do amigo. Quando muito, condescendeu, Alain andaria rodeado de poetas. Como ela, de resto.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Maurice de Murville, destacado funcionário do regime colaboracionista de Vichy durante a ocupação nazi, nunca escondeu afinidades por Salazar e Mathias. Por isso, sentiu-se à vontade para abordar o sério melindre diplomático em privado, sugerindo que a eventual “cortesia e bondade” de Salazar no caso seria apreciada pelo seu governo. O ditador e o embaixador receberam, logo aí, os efeitos de eventuais conflitos e escândalos a propósito do prisioneiro.

Em Lisboa, as reações e movimentações foram de outro tipo.

O pai, Albert Oulman, ficou desvairado. Desencaminhou Lisboa inteira, gabinetes e corredores influentes, com a missão de tirar o filho de Caxias. Idas e voltas aos correios, embaixada, consulado. “Tudo muito folhetinesco, difícil, stressante. E com a PIDE sempre atrás de nós”, lembra Felicity.

Numa ocasião, “a meio da noite”, no maior segredo, mulher e sogro foram recebidos por Marcelo Caetano. Em jovem, ele fundara a *Ordem Nova*, revista “antidemocrática” e “intolerante” que considerava o fado infetado de “toadas dolentes”, “amor doentio” e veneno “manso”, mas, entretanto, demitira-se da reitoria da Universidade de Lisboa em desacordo com as cargas policiais sobre estudantes. A família Oulman vira nele o perfil suave da ditadura, o rosto do futuro sem Salazar. Marcelo prometeu averiguar. “Em pouco tempo, estaria tudo terminado”, lembra Felicity.

Alain Oulman esteve detido cinco semanas.



ANTÓNIO CRUZ CALDAS (CM PORTO/ARQUIVO MUNICIPAL)

**Amália
desassosegou meio
mundo para libertar
Alain, mas, poucos
meses depois,
escreveu uma carta
a Salazar, elogiando
a inauguração da
ponte sobre o Tejo**



ARQUIVO RUI FERREIRA

ROGÉRIO, O "COBRADOR"
 A célula clandestina do PCP para a área dos espetáculos era liderada por Rogério Paulo (à direita de Amália), Curado Ribeiro e Artur Ramos. O primeiro era de inteira confiança da fadista para os donativos

Na cela, trabalhou poemas, escreveu novos fados para Amália, cartas à família. Perguntava, amiúde, pela fadista e pelo marido, César Seabra.

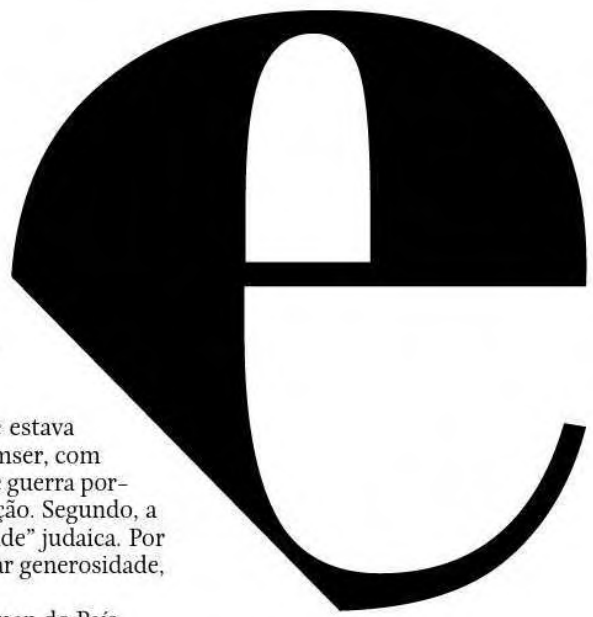
Quando o visitava, com polícias ao lado, Tish "inventava sonhos para poder passar mensagens em código. Os pides eram muito estúpidos, não percebiam nada".

Cabelo rapado, Alain foi apertado várias vezes pela PIDE, algumas de madrugada. Não foi agredido, mas obrigaram-no a permanecer de pé, horas a fio, encadeado por luzes. "Eu sentia sempre quando ele estava a ser interrogado", recorda a mulher. "Por isso, costumava ligar para o cônsul francês [Louis Pretti], homem extraordinário. Ele ia logo lá, mesmo que fosse a meio da noite, e dizia-lhes: 'Não podem fazer isto! Ele não é português, é francês. Vocês não podem tratá-lo assim!'"

Durante esses dias de cativo do amigo, Amália não sossegou. E desassossegoou quem pôde. "Ela movimentou-se para libertá-lo. Da PIDE chegaram a sugerir-lhe que não devia estar associada a ele, mas ela nunca ligou a isso", destapa Rui Vieira Nery. "Falou com amigos, a família Espírito Santo, todos os tipos do regime que conhecia. Sempre dizendo que nem ela nem ele se metiam em políticas, desdobrou-se em telefonemas", confirmou Ruben de Carvalho. "Nunca se coibiu de pedir por quem ela achasse merecedor. Dificilmente faria um pedido se fosse para ela", reconhece David Ferreira. "Meio mundo se mexeu. Até o António Lopes Ribeiro, que estava ligado ao regime", recordou o cineasta Fernando Lopes, amigo de Alain, já falecido.

Importante terá sido, igualmente, Raymond Aron.

Por sugestão do embaixador em Paris, o filósofo francês – "também judeu", precisará Marcelo Mathias ao ditador – escrevera a Salazar, a 1 de março de 1966, na esperança de influir na sua decisão. A missiva de Aron, vacinado contra simpatias esquerdistas, terá, de facto, pesado. Uma ironia que desperta memórias de juventude a David Ferreira. "Ficava muito contente quando o Alain e a Tish me davam confiança para dis-



cutir política. Era leitor do *Nouvel Observateur* e do Jean Daniel e lembro-me de o Alain criticar a sua excessiva admiração pelo Raymond Aron. Mal sabíamos que seria o Aron a escrever ao Salazar pedindo para o soltar!", recorda.

Outros valores, menos humanitários, terão sido decisivos.

Marcello Mathias antecipara junto do Presidente do Conselho o que estava em causa. Por esta ordem: primeiro, o político e banqueiro Georges Wormser, com quem o diplomata negociara o financiamento e a construção dos navios de guerra portugueses, era judeu, parente dos Oulman e estava "inquieto" com a situação. Segundo, a ditadura precisava de se libertar da pressão dos jornais e da "solidariedade" judaica. Por último, sugerira ao ditador, era acertado libertar Alain e assim demonstrar generosidade, "em nome dos interesses da nossa política em França".

A 15 de março de 1966, terça-feira, Salazar decidiu expulsar Alain Oulman do País.

O embaixador Marcello Mathias telefonou a Amália Rodrigues. "Venho dizer-lhe que chega amanhã o seu menino do coro, que não é nada tão menino de coro como você me disse", ironizou. "Nunca mais acertámos como dantes...", comentou ela.

No dia seguinte, o inspetor Óscar Cardoso ligou à mulher do compositor. Seria melhor trazer roupas, um fato, recomendou. Alain saiu diretamente da prisão de Caxias para o aeroporto. E dali para Paris.

Salazar considerara a missiva de Aron "um tanto áspera", até porque, desabafou ao embaixador português, "o rapazinho, de trinta e tal anos, estava gravemente comprometido" com "a facção chinesa do Partido Comunista". Mas a 22 de março, também por carta, o ditador comunicou ao filósofo a libertação de Alain, "prova de generosidade" e de "compreensão pelos nossos amigos franceses".

O compositor de Amália só seria autorizado a regressar a Portugal em maio de 1968, graças a "diligências feitas por seu pai" junto do ministro do Interior, Alfredo dos Santos Júnior, registou a PIDE. Albert Oulman apelara ao "elevado sentido humano" do governante que viria a ser associado ao homicídio de Humberto Delgado.

Nem assim, a polícia política deixará Alain em paz.

Vigiou-o e intercetou correspondência, como fez com uma carta procedente de Paris "contendo um exemplar dum panfleto intitulado 'Proclamação do Partido Comunista Português', emitida pela Rádio Portugal Livre a 22 de setembro de 1968". Mas não voltaria a prendê-lo. De resto, as suas estadas no País, até pelas funções editoriais na Calmann-Lévy, seriam cada vez mais esporádicas.

Aquando da detenção de Alain, o inspetor Óscar Cardoso ficara convencido de que a FAP planeava destruir a Ponte Salazar no dia da inauguração.

Nunca se saberá ao certo a credibilidade dessa afirmação, mas graças à PIDE, argumentara ele, a abertura da travessia sobre o Tejo correria tranquila. A "bomba", essa, estava reservada para a noite de 8 de agosto de 1966 no Palácio de Queluz: Amália aceitara cantar no banquete que celebrava a obra do regime na presença do seu inspirador.

Mas recuemos uns meses, por momentos.

Libertado Alain, a cantora saíra chamuscada pelos contornos políticos do caso.

Propagaram-se suspeições oriundas de setores oposicionistas e, dentro do próprio regime, alimentaram-se intrigas. "Fico triste quando dizem que triunfei porque fui ajudada por influências políticas", desabafou Amália numa carta enviada ao *Século Ilustrado* e publicada a 9 de julho desse ano. A gota de água fora o facto de a obrigarem a parar na fronteira de Elvas, vinda de França, revistando-lhe as malas. "Tinham recebido postais anónimos dizendo que eu era contrabandista", relatou. "Toda a minha vida tenho sido tratada na minha terra numa maneira injusta. Acusam-me de atividades políticas, ilegalidades, fazem-me passar humilhações... E porquê?", questionava.

Para outros, cruel e imperdoável foi a sua participação nos festejos do Palácio de Queluz. Fresca na memória estava ainda a expulsão de Alain Oulman do País e os tratos de polé que ela recebera nesses meses. Sem peso na consciência e regressada de Hollywood, Amália abrilhantou, diante de mil e setecentos olhares, a homenagem ao homem e à obra. Cantou fados castiços, canções de tonalidades românticas e sabor folclórico. De mãos trémulas, xaile negro pelo ombro, "silhueta de tragédia na sua voz mágica, singular, de milagre e exaltação", na versão rendida dos enviados dos jornais, cumprimentou o Presidente do Conselho, nervosa, e ouviu dele palavras simpáticas, recordadas mais tarde pelo guitarrista Raul Nery: "Há não sei quantos anos que não me deito às três horas da manhã. Se não fosse a Amália...", sorriu Salazar.

Na versão dela, ambos só se tinham visto uma vez num encontro promovido por António Ferro anos antes. Depois vieram os versos escritos a desejar melhoras ao ditador

Alain continuou a ser vigiado pela PIDE depois de libertado. E a Amália foi vítima de várias denúncias anónimas

S. E. C. T. P.

Declaração de Obra

Título da Obra

ABANDONO

/ FADO DE PENICHE

→ também conhecido

(1) DAVID MOURÃO-FERREIRA declara, sob sua inteira responsabilidade, que é autor dos versos abaixo transcritos feitos expressamente para a música, com o mesmo título, de autoria de ALAIN GULMAN

Obs.

Lisboa, 18 de Julho de 1967

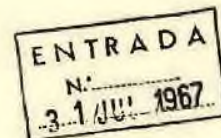
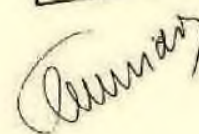
Assinatura



Por teu livre pensamento
foram-te longe encerrar.
Tão longe que o meu lamento
não te consegue alcançar!
E apenas ouves o vento!
E apenas ouves o mar!

Levaram-te a meio da noite;
a treva tudo cobria!
Foi de noite, numa noite
de todas a mais sombria!
Foi de noite, foi de noite,
e nunca mais se fez dia!

Ai, dessa noite o veneno
persiste em me envenenar!
Ouço apenas o silêncio
que ficou em teu lugar...
Ao menos ouves o vento!
Ao menos ouves o mar!

(1) Nome completo do signatário, autor dos versos transcritos nesta declaração de obra.

N. B. -- No caso dos versos não poderem ser integralmente inscritos nesta página, deverão ser continuados no verso.

Mod. Autor - 10000 ex. - 007 - Gráfica Central, Lda.

DE PENICHE E SOLNADO?

Registado na SPA anos depois de Amália o ter gravado, *Abandono* ter-se-á também chamado *Fado de Peniche* graças ao ator Raul Solnado. Pelo menos, é o que Alain dá a entender numa carta enviada a David Mourão-Ferreira

quando este já se encontrava acamado no hospital, depois da queda. “É o mesmo instinto que a leva a dar dinheiro para as famílias dos presos políticos. Era a ideia que ela tinha de solidariedade humana”, creê Rui Vieira Nery. “Mas, para um burguês culto da oposição, era uma coisa horrível.”

Na verdade, nem sequer era a história toda.

Até hoje inédita, permanece no arquivo do ditador uma carta que Amália Rodrigues lhe dirigiu (*ver na íntegra na pág. 64*) e recebida a 11 de agosto, poucos dias depois das celebrações da ponte. Ao longo de quatro páginas, a cantora derrete-se de orgulho pátrio e elogios ao destinatário: “Não resisto à vontade que tenho de lhe gritar o meu bem haja por nos ter dado este poder de desforra!!!”, escreve a fadista. “Se não receber uma carta de cada português é porque são menos atrevidos do que eu.”

Na agenda, o guardião do Estado Novo registou ainda uma visita da cantora a São Bento, a 19 de outubro de 1966, para uma conversa sobre a sua “vida artística”.

“COBRADORES” NA BRUMA

Não havia um túnel entre a casa dela e a residência oficial de Salazar.

Mas continuava a existir a Amália de sempre: ambígua, impulsiva, capaz de dançar ao som da música do regime, enquanto dá a mão e

dinheiro a quem luta e sofre para o derrubar. Por vezes, revela-se também inábil ou ingénuo na gestão de episódios e circunstâncias. “A Amália é vítima da sua inconsciência”, dissera o agente artístico Belchior Viegas nos intervalos da longa entrevista da cantora ao escritor Manuel da Fonseca, no Brejão, em 1973, para uma biografia que nunca veria a luz do dia.

Ao mesmo tempo, “a Amália era um pingo na pata do regime”, reconhece Samuel Quedas, o “cantigueiro” que mastigaria o pó da estrada com Zeca Afonso e outros músicos indisponíveis para serem “bobos do rei” nesse tempo. “Ela estava longe de ser a figurazinha pobre da fadista dominada por guitarristas que a pusessem a trabalhar. Teve nariz e soube usá-lo. Escolheu repertório, ela própria escrevia e algumas das melhores coisas que cantou foram da sua autoria. O regime fazia os possíveis para a enquadrar e não perder o pé, mas ela era incómoda: não a podiam prender ou proibir. Era amada pelo povo”, descreve o cantor e compositor.

A entrada de Alain Oulman na vida de Amália e a intensa ligação e produção artística de ambos teriam o condão de alargar as furtivas colaborações da cantora com redes clandestinas de solidariedade humana e política. “Era impossível que as relações que ela foi estabelecendo não dessem frutos para além das letras dos fados”, discorre Samuel. “Ela não era a tonta que andava no meio dessas pessoas sem saber o que se passava. Isso foi o boneco que ela criou para fazer de conta que não sabia de nada.”

Embora os contributos clandestinos viessem de longe, o autor das novas músicas, os poetas cantados e a qualidade lírica das composições atraíram para o seu universo íntimo um leque mais amplo de intelectuais e artistas politicamente comprometidos.

Estrela Carvas, a “faz tudo” de Amália durante décadas, lembra-se de a ouvir contar como se faziam certas abordagens no segredo das paredes da Rua de São Bento. “O Alain, o David Mourão-Ferreira e o Rui Valentim de Carvalho iam falar-lhe a um canto e diziam: ‘Ó Amália, temos um amigo com um problema, andamos a ver se arranjam fundos...’ Era sempre para alguém que estava preso”, recorda a amiga e antiga assistente da fadista. “Então ela dava uma joia para se vender ou o dinheiro que tinha em casa na altura e no dia seguinte ia buscar mais.” Eles tentavam dizer-lhe quem era a pessoa em apuros, mas Amália cortava a conversa pela raiz: “Não quero saber quem é, nem o que é”, reagia, de imediato. “Não me ponham um rótulo na pessoa. Basta que digam que tem problemas e precisa. Se dizem que é isto ou aquilo, obrigam-me a tomar posição e não quero.” Segundo Estrela Carvas, “ela sabia perfeitamente para onde ia o dinheiro, mas, pelo menos, ninguém podia dizer que o tinha dado aos comunistas ou outra coisa parecida”.

O ator e encenador Rogério Paulo conhecia estas cautelas e códigos de silêncio. De resto, é quem mais fará uso dessas estratégias encobertas para recolha de dinheiro junto de Amália e figuras do meio até bem perto da Revolução de Abril.

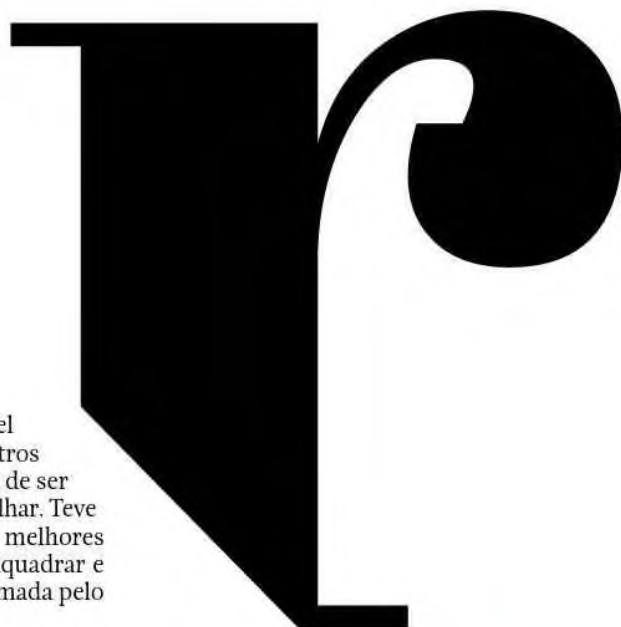
Fiel ao PCP, do qual era membro desde 1954, Rogério fora ativista do MUD Juvenil, candidato da oposição, dera o sinal para a fuga de Cunhal e de outros presos de Peniche (abrindo o porta-bagagens do carro), e estivera detido. “Desde a candidatura do Humberto Delgado que o PCP teve uma célula clandestina constituída pelo Rogério Paulo, pelo Artur Ramos e pelo Curado Ribeiro, com larguíssima influência no meio do espetáculo”, revela o antigo dirigente Carlos Brito.

Na PIDE, as fichas do trio sempre foram volumosas.

Realizador, Artur Ramos estava, segundo a polícia política, “ligado a organizações progressistas e elementos de tendências cripto-comunistas”. Estalinista assumido, ligado ao PCP desde 1957, o também ator e encenador fora o primeiro, na agência Reuters, a receber a notícia da fuga de Cunhal de Peniche e transportou camaradas perseguidos para o estrangeiro. Expulso da RTP, viu várias encenações proibidas.

Fernando Curado Ribeiro preenchia o imaginário feminino da época. Galã da década de 1940 (*O Costa do Castelo*, *O Leão da Estrela*), interpretara personagens ajustadas ao ideal masculino, charmoso e sedutor. Voz doce e colocada, cantara temas românticos de sucesso e deixara mulheres a suspirar. A rádio era o seu *habitat* natural, mas, nos bastidores, é espremido pelo regime. Apoiante do MUD Juvenil e do candidato oposicionista Norton de Matos, foi chamado à PIDE inúmeras vezes e expulso da Emissora Nacional. Reuniões e causas clandestinas preenchiam a sua vida na sombra. Assumia-se comunista, mas apenas e só enquanto durasse a ditadura, justificava ao amigo e ator Ruy de Carvalho.

“Obtive a primeira informação sobre os gestos da Amália através do Curado Ribeiro, em casa do escritor Fernando Namora”, conta José Manuel Mendes, ex-deputado do PCP à Assembleia Constituinte. “O Curado foi muito claro quanto ao facto de a Amália, querendo que não se soubesse, ajudar famílias dos presos políticos.” As confidências de Rogério Paulo foram no mesmo sentido. “Ele nunca disse que o dinheiro era para o partido. Mas, sorrindo,



ANTÓNIO CRUZ CALDAS (CM PORTO/ARQUIVO MUNICIPAL)

**A célula do PCP
para os espetáculos
era constituída
por Rogério Paulo,
Curado Ribeiro
e Artur Ramos.
O primeiro foi o
principal contacto
de Amália Rodrigues**



também dizia que a Amália sabia, 'evidentemente, que 90% dos presos políticos eram comunistas'. Esta frase não é minha", sorri. As memórias de José Manuel Mendes sobre o lado mais privado da fadista recuam ao período de camaradagem com David Mourão-Ferreira, marcado por convívios tarde fora. "Ela vivia numa bruma de relações com o Estado Novo e figuras da ditadura. Isso era confortável para a carreira, os discos, as atuações e a projeção internacional", reconhece. Mas Amália também "compreendeu que o regime tinha aspetos desagradáveis e até mesmo insustentáveis. Isso levou-a a dar sinais secretos", entre eles "a compreensão da dor das famílias dos presos, ao ponto de ter dado dinheiro – e estou a falar de dinheiro mesmo! – para ajudá-las". Algo que, "não implicando uma opção ideológica", significa "um contributo para mitigar sofrimentos muito grandes".

Os encontros em casa do ator José de Castro, em Paço de Arcos, são dessa época transpirada de conspirações e intriga. Armando Caldas, encenador com ligações à célula comunista, aparecia algumas vezes e o resto ia sabendo pelo camarada em conversas ciciadas. "Faziam-se lá convívios com a Amália, que sempre demonstrou enorme ternura e carinho pelo Zé. Noutras ocasiões, ia também o Alain Oulman com alguns músicos e ela cantava", lembrou, meses antes de falecer, o fundador do Teatro Moderno de Lisboa. "Por vezes, o Zé de Castro entregava-me dinheiro que a Amália lhe dava ou lhe fazia chegar. Não sei se ela sabia que era para o partido, mas sabia que o Zé era comunista. Quando a Amália colaborou com o Alain, deu muitos contributos que acabavam por ir parar ao PCP", garantiu.

Rogério Paulo tornara-se, contudo, o cérebro desta célula para o setor artístico.

Tinha artes de lidar com quem "não arriscava muito nem queria dar a cara" e "a sua figura imponente dava confiança" às gentes do meio, define Carlos Brito. Ganhara essa reputação a partir das tertúlias dos cafés e teatros, nas quais ficou amigo de gente de esquerda e de direita, de David Mourão-Ferreira a Couto Viana.

Esse perfil ajudou a blindar as relações com a cantora. "Os contactos do Rogério com a Amália eram anteriores à campanha do Humberto Delgado e mantiveram-se até ao 25 de Abril de 1974", garante Carlos Brito. "Ela confiava nele, conversavam sobre a situação do País e dava-lhe dinheiro para 'ajudar as famílias dos presos políticos, presos e ex-presos necessitados'. Ele dizia que a Amália usava sempre estas palavras e depois acrescentava: 'Tu fazes o que entenderes.' Não tenho ideia de que alguma vez tenha dado dinheiro abertamente para o PCP, mas ela sabia sempre mais do que parecia", desvenda o antigo dirigente.

Após a morte de Amália, o fadista João Braga surgiu, lesto e revoltado, a desmentir apoios formais da cantora ao partido. "O que ela fez, vezes sem conta", escreveu, "foi ajudar quem necessitava, sem nunca indagar a cor política, a raça ou o credo religioso, de quem ajudava. O que ela fez, tal como eu, por exemplo, foi ajudar quem, pela sua opção pelo comunismo, era marginalizado, preso ou exilado".

João até assistira, de forma involuntária, a um destes contactos clandestinos, por via da amizade com Rogério Paulo, compincha das tertúlias da Rádio Cartola Livre, na cave do restaurante Tridente, em Cascais, "onde se juntavam João Paulo Guerra, Francisco Stoffel e outra rapaziada para ouvir a BBC e emissões reprováveis à luz do regime". Estava o fadista em casa de Amália quando, certo dia, foi anunciada a presença, à porta, de Rogério Paulo. Ela mandou-o entrar.

"Posso falar à vontade?", perguntou ele.

'Tu é que sabes, diz lá', respondeu a anfitriã.

Então, ele falou de um grupo de alunos do Conservatório, os mais qualificados, aos quais queria oferecer uma viagem à União Soviética", conta João Braga, recordando a justificação dada por Rogério. "São filhos de famílias que passaram dificuldades para eles tirarem o curso. A vontade deles é ir a Moscovo e vinha pedir-te ajuda."

Amália não fez perguntas. Levantou-se, direta ao cofre da sala, meteu a mão até ao fundo, tirou um grande maço de notas e entregou-lhe. 'Espero que isto chegue, não tenho mais disponível"', disse.

O ator agradeceu e saiu. Dias mais tarde, João Braga não resistiu a confrontá-lo: "Olha lá, o que foi aquilo em casa da Amália?", perguntou. "Não digas nada, mas é para um grupo de estudantes comunistas que vai a Moscovo."

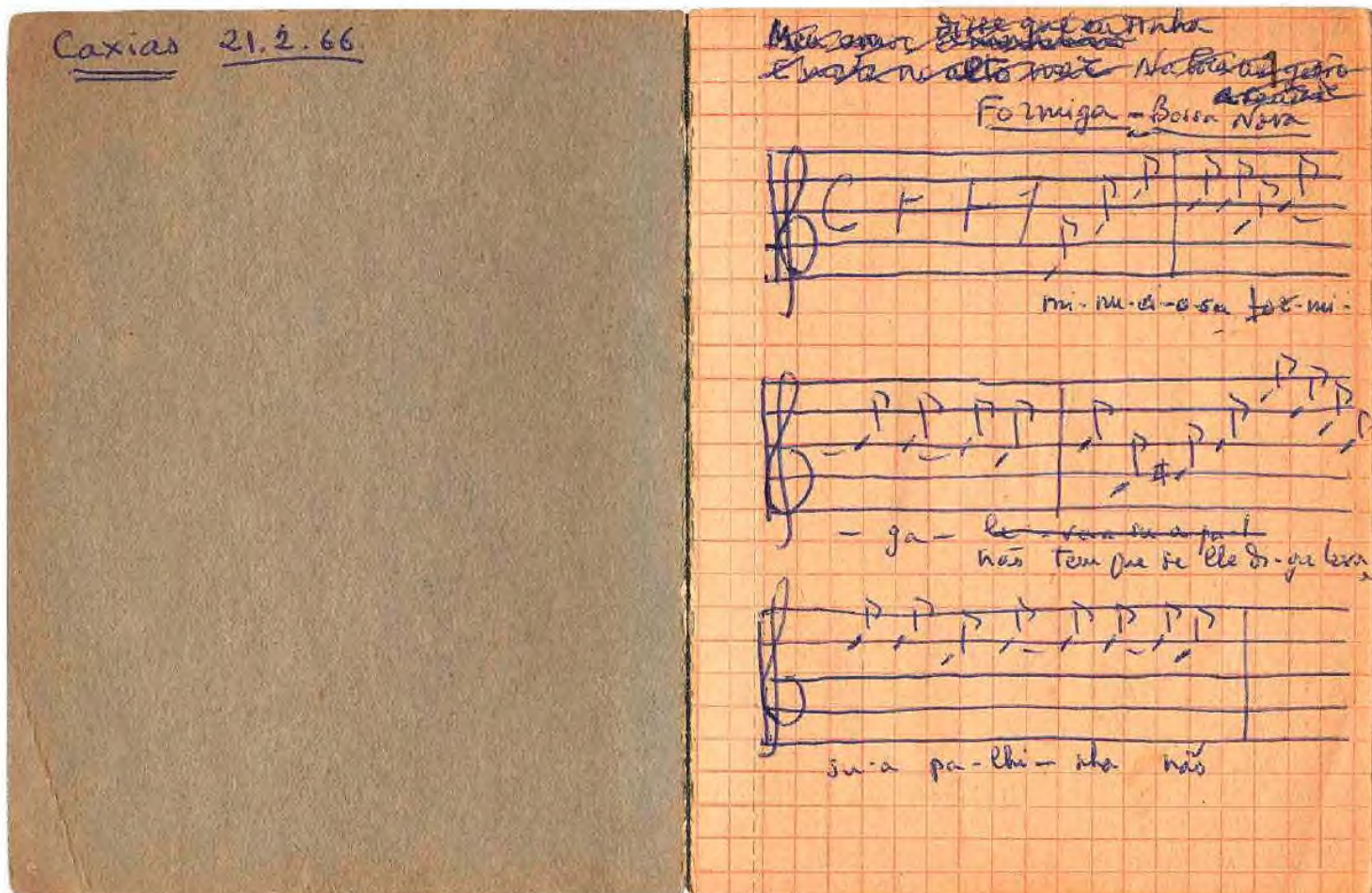
Rogério Paulo aparecia quase sempre tarde, depois de sair dos teatros, sem avisar, sabendo que, naquela casa, se madrugava. Por vezes, telefonava antes, para indagar o ambiente ou não apanhar

Amália em falso. "Isso acentuou-se a partir de 1969, quan-



SEM FRONTEIRAS

Nas décadas de 1960 e 1970, Amália Rodrigues derrubou muros, fronteiras, línguas e preconceitos. Da União Soviética ao Japão, passando pela Roménia e outros países



do ele foi dirigente da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos”, revela o filho Rui Ferreira. “O meu pai passou a ser o ‘cobrador’ regular, palavras dele. E a Amália era uma espécie de *Bank of America*, o mealheiro da época.”

A organização, diversificada em termos políticos, precisava de fundos consideráveis. Tinha de fazer face a imprevistos, a novas vagas repressivas, ao aumento das prisões e, sobretudo, às despesas e aos dias gastos pelas famílias nas deslocações, inoportáveis para pessoas de recursos económicos limitados.

Quando isso acontecia, Rogério voltava ao sítio habitual. “A caixa está vazia”, dizia, ao entrar. Amália ia buscar o dinheiro. “Tens a certeza de que isto chega? Ou é preciso mais?”, questionava ela, sem testemunhas por perto. “Ao longo de meses, ele conseguia arrecadar 50, 60 contos. Muito dinheiro à época”, acentua Rui Ferreira. Tempos em que Amália Rodrigues somava cachês de 600 contos (quase 143 mil euros a preços de 2019), com despesas pagas, como foi o caso da digressão a Angola, Moçambique, África do Sul e Rodésia. Carlos do Carmo só soube desta “intimidade” entre Amália e o seu “querido amigo” Rogério Paulo em democracia. “Ele gostava de fado, dava-se muito bem com ela e ia lá buscar dinheiro”, assume o cantor. “Contou-me isto com a maior naturalidade, queria que eu soubesse por ele.”

GENEROSIDADE EM REDE

Amália Rodrigues não se limitou a tais apoios: chamou para o pé de si talentos perseguidos. Promoveu-os, deu-lhes palco.

O guitarrista Carlos Paredes, membro do PCP, banido pela ditadura e “cliente” das cadeias da PIDE, foi com ela a Paris e ao Japão. “Seria difícil para a Amália não ter compromissos com o regime porque teria sido presa – e não foi. Mas as pessoas não devem esquecer: a Amália ajudou muitos

PAUTA DE PRISÃO

Nem quando esteve preso em Caxias, Alain Oulman deixou de compor para Amália. Neste caso, as notas do compositor são relativas à letra *Formiga Balsa Nova*, de Alexandre O’Neill



PONTE SALAZAR
O *Diário de Notícias* registou na primeira página o breve encontro de Amália com o ditador no Palácio Queluz durante os festejos da inauguração da Ponte Salazar, em 1966

“É injusto dizer que a Amália foi a cantora do regime. Tenho uma dívida para com ela e essa justiça tem de ser feita”, reconhece Carlos do Carmo

comunistas. Escondeu-os, protegeu-os em casa, apoiou-os financeiramente...”, disse Carlos Paredes à guitarrista Luísa Basto, com quem viveu até morrer, recebendo visitas regulares da fadista na cama do hospital. “Por pudor, nunca nomeou quem ela ajudou, mas, para ele, isso valia tudo”, garante a companheira do génio das cordas na sua casa de Alcochete, desfiando memórias. “A Amália, às vezes, é tratada de forma muito injusta”, argumentava ele. “Esta rapariga não merece. Ajudou comunistas em alturas difíceis e arriscava a vida ao fazê-lo.”

Nos seus braços solidários envolvia outros, sem currículo político. “Muitos cantores e fadistas viviam na miséria. E foram pedir-lhe que intercedesse junto do governo, do Salazar ou de outro político próximo para ser dado um apoio substancial aos artistas”, lembra Luísa Amaro. “Ela dizia que muitos deles morriam à fome, mas a resposta que obtive foi: ‘Se nós não conseguimos ajudar aqueles que choram, também não vamos ajudar aqueles que cantam.’ Ela ficou *para morrer!*”

Cantor e guitarrista das fornadas coimbrãs, o socialista Almeida Santos testemunhou essa generosidade e disso daria conta em pleno Parlamento, após a morte da cantora. “A Amália era um caso raro de solidariedade humana e de bondade. Durante muito tempo, os seus cachés eram dados a velhos fadistas que caíam em desgraça. Ela não podia assistir à queda de um velho fadista – às vezes, novo – sem lhe deitar a mão.”

O auxílio a presos ou emigrantes a partir de verbas dos seus espetáculos também chegou aos ouvidos de Rui Vieira Nery. Exilado na década de 1950 em Paris, impedido de trabalhar em Portugal por razões políticas e íntimo de artistas e intelectuais fugidos à ditadura, o escritor comunista Urbano Tavares Rodrigues também recebeu, das mãos da Amália, preciosos apoios: “Sempre ouvi dizer que ela entregou dinheiro ao Urbano em França”, assevera o musicólogo. “Quem contava essa história era a Alda Nogueira, que a revelou também à pintora Maria Almira Medina, por exemplo.”

Amália Rodrigues atou laços, transcendeu preconceitos, derrubou estigmas.

E também a “Cortina de Ferro”.

Foi à Roménia em 1968, ao festival de Brasov. “Ver isto bem!”, anotou, preocupado, Silva Pais, diretor da PIDE, quando recebeu a lista de passageiros em trânsito.

Na viagem, seguiu a cantora *pop* Mafalda Sofia. “Quando falo dela, até fico com pele de galinha!”, suspira a algarvia. “Vi aquela gente na Roménia, que não percebia uma palavra de português, a aplaudir a nossa Amália de pé e chorei de contentamento. Jamais esquecerei!”, conta. No regresso, passou a ser visita de casa. “Portugal tinha um regime muito esquisito, mas eu era muito *prá frentex*, só queria pular e dançar e não queria saber de desgraças. Mas ouvi-a sempre com atenção. Foi por ela que soube do que se passava nas cadeias, dos presos políticos e dessa coisa toda”, confessa.

Em 1969, viajando via Paris, a fadista percorreu a ex-URSS, à época sem relações diplomáticas com Portugal. “Amália Rodrigues é a voz dos pobres portugueses, pessoas carentes com mãos calosas, a voz daqueles que estão desesperados para ver um futuro melhor, que esqueceram os sonhos brilhantes da infância e da juventude”, descreveu uma publicação do sindicato dos jornalistas soviético. “A esperança é ouvida na sua voz calorosa e misteriosa quando a cantora canta sobre o seu país, sobre as pessoas comuns de Portugal, sobre os seus problemas e a sua vida difícil.”

Estudante clandestina em Moscovo, Luísa Basto, voz eterna do *Avante, Camarada!*, hino oficial do PCP da autoria de Luís Cília, foi à sala Tchaikovsky vê-la. E chorou, ao lado dos seus camaradas portugueses. “Ao som das guitarras, as lágrimas começaram a cair. Depois, a voz da Amália e o facto de estarmos há muitos anos fora do País foi...”, interrompe, emocionada. Depois retoma. “Bem... parecíamos uns parvinhos a olhar uns para os outros a chorar...” Luísa conta fados de Amália nos seus discos e interpretou o papel da fadista em palco, substituindo Rita Ribeiro, no musical de Filipe La Féria.

“Ia a uma loja em Moscovo e quando dizia que era português, as pessoas diziam: ‘Ah, português... Amália, Eusébio e Cunhala!’”, ri-se Carlos Brito. Depois do assassinato do marido e pintor José Dias Coelho, também Margarida Tengarrinha seguiu para a capital da ex-URSS em trabalho clandestino junto de Álvaro Cunhal. “A nossa atividade era discreta, eu falava mal o russo, mas tinha vocabulário. E quem é que era conhecida em Moscovo? A Amália Rodrigues!”, diz, como se revivesse o espanto de então.

“Quando dizia que era portuguesa, falavam-me logo da Amália. Era um caso único a ultrapassar fronteiras geográficas e ideológicas, fronteiras tão difíceis de ultrapassar na altura”, reconhece. Depois veio Abril de 1974, a liberdade, tempos conflituosos, a mágoa da fadista com as esquerdas.

“Mas lembro-me de o Álvaro Cunhal dizer que a Amália era a voz mais admirável que conhecia. E ele sabia o impacto que ela tinha

tido noutras áreas.”

A proximidade da Amália Rodrigues aos que combatiam o antigo regime “faz cada vez menos parte da lenda e mais da realidade”, garante Samuel Quedas, guardador de histórias e testemunhos a propósito desses laços encobertos. “Um grande amigo e antigo dirigente do PCP, José Casanova, contou-me que, tanto cá como na Bélgica, se dirigiu muitas vezes de forma indireta ou pessoal à Amália pedindo para ela participar em angariações de fundos, disfarçadas de outra coisa qualquer”, relata.

Em casa, Miguel Casanova ouviu o pai falar em conspirações no Cinema Império, “local habitual de tertúlias e encontros deste tipo” e, pelo menos num deles, ter mencionado o nome da fadista. “Ele contava que a Amália teria dado um concerto, se não me engano no Império, cuja receita foi destinada aos presos políticos. Foi ele quem tratou disso.” Décadas volvidas, a névoa sobre o episódio permanece, mas o Cinema Império foi, de facto, uma ilha da oposição intelectual ao regime quando aí se instalou o Teatro Moderno de Lisboa (1961-1965), companhia da qual fizeram parte Rogério Paulo, Armando Caldas, Carmen Dolores, entre outros. Há ainda registo de uma atuação de Amália naquela sala, a 11 de dezembro de 1968, a favor da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, instituição fundada por vários antifascistas.

“O Zé Casanova contava que muitas vezes foi bater à porta da Amália e explicar por que precisava urgentemente de algum dinheiro vivo para acudir à esposa de um preso político ou à defesa judicial de alguns detidos. E ela dava sem pestanejar”, retoma o cantor Samuel, ressaltando. “Quando se zangou com uma certa esquerda deste País, a Amália banuiu parte dessa gente das relações dela e chegou a recusar estar no mesmo camarim com comunistas que conheço. Mas continuava a dar-se e a participar em serões onde estava o Casanova.”

A viúva do antigo diretor do *Avante!* confirma, pelo menos, os encontros em casa do poeta Ary do Santos, entre 1967 e 1970, durante os quais “a Amália, a Natália Correia e outros fariam donativos para os presos políticos”. Cândida Casanova, reformada da vida sindical, garante: os contactos do marido com a fadista mantiveram-se para lá do período revolucionário, “mas depois a situação política complicou-se, as noites em casa do Ary azedaram, houve fricção por causa da Amália e cada um foi para seu lado”. Para Cândida, “o fado era uma coisa horrorosa. Mas o Zé tinha discos e ouvia-a muitas vezes. E dizia: ‘Vocês falam do que não conhecem’”.

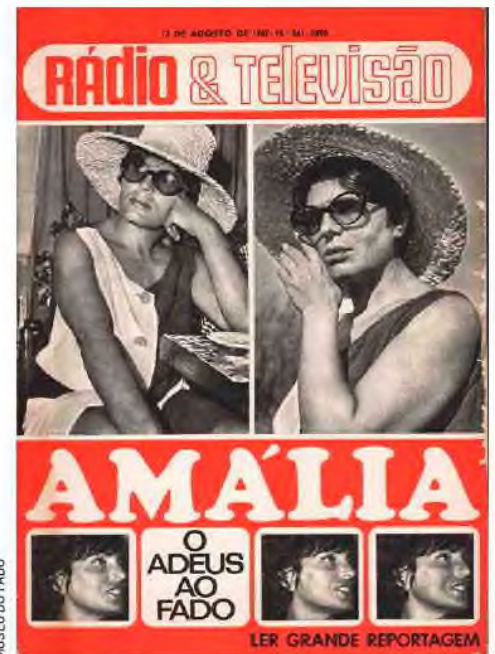
A VITÓRIA, FINAL

Se alguém apareceu associado a invejas, ciúmes e remoques destinados à fadista foi o cantor Carlos do Carmo, tido como o rival da “diva” em liberdade. Quando o fado atravessou o túnel da mudança de regime, Amália foi a noite, ele o dia. Em surdina ou às escâncaras, ambos terão contribuído para essa imagem, coisas que a vida artística e o passar dos anos talvez nunca tenham superado. “Não sou cínico, mas nunca guardo memória de raivas”, assume ele, ressaltando o papel da fadista: “É injusto dizer que a Amália foi a cantora do regime. O regime é que foi suficientemente esperto para aproveitar a maior voz do século XX. Tenho uma dívida para com ela e essa justiça tem de ser feita: quem divulgou o fado lá fora foi a Amália. Eu fui a seguir, depois apareceu esta geração, mas ela é que abriu a porta a tudo isto.”

Se o fado se tornou Património Imaterial da Humanidade e a dita canção nacional parece mais pujante do que nunca, sem distinção de classes, gerações ou ideologias, qual será, afinal, o lugar reservado para Amália Rodrigues na memória do mundo, do País, no verso e reverso da nossa História? “É extraordinário esta mulher ter existido no fado, as circunstâncias e a inteligência dela resultaram num animal feroz. O funeral da Amália foi, em termos de reconhecimento, a coisa mais significativa que vi na minha vida”, admite Carlos do Carmo.

A 29 de outubro de 1999, o Parlamento votou de pé, por unanimidade, o seu pesar pela morte de Amália. Da direita mais conservadora à esquerda mais libertária, os deputados interpretaram, em seis fados falados, o sentir de um povo. “Amália morreu como exemplo de extrema generosidade e solidariedade humana. Era um grande coração. Aliás, só assim é que ela podia cantar como cantava”, disse então o presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, velho amigo, sabedor das verdades escondidas naquela voz e nos gemidos das guitarras. “Gostava que a recordassem também nessa faceta”, pediu. “Foi uma mulher bondosa, uma mulher boa, uma mulher que, inclusivamente, não consentiu nunca que o ódio entrasse dentro do seu coração – e algumas razões teria tido para o deixar entrar em certos momentos. Mas não deixou.”

Foi essa a sua vitória. Final. ■



ADEUS ADIADO

Por várias vezes, Amália Rodrigues ameaçou abandonar a carreira, sobretudo após o casamento com César Seabra. Mas o fado e a adoração pelo seu público ganharam

VISÃO Biografia

NÚMERO 3

BOLSA DE
INVESTIGAÇÃO
JORNALÍSTICA
GULBENKIAN

AMÁLIA

A HISTÓRIA SECRETA

COMO A "RAINHA DO FADO" CONVIVEU COM A DITADURA, ESCAPOU À PIDE, CONSPIROU COM COMUNISTAS, AJUDOU PRESOS POLÍTICOS E FINANCIOU A RESISTÊNCIA AO ESTADO NOVO

Documentos inéditos O relatório da polícia política e a carta de Amália para Salazar



5 605248 177627

